

BUÇACO

TÍTULO I

Origens e Evolução

Relatório Sinal do Curso de Engenheiro Silvicultor

por



Luísa Marique e Albuquerque

1935

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

BUÇACO

TÍTULO I

ORIGENS E EVOLUÇÃO



Relatório Final do Curso de Engenheiro Silvicultor

por

José António de Pina Manique e Albuquerque

1935

O Instituto não se responsabiliza
pela doutrina exposta neste rela-
tório.

PREFÁCIO

Não se veja pretencioso o título: somente aspiramos a não deixar no olvido alguns sucessos revelados por nossas lucubrções insistentes: e outro-sim nos abalançámos a prescrutar as origens misteriosas do Bosque Santo -por natural atracção do tema, que a própria etimologia do nome nos parece sugerir.

A um licenciado com pretensões a naturalista, mas sem possuir por enquanto a indispensável bagagem científica, prudentemente se impunha não sair do campo meramente fisiognómico, reservando a um estudo de maior fôlego o desbravar o domínio ecológico dessa mesma estância, devidamente contida no quadro da Fitogeografia europeia.

Para breve será o empreendimento, servindo-lhe como Introdução este relatório.

Copiosos elementos nos sobram a fazê-lo: -uns, colhidos em 8 mezes de intensivos trabalhos de campo; outros, resultantes de compilação na copiosíssima bibliografia ecológica do Instituto Botânico de Coimbra.

Que todo êste nosso esforço eficientemente sirva a Silvonomia e a Agronomia portuguesa: e haveremos atingido o nosso alto desígnio.

Eugene é o tema que seduz o naturalista, o historiador e o esteta. Não poucos dos 1^{os}. tetaram prescrutar-lhe os segredos com profundeza d'análise, devassando os domínios da Oro-tectónica e da Flora, da Fauna e da Geologia.

Històricamente, a Crónica dos Carmelitas e a Benedictina Lusitana permitem reconstituir a paisagem do Carmelo; e o Poema das "Soledades" servir-nos-há a revelar a antiga Devesa dos Bispos de Coimbra.

Nos domínios da Estética possuímos copiosa bibliografia, enaltecendo em prosa e verso a obra da Natureza.

Não basta, porém, o que há feito: inexplorados, quasi, restam alguns domínios, contando-se nêles o estudo agronómico dos solos: a ecologia dos massiços florestais: a própria fisiognomia do arvoredo indígena, interpretada à luz hodierna da Geobotânica.

Não bastam o espaço e o tempo disponíveis, a relatar o muito que, nalguns dêsses domínios, poderíamos relatar: foi mister circunscrever o aproveitamento de nossos elementos d'estudo. Com desgosto o fizemos: porém tal o impôs a força das circunstâncias.

No 1^o. título dêste relatório, após descrever suscintamente a génese do território, referímo-nos à função religiosa do Bosque santo desde os tempos áureos do paganismo distante, até à extinção do Carmelo.

Os vários quadros da paisagem local prenderam-nos, sobretudo a

atenção.

Uma leve Crónica, sintética quanto possível, da obra florestal empreendida, é posta pela primeira vez em justo relêvo.

Marca-se alfim o destino que o Buçaco, de futuro, em nosso aviso deve ter .

Dedica-se a parte 2ª. ao estudo fisiognómico de cada talhão.

De princípio dir-se-á o critério que presidiu à individualização dessas unidades principais, sub-divididas a seu turno em unidades menores.

Desprever-se-á o actual aspecto dos arvoredos e o que foi em outros tempos, dizendo as razões da mutação operada. Os sucessos históricos nitidamente localizados tratam-se no talhão correspondente.

O grau de prosperidade de cada essência aprecia-se ante o crescimento etário. Este último elemento é consequente de copiosas medições por nós feitas -cêrca de 8.000 dendróbios mensurados-, e idades por nós também averiguadas. (cf. o Relatório de tirocínio.)

Finalmente dão-se alvitres, de onde a onde, acêrca do restauro parcial da Mata virgem e outro-sim da valorização estética dos principais recessos da Estância.

Gráficamente, da minuciosa Carta Dendrológica geral, por nós levantada na escala de 1/1.000, extraímos, representando-as em atlas, 29 cartas parcelares, que tantos são os talhões. Nelas pode ver-se a subdivisão em secções e parcelas, e bem assim o local, quanto possível exacto, dos principais exemplares dendrométricos, contendo em

circunferência a nota do respectivo diâmetro.

O Talhão do Convento mereceu-nos especial cuidado; porque êle alterado por completo está em sua topografia, intetámos reconstituí-lhe o aspecto antigo: e pensamos havê-lo conseguido.

Algumas obras de utilidade e aformoseamento que propomos e aos domínios da Ecologia e da Estética se referem, vão também indicadas nessas cartas parcelares.

Por ser Coimbra o centro cultural mais perto de Buçaco, e o nosso Instituto Agronómico ficar excessivamente distante, tivemos de fazer nossa base d'operações no Instituto Botânico da Universidade de Coimbra.

Cumpre-nos exarar o nosso preito de gratidão pelo benévolo acolhimento de seu ilustre Director, -Dr. LUÍS WITTNICH CARRISSO,- espírito altamente culto, de quem o Buçaco merece um especial carinho.

A diagnose florística da vegetação expontânea, feita sobre exemplares de que fomos colector, devêmo-la ao Sistemata do mesmo Instituto, Dr. ASCENÇÃO MENDONÇA, a quem, igualmente, muito somos devedor.

Finalmente, não deixaremos no olvido o tão humilde e obscuro auxiliar que tivemos nos trabalhos de campo: o jornaleiro António Pires, da aldeia de Sula, que, servindo de guia, muito nos aproveitou.

BREVE INTRODUÇÃO

A plicatura ou dobra orográfica denominada Bucaco teve gênese remota e atormentada evolução. Acompanhar-lhe, embora rápido, as vicissitudes, é assistir a um empolgante dinamismo.

Na aurora do Paleozoico o velho solar lusitano jazia imerso. Movimentos antecâmbrios, no Agnostozoico (Cb.1), fizeram porventura que o "horst" da futura Meseta a vez 1ª se erguesse, ondulado de plicaturas NE-SO, a seu tempo erodidas. Agora, porém no seio das águas, começa a sedimentação Paleozoica.

Interrompem os movimentos caledônicos êsse labor, enrugando os extractos de SE a NO. Fácias litorais e pelágicas, em concotância, denunciam profundidades diversas dum relêvo submarino. Acompanha a edificação uma erupção diabásica, provocando num movimento ascensional a emersão da futura Península. Depósitos calcários - testemunho de emissões hidrotérmicas - comprovam essa actividade vulcânica.

As condições biológicas sofrem alterações profundas: uma invasão da fauna 3ª opera-se, fazendo concorrência à declinante fauna 2ª.

Uma vez a descoberto, a sedimentação interrompe-se no edificio paleozoico, cujo relêvo sofre gradualmente uma erosão completa.

Extinto o vulcanismo, recomeça o movimento descendente, reatando no Gotlandiano (S.2) a interrompida sedimentação.

Novo ciclo de actividade orogénica sobrevem no médio Antra-

colítico (H.2). Foram seus agentes os movimentos hercínicos, actuando no substracto antigo e sua discordante cobertura paleozóica, mas esculpindo principalmente as formações post-cambrianas.

Erupções graníticas acompanham êsse dinamismo orogénico. Repete-se como antes o movimento ascensional: e um continente enrugado de plicaturas NO-SE emerge gradualmente.

Uma erosão activa, acompanhada quiçá, dum regime torrencial, desnuda parte da lombada hercínica: por isso tão abundantes são os conglomerados e raros os xistos.

Uma exuberante flora tropical, fossilizada em bacias hulheiras, dá testemunho dum regime lacustre, deixando o Estefaniano e o Antuniano documentados.

Mais tarde, novos movimentos pré-triásicos, de origem atlântica, abalam e rejuvenescem a actual lombada silúrica, esculpindo-a vigorosamente; e outrossim lhe promovem abatimentos marginaes.

Êsses movimentos póstumos-hercínicos relacionam-se com a fragmentação do velho edifício das Altaides ocidentais - no dizer de SUESS. O continente atlântico ficara submerso, restando falhas a cortar normalmente as dobras hercínicas. Tal se vê no extremo NO do Buçaco actual, onde o Silúricoem contacto com o Antuniano bruscamente se interrompe.

Nesta resolução em "horst" filia-se a individualização da Meseta lusibérica.

Nos alvares da Era Secundária, o edifício tectónico da Península completara - diz o Prof. FLEURY - o período heroico da sua história: d'ora em diante há relativa calma nos movimentos orogénicos.

nicos.

Entretanto, a plataforma das Beiras é teatro de regressões e transgressões marinhas, sucessivas auréolas acrescentando ao edificio antigo.

No geo-sinclinal que a Occidente ladeia a Meseta, sedimentos litorais resultantes da transgressão no Trias (T) depositam-se em discordância plena com as formações paleozoicas. Depois, um movimento de regressão começa, afastando-se cada vez mais as sucessivas auréolas. Já o Liásico (J1) patenteia uma diferença de fácias acentuada: e a regressão prossegue no Dogger (J;2) e no Malm (J.3), atingindo a culminância no Eocretácico.

Por repercussão de erupções vulcânicas de ofites e tēquenites nova transgressão se opera. Os mares invadem não apenas seu antigo domínio, como ainda ultrapassam o rebordo desgastado da Meseta, insinuando-se em golfo na plataforma das Beiras.

Depósitos senonianos (C.5) constituem hoje, a Poente da Meseta, o sub-solo da Gândara; e também dão testemunho da sedimentação operada nas bacias de Mòrtágua-Tondela e de Louzã-Arganil.

Um período de convulsões orogénicas inaugura o Terciário. O Paleógeno tem decisiva importância no modelado periférico actual.

Quasi planificada estava, pela erosão secundária, a bordadura ocidental da Meseta. As camadas estratificadas do antigo sinclinal silúrico, já com a orientação que ora tem, ocultavam-se sob um manto de grés cretácico.

Operam-se no Eocénico os movimentos pirenaicos: enrugam a orla mesozoica e repercutem-se no rebordo da plataforma beirôa.

Forças tangenciais às antigas dobras hercínicas erguem em bloco, segundo linhas de fractura, a lomba actual do Buçaco, rematada notavelmente por seus retalhos de grés: e dest'arte renovado foi o perdido relêvo d'outrora.

Pode dizer-se, em suma, que o Buçaco, orogénicamente, é uma plicatura hercínica, onde a erosão pôs a descoberto as possantes e refractárias quartzites de Bilobites, do Ordoviciano (S.1) individualizada no médio Antracólfico (H.2): rejuvenescida por movimentos póstumos-hercínicos: nivelada parcialmente pela erosão secundária: finalmente erguida em bloco pelo diatrofismo pirenaico, nos princípios do Eocénico.

Bibliografia

Aristides Girão. (1922)
 1
 Choffeul (Paul). (1885 e 1907)
 Ferraz de Carvalho. (1930)
 Figueiredo (Felipe). (1900 e 1908)
 Fleury. (1919, 1922 e 1922)
 Macpherson. (1901)
 Mendes Correia. (1924)
 Nery Delgado. (1900-a; 1900-b; 1908)
 Simões da Costa. (1931)
 Wenceslau de Lima. (1890)

TÍTULO - I^o.

CAP. I - DO BOSQUE SACRO

"Tudo em Bussaco são mysterios,
mesmo o seu proprio nome."
(FORJAZ DE SAMPAIO)

Esta palavra BUÇACO parece acordar reminiscências do Paganismo transportando-nos na bruma do tempo a os mitos druídas, itálicos e germânicos.

Nenhum documento porém há, nem tradição oral ou escrita, elucidando o problema; sòmente a Etimologia nos concederá, porventura, um brande fio de ligação a êsse passado distante.

O étimo do nome BUSSACO (na grafia tradicional) tê-lo-emos, quiçá, no vocábulo substantivo "Boscus-ci", usado no baixo-latim, e completado da fôrma neutra do qualificativo "sacer-sacra-sacrum".

O termo latino proviria a seu turno de idiomas germânicos, seja o alto-alemão "bosk" ou o escandinavo "busk". (1)

(1) - cf. Diccionario de la Lengua Castellana, por la Real Academia Espanola, Madrid 1899.

id. Etymological Dictionary of the English Language by WALTER W. SKEAT. Oxford. 1910

Directamente do latim receberam o português e o castelhano o equivalente "bosque" e seu diminutivo "bosquete": o italiano, "bosco" e "boschetto": o proveçal "bosc".

No velho escandinavo descalçam-se o "busk" dinamarquês e o "buske" sueco.

Próximos do alto-alemão são o holandês "bosch", o inglês "bush" e o baixo-alemão "Busch".

Seu equivalente francês é "bois", provindo do germânico por intermédio das formas arcaicas "busch", "bosch" e "busc", corrompidas em "boo" e "bo" nos dialectos borgoñês e picardês. (1)

Vê-se então como as diversas línguas euro-ocidentais possuem variantes do mesmo vocábulo, provenientes de uma raiz comum; falta indagar se os povos que exerceram no Oeste da Península influências culturais tinham o culto por êle sugerido.

A dobra orográfica actualmente denominada Buçaco demorava na baixa Lusitânia entre o Munda e o Vácua.

Tribos lusitanas mais ou menos cultas pela influência céltica(2) povoavam os férteis plainos até ao mar, sofrendo de quando em vez as incursões rapaces dos lusos montanheses. A pecuária ser-lhes-ia a mór fonte de riqueza: os carvalhais dilatavam-se então pelas quebradas e encostas, oferecendo ao armentio suas frutescências a-

(1) - LITTRE. Dictionnaire de la langue Française. Paris 1863.

(2) - Revela influencia céltica o onomástico em "briga" por ex. Ta-

bundantes. (1)

O folclore europeu fez dos montes residência de génios, gnomos e fadas. Impressionante pela grandeza e altura: com seus páramos ocultos, seu coroamento de névoas, suas grutas recônditas, seus veios metalíferos, ecos misteriosos, temerosos resvaladouros e ruidosos desmoronamentos em ocasião de tormenta: -as mentes primitivas fácl lhe atribuíam personalidade. E êsse impressionismo enroupado de maravilhoso é tentação d'espíritos cultos e génios da literatura, bastando citar BYRON e WALTER SCOTT, OLAVO BILAC e TEIXEIRA DE PASCOAIS.

Autores latinos registaram o culto da Montanha entre os Lusitanos. COLUMELA refere que havia no extremo ocidental junto ao mar um monte que os povos tinham por sagrado. (2)

O professor LEITE DE VASCONCELOS (1905:103.) identifica-o com Monsanto, perto da fós do Tejo. O mesmo onomástico se encontra na Beira-Baixa, concelho de Penamacor; e, levemente adulterado, em Monsão, na ribeira do Minho.

Dest'arte os Lusos podiam eqüiparar-se aos demais povos ari-

lábrega e Conímbriga, na região dos Túrdulos Vedros, entre o Mondego e Vouga.

(1) - "Os Lusitanos eram sóbrios e muito frugais..."Na montanha, o principal alimento durante grande parte do ano eram as glandes de carvalho que moíam e de que fabricavam um pão." "O vestuário dos homens era feito de lã grosseira ou de pelo de cabra." (ESTRABÃO, cit. por MENDES CORREIA. 1924 : 116.)

(2) - "Cum sit notissimum etiam in sacro monte Hispaniae, qui procurrit in occidentem iuxta oceanum..." (COLUMELLAE. De Re Rustica. liv.VI.cap.XXVII.pg.235.)

nos, entre eles os Galos, que, segundo TITO LÍVIO, em certa região dos Alpes adoravam um deus "quem in summo vertice Poeninum montani appellant." (ibid.:104.)

PÉREZ PUJOL (1896:76,78.) refere como na Hispânia pré-romana se associava ao culto do Lar também o da Natureza -tal como nos greco-Latinos e Celtas-: "verbi gratia" o das fontes, dos rios e dos bosques acusando todavia diferenças dos ritos druídas das Gálias.

Em território próximo, JUSTINO (hist. do séc.II) aponta nos confins da Calécia -quicá entre os Celtas de Artabro- um monte sacro, "mons sacer", onde roturar era sacrílego. (LEITE DE VASCONCELOS. op. cit.:104.)

Finalmente, o próprio Endovélico fôra primeiramente deus da Montanha -"genius loci"-; e seu culto perdurou até ao séc.IV, chegando à culminância no tempo da romanização da Península. (LT. DE VASCONCELOS. op.cit.:145.)

Mais generalizado seria o culto dos bosques: quando o homem silvícola morando ao abrigo das árvores na espessura da selva, forrageava os frutos silvestres e abatia a caça errante, exposto às inclemências do tempo. Vendo em tudo que o cercava palpitar a vida, sentiria brotar um temor supersticioso, levando-o a reconhecer uma divindade silvana.

Que aos povos do Noroeste hispânico não fôra estranho esse culto, no-lo revela um nome de cidade galaica que se diz Ne-

metobriga, e cuja raiz "nemeton", derivada do gaélico "nemeth" ou "nemed", significava indistintamente santuário ou bosque sacro.

(op. cit.:108.)

Também havia, na Gália, Augusto -nemetum, significando -santuário d'Augusto; e ainda, com sentido idêntico, Lucus-Augusti- nome de várias cidades, uma das quais na Calécia: a Lugo actual. Só porém as tribos de ascendências céltica foram detentoras desse culto bosquivo? e assim sendo, não teria o romanismo obliterado os ritos da Floresta? e não assim, também o advento de povos d'estirpe germânica? a autoridade de OLIVEIRA MARTINS no-lo contesta.(1)

(1) -"Para quem do Báltico...as árvores são altares, templos as florestas, offertas os fructos da terra."

"Entremos na floresta sagrada. Os carvalhos nodosos, sempre verdes com a sua folhagem rendilhada por onde aluz passa como n'um crivo, distribuem no ar uma chuva de scintelhas de sol.

"Tremem com o vento as ramarias sussurrando com vozes divinas, e assim treme a poeira de luz que allumia a clareira do bosque.

"O ar vive, palpita e fala; nos altos ramos das arvores, bordando no céu uma renda mysteriosa, pousam os deuses invisíveis; dos troncos rogosos pendem as pelles e as cabeças dos animais sacrificados no altar."

"A floresta da Itália é diversa da da Germânia, mas as impressões que as sombras e rumores das arvores accordam no espirito são idénticas."

"Agora porém, o sussurrar do bosque meridional,...é ainda um positivo murmurar de deuses, um sussurro de almas que perpassam com o vento, com sombras, quando a aragem põe em movimento a teia espessa de folhagem nos ramos entretecidos."

"E na floresta obscura e palpitante, cego ramalhar infunde terror religioso na alma do italiano, nessas grutas escuras de folhagem verde negra, em que o pinheiro esguio alterna com a oliveira suave e com a figueira extravagante, é aí que habita... Fauno, o deus da floresta..."

"A vida é cruel no meio d'esses bosques que as feras infestam, erigidos d'espinhos das arvores impenetráveis ou hostis."

"Os mythos são monstros, a devoção medo, o culto holocaustos..."

"Fauno foi sempre adorado ao ar livre, nas cavernas e nos bos-

Assim sendo, não há razões para supor que o culto sílvano se obliterasse anteriormente à difusão do Monacato, operada na Península só a contar do século V.

Qual fosse, localmente, o quadro da paisagem, iremos indaga-lo.

De há milénios, o diatrofismo pirenaico soerguêra nos plainos ondulados da Gândara a antiga lombada hercínica: BUÇACO -unidade orográfica- já possuía a contextura geo-agrológica que ora tem.

Também averiguado está que no decurso dos tempos históricos não houve alteração sensível nos climas regionais.

Conseqüentemente a floresta climática seria idêntica à actual -por fortuna mantida nas reservas que a piedade carmelitana nos legou. Então como ainda hoje, seriam os Carvalhos caducifólios

que sagrados que ficaram bordando os campos em memória já inconsciente das brenhas do passado: nem a civilização pôde torná-lo doméstico."

"Fumo, a alma da floresta, era o mytho da fecundidade, animal e vegetal..."

"A civilização tornou campinas e pastagens as brenhas de outrora. Trilharas-se, queimaram-se os bosques: a terra pôde receber em cheio a luz do sol e abrir o ventre fecundo ás sementes..."

"Mas não se apagam assim as lembranças do passado... Os espiritos dos bosques vivem ainda pelas brenhas dos montes, nos pendores do Apennino, com os seus santuarios nas clareiras -nemora, lucus d'onde veio o nome á Lucania." "E o proprio lavrador das varzeas e terras baixas, arroteando as leiras, deixa de espaço a espaço, mosqueando a campina, grupos de arvores sagradas que são os santuarios venerandos do passado."

(Systema dos Mythos Religiosos. 1922: 224-228)

as essências dominantes: excepto nos locais de menos propícia a-
grologia, onde preponderavam arvoredos mediterrânicos -tais o
Arvodo e o Aderno. Finalmente, nas partes mais fragosas e alean-
tiladas seriam vastas as clareiras, onde medravam matos e pasta-
gens de gramíneas. E êsses quadros de vegetação dendrológica de-
viam sobressair entre os bosquedos meso-xerofíticos da orla meso-
zoica, onde o chão mais ou menos calcáreo se apropinqua ao modesto
Carvalho Lusitânico e suas moitas de Garrasco e Azinho, entremean-
do com mirtos, zambujais e olivedos.

O Luso da Beira-mar, habituado à campina onde pasciam os
seus rebanhos e manadas, -fosse êle cidadão romano membro da "ci-
vitas", ou advena Suevo da Germânia umbrosa- ascendendo ao 1.^o
socalco da Meseta que lhe limitava por essa banda o sector da pai-
sagem, impressiona-lo-ia o nemoroso bosque onde sempre viridente
floria o Louro -árvore de Apolo: e pompeava o Roble -ara sacra
de Jupiter, e santuário venerando de Germanos e Celtas.....

Indague-se finalmente, para remate dêste capítulo, dentre
os muitos sinónimos da palavra Bosque, os que se podem aplicar à
paisagem do Espaco antigo.

Etimologias Florestais

(Ensaio)

M O N T E

Etim. -do lat. "Mons, montis" e da raiz "min" que significa -eminente (1), donde aventamos proviesse Emíneo, no sítio da moderna Coimbra, e quiçá Ermineo -a Serra da Estrela.

Em castelhano, a Academia da Língua dá esta definição: "grande elevação natural de terreno; terra inculta, coberta de árvores, arbustos ou matos." (2)

VÁLDEZ (Diccion. Español-Portuguéz) define-o "terra alta, com penhascos, pastos e arvoredos," aplicando às vozes latinas "dumetum", "quercetum", "nemus" e "sylva". Mais apresenta êsse vocabulo no sentido agrário de montado: terra inculta, não lavrada em tempo certo, e coberta de mato ou arvoredo.

Em português correntemente se diz -terra de monte, por terra de pousio; e monte maninho, por chão baldio; mas a noção de revestimento florestal entre nós obliterou-se, ao invés do acontecido em castelhano.

Na tradução do Código Visigótico -notabilíssima compilação

(1) - Grand Dictionnaire de la Langue Latine p. GUILL. FREUND. traduit en français par N. THEIL. verb. "Mons" Paris 1855.

(2) - Diccionario de la Lengua Castellana por la Real Academia Española. XIII edición. Madrid. 1899.

jurídica de fins do séc. VII -"monte" é a tradução do lat. "silva", exprimindo- extensão de terra coberta de plantas silvestres e espontâneas (Encicl. Espasa art.^a. MONTE.) Presumimos, no entanto, haver reminiscências dêsse anterior significado na palavra portuguesa montaria, relacionada com as espécies superiores da fauna venatória, cuja existência só era possível havendo brenhas onde se acou-tasse. Hoje, porém, êsse espontâneo revestimento dendrológico de nossas serras, exceptuando poucas, pôde dizer-se perdido, com evidente, prejuizo das empresas cinegéticas: daí, por certo, a obliteração do vocábulo.

Portanto, no antigo conceito equivalente a bosque, o monte significava lugar eminente, cujo manto florestal não era objecto de tratamento algum, e onde proliferavam a fauna venatória.

O próprio relêvo do solo, implicando as mais diversas condições estacionais, promoveria um revestimento silvícola mui desigual: daí, as clareiras do arvoredo, preenchidas de matos e pastagens uniformes o teor de humidade substractiva. Tal devia ser o Buçaco antigo: menos fechado que actualmente. Com efeito, reza a Crô-nica dos Carmelitas (pg. 88.) que houveram de roçar mato antes de collocarem os alicerces do Convento. Demais, se adoptáramos a etimologia da palavra bosque do grego "bosko-boskein" (=pastorear, apascentar), a mesma noção de arvoredo claro, entremeado de pastagens, sobreviria.

Diremos, em remate dêste capítulo, que os mais antigos diplomas concernentes ao Buçaco -séc. X e XI- nos falam de "monte bu-

zacco" (984 e 1094): "monte buzzako" (1006) e "mons buzacco" (1019):
(cf. "Portugal.Mon.Hist. - Dipl. et Chart." vol.I fasc.I) e, com toda a verosimilhança, na acepção primitiva. (1)

(1) - Por absoluta carência de tempo não expomos ensaios etimológicos das palavras Mata, Floresta, "Nemus", "Lucus", "Silva", "Saltus" etc. reservando-os a futuro empreendimento.

CAP. 11 - D O E R M I T É R I O B E N E D I C T I N O

Ao séc. IV remontam as 1^{as}. ordens monásticas da Península (1).

Na Lusitânia, um dos mosteiros mais antigos foi o de Lorvão, quiçá remontante aos meados do séc. VI. (2)

Também reputado mui antigo o mosteiro da Vacariça, suposto coevo e filial do anterior. (2)

O cronista agostiniano FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO atribui-lhes a fundação ao eremita PAULO ORÓSIO; (3) porém o autor da Benedictina Lusitana designa-lhes por fundadores os Monges Bentos, estabelecidos na Lusitana, segundo êle no tempo que os Suevos senhoreavam Coimbra.

Nesta versão, o da Vacariça teria sido fundado em 541. (4)

Os depoimentos divergem: concordantes apenas em serem inicialmente da mesma ordem e terem o mesmo fundador.

A êsse tempo o Monacato enraizava na Península, após vicissitudes sem par. No declínio do Império Romano do Occidente, os Alanos, de 411 a 418, assolaram a Lusitânia, até serem expulsos pelos Godos.

Logo sobrevieram os Suevos, cujo período de maior expansão, com Réquila, vai de 438 - 448.

Em seguida, os reis visigodos Teodorico II (452 - 466) e Eurico lhes restringem os domínios à Galécia, e parte Oeste da Lusitânia até aos confins da moderna província das Beiras.

D'orçante, o reino Suevo desfruta um período florescente e

- (1) PÉREZ PUJOL. 1896. 1:397.
- (2) FORTUNATO D'ALMEIDA. 1910. 1:99.
- (3) aut. cit. 1642: 115.v.
- (4) FR; LEÃO DE S. TOMÁS. 1651: 306.

pacífico, a tradásimos assim, como fez PÉREZ PUJOL (1896.11. 12-13.)
e silêncio das crónicas, de 464-550.

A difusão do Cristianismo teve seu remate na conversão de Teo-
douro rei dos Suevos (559-570), e nos concílios bracarense de 561
e 572, convocados pelo rei Miro seu sucessor.

Em 585 foi o reino galaico-lusitano incorporado na Monarquia
visigótica por LEUVIGILDO, rei ariano; breve, porém, seu sucessor
SUAÍNDI abraçava o catolicismo.

D'então por diante, o Monacato pôde viver e prosperar nas Hispâ-
nias, até à fatal jornada de Guadabeca.

Os dois mosteiros que nomeámos ficavam nas faldas da Serra do
Lagoa, e sua história anda ligada à evolução do Bosque santo. O de
Lagoa é légua e meia a NE de Coimbra; e o da Vacarica, no extremo
SE da mesma unidade orográfica.

O cronista FR. LEÃO DE S. TOMÁS, após descrever, do primeiro,
a data da fundação, -que atribue, sem base sólida, aos frades Ben-
guet,- relata que o nome lhe proveio de um Loureiro antigo posto no
dito lugar e junto ao qual os monges edificaram o convento; e acres-
centa:

"Antigamente o signal das casas seras grãdes, seras
Pesas, & principaes era teras Loureiros plantados
junto de sy. Por onde lhes chamou Plinio galante-
mente Porterios & Guardas das Casas dos Caesares
& Pontifices: (Laurus gratissima domibus janitrix
Caesarum, Pontificũ; qua sola & domus exornat, & an-
te lumina excubat.)..."

O local era deserto; e, por muito recôndito, visto ser profun-
do e ladeado d'altos taludes, contentou sobretudo os peregrinos, que,

breve, começaram a edificar.

Relata o cronista como ainda em pleno séc.XVII -escrevia êle em 1651-, posto fôsse lugar tão frequentado e as brenhas estivessem tão destrastadas, causava espanto a quem ia de Coimbra a profundeza do recesso e apertado o mosteiro aí ficava, a ponto de o muro da cêrca e algumas ermidas irem subindo pela encosta acima. (aut.cit. 1651:306)

Do relato se pode inferir que nêsse tempo havia ermitérios no treço meridional da Serra; e que tempos antes o Buçaco tivera um man- to florestal mais denso.

No outro extremo da Serra teriam posto os fundamentos d'outro cenóbio da mesma orden, junto à povoação da Vacariça, donde lhe adveio, por latinização do qualificativô, o apelido de bubulense.

D'êste último só havemos porém noticiacerta no comêço do séc.XI(1) ao invés, a existência do cenóbio laurbanense comprovada está em diploma do séc.VIII, sendo monarca reinante Ordónio d'Oviedo. (2).

Porém, por então havia pouco, a conquista moçulmana da Península. O cronista agostiniano pinta de negras côres a irrupção sarracena, em que os monges bubulenses teriam sido passados à espada, ficando abandonado o mosteiro da Vacariça até ao advento em Portugal da regra de Cluny. (aut.cit. 1642: 115 v.)

Melhor sorte houve o cenóbio de Lorvão, deixado incólume segundo a regra a Benedictina Lusit. (1651: 316.)

A rendição de Coimbra firmou o direito da população moçárabe a

(1) Port.Mon.Hist. - Dipl. et Ch.: doct^o.II.
(2) ibid. : doct^o. CLXXXI. (1002).

... todos ou parte de seus bens, o mesmo sucedendo a alguns conventos, entre eles o laurbanense.

Testemunho certo da tolerância dos primeiros amires da Lusitânia nos dá, em 734, uma carta de privilégio, concedida aos monges de Lorvão por Alboacem -neto de Tárique e amir de Coimbra-, na qual são feitos os seguintes pontos de tributos: se lhes reconhece o pacífico usufruto de seus bens e o livre trânsito no território dentre o Alva, o Mondego e a Agueda. Deu aso ao acontecido o bom agasalho que o amir teve dos monges, certo dia que andava à caça pela serra visinha.

A carta diz assim:

"Alboacem, filho de Mahomet Alhamar, neto de Tárique -o grande batalhador: porque me poz o grande Deus sobre toda a gente dos Nazarenos, & me fez senhor de Coimbra, & de toda a terra entre os rios Alva & Mondego & Agueda, por onde se dividem minha jurisdicção, ordenei que... o Mosteiro dos Montarhezes, que se chama de Lorvão, não pague pezo algum, porque com boa vôtade me mostram o lugar onde pastão seus veados, & fazem aos Mouros bom gasalhado, & nunca achei naquelles que shy morão mentira, nem na vontade: & possuão em paz, & boa quietação todas suas herdades sem discordia, sem vexação nã força da parte dos Mouros..."
(Monarchia Lusitana. l. VII. cap.VII.fl.292-v e 293.) (1)

Tradução de FR. BERNARDO DE BRITO. O texto original, na parte que nos interessa, é o seguinte:
"Alboacem, Iben Mahomet Alhamar, iben Tarif bellator fortis & c..."
"Monasterium de montanis qui dicitur de Laurbanum non peche nullò pesante, quoniã bona intentione mostrent mihi loca de suis venatis, & faciunt Sarracenis bona acolhensa, & nunquam inuenit sũ neq̃ melum animum in illis, qui morant ibi, & totas suas hereditates possideant cum pace..."
(cf. Benedict. Lus. 1651:317.)

Sob a 1ª. dominação árabe, o bispado de Coimbra não foi exten-
to. Do facto nos dá testemunho -se aceitarmos a asserção de FR.
BERNARDO DE BRITO (1)

Este documento nos apresenta as coutadas laurbanenses, provável-
mente sitas no troço meridional da Serra do Buçaco.

Terras hervagens decerto lá havia, onde pasciam os veados do
Mosteiro.

Nêste primeiro período muçulmano -do emirato damasquino- os Mon-
ges de Lorvão viram mais e mais engrandecido pãlas doações mosára-
bes e cristãs o seu mosteiro.

E ainda no período seguinte -do emirato andalús independente- os
Monges conservavam um grande ascendente moral sobre os próprios
sãeres conimbricenses. Tal o persuade a letra da escritura de doa-
ção feita em 770 por TEÚDO, Conde dos Mosárabes de Coimbra, a Adul-
fo-Abade de Lorvão-, a qual reza assim:

"Nós, TEÚDO, Conde dos Cristãos de Coimbra, reconhe-
cido aos constantes benefícios que, entre nossos ini-
migos, de quem sofremos constantes vexames, Deus
nos concede: e porque já duas vezes salvo da morte
nós fomos por intervenção de ATAULFO Abade de Lorvão,
e de seus Monges, ante a condenação que sofremos de
MARVAN, filho de ZORAH e Senhor de Coimbra: faço
doação ao predito Mosteiro... de duas herdades que
tenho em Almofala, no território de Coimbra...
"E como por graça de Deus nós sabemos que o dito
MARVAN Iben-ZORAH tem por amigo a vós, Abade Adul-
fo, e vai muitas vezes à caça de vossos veados, e
lhe dáis pousada e aos seus... quando nós ou outros
Cristãos estivermos encarcerados, cuideis de nos
advogar junto dêle." (2)

(1) Monarchia Lusitana. l. VII. cap. VII, t. II, fol. 292 v e 293.

(2) Texto original:

"Ego Theodius Comes Christianorum, qui sunt in Colimbria, cognos-
cens multa bona quae recipio quotidie de manu Domini... in medio
a nostrorum inimicorum, qui nos undique premunt, & vexant quotidie...
quonia fui jam per duas vices salvatus à morte per petitionem

No decurso do séc. VIII e 1.^a metade do seguinte, a reacção neogótica andou restrita aos territórios hispânicos d'Além-Douro.

Entretanto, sob o governo tolerante dos amires de Coimbra, os frades de Lorvão iriam arroteando as brenhas circunjacentes, como era próprio das regras monásticas d'então.

Já nos tempos distantes da Monarquia dos Suevos, todos os mosteiros possuíam hortejos e campos onde agricultural; arroteavam-se os matos: a lavoura atria a povoação: e em breve uma vila ou aldeia se congregava em torno do convento.

Os monges, pessoalmente, executavam trabalhos braçais, cuidando das glebas e dedicando-se à criação de gado.

A pecuária teria meio propício nas circunjacências do Mosteiro da Vacariça, cujo onomástico persuade fosse aí, de longa data, uma industria tradicional. O chão nas imediações é fértil e bem irrigado, indicando a própria toponímia, aptidões pascigosas: -Lameira de S. Rufina e Lameira de S. Pedro (freg. do Luso); Lameiras do Couto e Lameiras de S. Geraldo (freg. da Vacariça).

No território de Coimbra, o domínio árabe interrompe-se pelas conquistas de Afonso III de Leão, reinante em 866-910.

O primeiro documento d'este novo período é um instrumento pelo qual

Aydulfi Abbatús de Laurbano, & suorum Monacharum, quoniã me cõdenavit Marvan Ibenzorah ad dominus in Colimbria...do monasterio praedicto...duas hereditates quas ego habes in Almofala territorio Colimbrie...
Et quia Dei gratia, novimos dictum Marvan Ibenzorah, esse amicũ de nobis Abbas Aydulfos, & ire ad vestrum monasterium multis vicibus, ad caçam de vestros venatos, & dormit ibi, & manducat cum suis; curã vos habendam tenebetis cum ego, & aliji Christiani furmus in praesentia, venire ad illum, & rogare pro nobis..."
(Monarchia Lusit. 2.^a. Pt. liv.7 pg. 411.)

Ordonho I (850-866) dá ao mosteiro laurbanense "villa que dicunt Algasala... in suburbio conimbrie" -feito crívelmente, no mesmo ano que o sucessor Afonso III expugnava a cidade-.

No tempo que vai daí até à reconquista árabe de Coimbra por Almansor, em 987, há frequentes doações ao mosteiro de Lorvão, algumas abrangendo propriedades sitas nas faldas do Buçaco.

Uma das principais é a doação da vila de Gondelim, sita à beira do Mondego, "cum illos barcos et cum illo porto et cum suis villares et cum suas valles que discurrunt de monte buzaco de portella de salice usque ad ribulum mondecum et ex alia parte per illa portella de cerquosa sicut acue discurrunt quomodo ferit in uanelum ad ribulum mondecum...".

O território doado seria um latifúndio cuja extrema ocidental era, no troço meridional de Buçaco, a linha d'águas vertentes, abrangendo assim, por essa banda, todo o pendor da encosta.

A portela servindo-lhe de balisa corresponderá à actual portela de Oliveira, que dá o nome à pirâmide tigonométrica de cota 472.

Dest'arte, sem ultrapassarem domínio seu, os frades de Lorvão podiam de quando em vez dedicar-se em Buçaco à vida anacorética.

Carecendo embora de provas directas, uma vívida tradição no-lo aponta como lugar de penitência. Eis o testemunho do cronista carmelitano:

"Entre as 127 casas que o Instituto Benedictino contou na Lusitânia, foi célebre o mosteiro bubulense: assia pelo amplissimo numero...de villas & lugares, que varios, & piedosos doadores lhe sugyteram, em cujo patrimonio entrava a nota vel villa de Aveyré..."
...ao Senhorio desta casa, como insinua D. Bernarda (1), pertencia tambem a Serra do Bussaco."
(FR. JOÃO DO SACRAMENTO.1721:84.)

Apresentamos o rol de doações territoriais aos mosteiros de Lor-

vão e da Vacariça, muitas delas por nós identificadas, na toponímia actual:

Doações ao Mosteiro de Lorvão

- 917 - Igreja de S. Martinho de Celas (PMH-DC)
- 919 - vila Gondelini: Gondelina,
- 927 - v. octil: Outil, Cantanhede.
- v. coua : Vila Nova, Penacôva.
- 933 - S. Mameti : Lorvão, Penacôva.
- v. albalat (= aqua lata) : Ribeira? Torre de Vilela? Coimbra
- 937 - Sausellas: Souselas, Coimbra.
- Anzana: Ançã, Cantanhede.
- 938 - Lauredo: Arrifana, Poiares.
- 939 - fose de paula: ?
- 943 - sancto cucufati in v. de arcus: Arcos d'Anadia ?
- serpinis: Serpins. Louçã.
- 946 - v. mucella: Mucela, Lavegadas, Poiares.
- 950 - v. silvana: Silvã, Murte de, Cantanhede.
- 952 - v. cordiniana: Carrimã, Souselas, Coimbra.
- 954 - Tentugal: Coimbra.
- Cendelgas: Sendelgas.
- Oleastrelo.
- 961 - cerzeto in ripa d'alua.
- serpinis.
- padalares.
- 967 - (v.) alkapdec.

- 967 - (v.) alceirana.
 - (v.) arazedo.
 - (v.) sancti justii.
 - (v.) talubario.
 - ualle kouo. "in termino de Garbes."
 - (v.) nimenaria.
 - (v.) gondelini.
 - (v.) figaria.
- 968 - varzenas ad porto de aqualada. Ribeira ? Torre de Vilela, Coimbra.
- 969 - v. teoderico.
 - v. framianes.
- 973 - v. albiaster.
 - v. de salas.
- 973 - v. maior et seira: Seira.
- 974 - villavende, ripa rivulo vakariza supus mons busaco.
- 974 - v. sancta columba: S. Cozba Dão.
- 976 - v. larzana: Larzã: Botão, Coimbra.
 - (v) albalat : Ribeira ? Torre, Coimbra.
 - v. ferrariolos: Ferreiros.
 - Seira (Seira: Coimbra.)
- 978 - v. Coselias (Coselhas: Coimbra.)
- 980 - v. alquinitia - terra de Miranda. (v. 1700)
 - Talaueiro (Tãveiro: Montemor.)
- 981 - Traxede, rivulo adon.
 - v. negozela, Travanca.

- 981 - v. Papizinos
- Olivaria de currellos.
- silvares.
- 981 - Recardanes: Recardaes, Águeda.
- valo de castiniarias: Castanheiro do Vouga, Águeda.
- 981 - Lamas: Lamas do Vouga, Águeda.
- uocitata: Macinhata, Águeda.
- 982 - Recardanes cum suis vicis dominatos antolini e ventosa.
- v. belli: Ventosa do Bairro, Realhada.
- v. Gondelini (III^a. pt. de) cum illos barcos et cum illo porto,
et cum suis villares et cum suis ualles que discurrent
de monte buzacco usque in portella de salice.
- 984 - v. olibaria (terras ruptas vel inruptas et pascuis padulibus...
...vineas, pomares...): Oliveira do Mondego, Penacôva.
- 985 - Gondelini: Gondelin.
- 985 - Castrello, Mortalago, Paradela, Malatones, Carbalis e Reveli-
anes.
- Mortalazelic: Mortasel, Sobral, Mortágua.
- 992 - v. alquaitia.
- v. alagazala.
- 1051- villa Cova.
- 1086- vinea in loco Ripella dicto, monte-Buzacco.
- 1089- monte-Lauribano terras ruptas et inruptas.
-

Rodaram os séculos, com suas atormentadas vicissitudes de recuo e avanço da Reconquista. Em 1064 foi a tomada Leonesa de Coimbra.

FERNANDO MAGNO confirma os Monges de Lorvão na posse de suas herdades e lavouras.

Durante os séc. X e XI, os numerosos actos de transmissão de bens por venda, doação, testamento ou outro título, persuadem que as actuais sub-regiões da Beira Central e Beira-Mar, apesar dos sucessivos prélhos de que foi teatro, era já então, densamente povoada de aldeias, granjas, casais e terras de lavoura, notando-se às vezes a cultura da vinha ou de fruteiras -tudo quanto pressupõe a existência duma população agrícola e sedentária. (1)

Basta cópia desses domínios agrícolas eram -já o vimos- pertencentes aos dois cenóbios confrades, situados em ambos os extremos da Serra do Buçaco: e não é difícil prever quanto a actividade monástica, serviu à valorização agrícola de todas essas glebas.

"Os monges beneditinos -diz GUIZOT- foram os arroteadores da Europa, foram elles que a desbravaram em grande parte, associando os trabalhos da agricultura aos da pregação. Uma colmeia de monges, a princípio pouco numerosa, transportava-se a lugares cobertos de brenhas ou quasi incultos, muitas vezes ao meio de povos ainda gentios, à Alemanha por ex., ou à Bretanha; e ahí, missionários, e cultivadores ao mesmo tempo, desempenhavam a sua dupla tarefa, no meio de perigos e trabalhos igualmente grandes.

"Tal foi a missão dos monges em Portugal; e aqueles que, por virtude de suas regras, tinham de dar-se de preferencia a outros trabalhos e occupações, promoviam pelo menos os trabalhos agrícolas

1) - GAMA BARROS-Hist. Adm. Pub.II: 13.

em volta do mosteiro e nas terras cujo rendimento devia constituir o patrimônio da comunidade. "O mosteiro era o centro de acção d'onde irradiava a iniciativa de trabalho e o incentivo aos cultivadores que iam de longe estabelecer-se como colonos nas extensas terras dos frades, atraídos pela certeza do êxito numa exploração agrária inteligente dirigida e paternalmente auxiliada. "Assim se multiplicavam os centros de população e de cultura.

"Em Portugal como noutros países, os beneditinos viviam do seu trabalho manual, cultivando as terras que lhes foram doadas pelo conde D. Henrique e pelos primeiros reis de Portugal.(1)

Do mosteiro da Vacariça não há, anteriormente ao século XI, notícia certa. O facto nos persuade que o dito cenóbio bubulense, se acaso já existia no período suevo-visigótico, seria arrasado nas sucessivas e vitoriosas incursões de Almansor, nos fins do século IX. As doações a êle feitas são de 1002 a 1074.

A série documental escalonada por todo êsse período, inculca permanência dos Monges bubulenses.

Nêsse período, segundo o testemunho do Cronista Carmelitano, os monges a meúdo se retiravam à Serra do Buçaco, aonde os levava o espírito de solidão, passando transitóriamente de cenobitas a anacoretas. Segundo êle, ainda então se viam na Serra vestígios de ermidas, nomeadamente as de S. Silvestre e S. Eufémia. (2)

"Deste modo -continua FR. JOÃO DO SACRAMENTO- perseverou a vida eremitica nas montanhas de Bussaco... até que faltando os Monges do Mosteiro Bubulense succederão allí outros Eremitães..."(Cron. pg. 86.)

Pouco adiante, o mesmo autor nos alucida:

-
- (1) - FORTUNATO D'ALMEIDA - Hist. da Igreja em Portugal. T.I. 549-550.)
(2) - cf. TALHÕES II e XIII, no título II dêste Relatório.

"Depois que os Religiosos, que militavam debaixo da bandeira do Patriarcha S. Bento, desertaram da campanha de Bussaco, não já de companhia, mas solitarios, se recolheram alguns soldados de Christo ás tendas de suas Ermidas..."

"Com estes preludios foi a Divina Providencia conservando no Monte do Bussaco os exercicios da vida eremitica, para depois a perpetuar nos Carmelitas Descalços..."

Os dois Mosteiros das abas do Buçaco, irmanados na opulência, também o foram na adversidade. Em 1094, governando o Conde borganhês D. Raimundo o Condado da Galiza até à extrema do norte - já por então ao Sul do Mondego: e sabendo a pobreza em que jazia a Mitra de Coimbra, houve por bem fazer-lhe doação do Mosteiro da Vacariça com todos os seus domínios:

"Ego regimundus comes et uxor mea urraca adefonsi tholetani imperatoris filia cum in civitate colimbricia veniremus cognovimus de episcopo domno cresconio...quod poterentur multis necessitatibus...
...facimos cartam testamenti...de cenobio uacarice...
...subtus monte buzacho..." (Ano de C. de 1094. Liv. Preto fl. 40.)

Têve semelhante destino o Mosteiro Laurubanense.

O Conde D. Henrique, em 1109, o doou também à Sé de Coimbra, no intento de lhe acrescentar os réditos. Eis a letra da doação:

"Ego Henricus Comes et uxor mea Tarasia filia Regis Domini Ildefonsi, considerando cognonimos necessitates Episcopi Colimbricencis Domini... est nobis utile esse testamentum facere de Cenobio qui dicitur Lorubanum Sedi...quod situm est in territorio predictae Civitates juxta castellum quod dicitur Penacova...
(2)

(1) - COSTA SIMÕES - Most^a. da Vacariça-(O Instituto Cb.1855. pg. 207.)

(2) - Cf. M. Rib^a. DE VASCONCELOS - Noticias hist.do Most^a. da Vaca-

De quanto dissemos provem a certeza de a vida eremítica no troço noroèstino e sudestino da Serra haver perdurado em Buçaco, bem antes que se tornasse o Carmelo de Portugal.

riça. (1854: 3.)

"Salve mons sacratu...
Paradisi nemus"
(D. Bern. DE LACERDA)
(Soledades de Buçaco)

Muito havia que o Buçaco se tornara pertença da Mitra de Coimbra.

Corria a era de seiscentos . A Província dos Carmelitas Descalços de Portugal buscava recinto para um ermitério , onde levasse alternadamente, vida anacorética e cenobítica.

Ofereceram-lhe a Serra de Miranda do Corvo e uma grande mata no lugar de Pereiro: nenhuma, porém, satisfazia ao intento a 1ª., pela aridez do terreno; a 2ª., porque não dava a solidão dum ermitério.

Volveu então a Sintra o olhar ansioso dos Religiosos: e dispunham-se a demandar tão deleitoso remanso, não obstante inconveniente proximidade da capital que, já então fazia de lá côrte de aldeia.

Cuidavam da fundação, quando Fr. ANGELO DE S. DOMINGOS, Reitor do Colégio de Coimbra, ao visitar o prelado da Diocese e referindo-lhe as dificuldades havidas e o propósito em que se assentara, a ele ouviu dizer: "Tenho eu na Serra de Luso humas mattas & terras a que chamão Bussaco; se ao P. Provincial lhe parecer mandallas ver e forem de seu agrado, dera-as eu de boa vontade à Religião, pelo interesse de ter no meu bispado hum Convento tão único e observante.

Avise o P. Reitor ao P. Provincial que as mande ver, q̄ poderá ser lhe sirvam , & se evitem com mayores conveniencias os reboliços da Serra de Cintra."

O mesmo dia que isto se passava, discorriam o termo da Vaca-

riça dois Irmãos da mesma Ordem, no exercício de mendicantes.

Agasalhados de noite na quinta de Vilaredo, o proprietario lhes disse, ao saber do propósito da Ordem: "Se eu antecipadamente tivesse essa noticia, havia de inculcar aos seus Prelados a Serra de Lusc porque, segundo os commodos que a Provincia busca, não era fora de propósito, mas, ao meu parecer, muito natural para o intento & desígnio.

"Pois, que serra he essa?-lhe tornaram os convidados: êle os satisfez, que da janela a viam e pela manhã l'na mostraria.

Ao romper d'aurora, puseram-se os três a caminho: e, subindo à Serra, viram em Buçaco "tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, fermosura de valles & eminencia de montes" que a julgaram pela oitava maravilha do mundo.

Ao outro dia volveram a Coimbra, a participar ao P. Reitor quanto viram e observaram. Deu que pensar a coincidência de, também êste, já cuidar no mesmo sítio.

Todavia, por conveniente se julgou que o P. Reitor lá fosse e por si ajuizasse da Serra e matas do Buçaco. Não ficou outeiro, vale, ou planicie de que não dessem fé.

Satisfeitos do intento, a Coimbra se tornaram a dizer que, sem hipérbole, era maior a realidade que a fama daquele sítio.

Foi então lá o P. Provincial, por mais completo desengano, e entrando as devesas de Buçaco exclamou: "Isto sim, que he proprio deserto. Pouco me disseram, & não acho palavras que declarem todo o bem que o Author da natureza depositou neste monte."

Erravam no cunhada Serra, ainda ao sol-pôr? Desceram então aonde o Convento seria edificado, passando a noite ao abrigo duma Carvalhoeira - destarte os 125. a iniciar-se nos rigores de vida eremítica.

ca. (1)

De volta a Coimbra, ao Bispo-Conde avisaram que a mata do Buçaco vista fôra e aprovada. Ele respondeu: "Pois o sítio contenta, tratou o P. Provincial da licença para nelle fundar."

Isto foi em Agosto de 1626. Sabido então que o Geral da Ordem pessoalmente visitaria a Província de Portugal, aguardou-se até que elle chegasse. Este, ao Buçaco foi então, acompanhado do Provincial e do Reitor.

"Entraram pelas densas mattas povoadas de bastas arvores, discurriram as devezas vestidas de verdes plantas, passearam as campinas ornadas de cheyrosas flores, desceram aos valles retalhados de claras aguas, subiram aos montes, corcados de apraziveis, & dilatadas vistas; & tal graça achou o P. Geral em quanto havia registado, que disse para os companheiros com devota alegria: - Aqui he vontade de Deus que se funde; murem este sitio, que tem nelle o melhor Deserto da Ordem.

Porque se agora inculto, rude, & tosco he o que admiramos, cultivado será hum Paraiso terreal."

Logo o Prelado tratou de reduzir a doação a pública fórma: mas não o fez sem conselho, por temer defraudar algum dos direitos da Mitra. Quasi todos os Lentes, e Advogados de Coimbra opinaram ser

(1) Em 1836 relata FORJAZ DE SAMPAIO que ainda, ao pé da portaria do Mosteiro, se viam as relíquias dum possante e carcomido tronco de carvalho, junto do qual passaram a noite os frades vindos de Coimbra a visitar o deserto que o Prelado lhes doara. (nota de pag. 136)

(1) .20
De
co
o P. Provi
I
possíveis
obras
Reitor

lícito que o Bispo demitisse de si e transferisse o domínio do Bugaco, por seu térme emolumento. Com efeito, os sagrados cânones interdiziam somente alienação que motivasse dano aos proventos da Mitra; ora aí não sucedia tal, visto que "de suas mattas se aproveitava só o fogo dos circumvisinhos, & elles das madeiras como senhores; do que a Mitra não vinha a lograr entidade nenhuma."

Não obstante, resolveu o Prelado impetrar um Breve approvativo a URBANO VIII: o qual, remetido do Pontífice ao Ordinário de Leiria, em parte reza assim:

"Veneravel Irmão... Pouco ha, que por parte de V. Irmão Joam Bispo de Coimbra nos foi exposto, como elle...queria dar aos Frades da Provincia de S. Philippe de Portugal...hum sitio chamado a Devesa de Bussaco, sito no territorio de Coimbra, esteril & semeado de alguma arvores fructiferas, legitimamente pertencente á sua mesa bispal, & a ella, inutil;...vos comettemos, Irmão Bispo...que pelo vosso juizo se faça..

Avaliou-se a parte da Serra a doar em 1800000 reis.

Em fórma de Despacho foi lavrada a sentença, onde as seguintes passagens se conteem.

"Vistos os autos...Mostra-se que o Illm^o. Sr.D.João Manuel, Bispo Conde, dera no anno de 1628, aos 11 de Maio, a Devesa de Bussaco...para nella se edificar um Most^o. da Provincia de S. Filipe, que se chama do Deserto (Casa que neste Reino não havia,)...& por ser infructifero, & de pouco rendimento, mostra-se foy avaliado...em cento e oitenta mil reis... aprovo e confirmo a dita permutação... Leiria, 7 de Fev^o."

(1)

Logo cinco Monges, hospedados em Luso, dirigem e interveem nas obras do Convento, subindo quotidianamente, até êle, cêrca de meia légua fragosa: não só por verem e assistirem aos jornaleiros, como também roçarem matos, abrirem alicerces e chegarem os materiais da obra.

Lançou-se a 1^a. pedra, aos 7 d'Agosto de 1628; e aos 16 de Março de 1630 principiou a regularidade eremítica.

Fiquêmo-nos ora aqui, indagando que revelações consentem as passagens sublinhadas.

Devesa era o título da unidade fundiária. Dentro em si, vários quadros fisiognómicos havia, fazendo-lhe a composição heterogénea: eram as densas matas, povoadas de bastas árvores; e as devesas, vestidas de verdes plantas; e as campinas matizadas de flores odoríferas...

Havia, pois, no recinto, espessura de arvoredos compacto, abandonando terreno livre às devesas e campinas.

O condomínio de matos e hervagens gramínoides, ainda hoje prevalecte na fitosociologia da Serra, persuade-nos, quiçá, representasse então as duas últimas unidades fisiognómicas: onde as Gramíneas, as Juncáceas e Ciperáceas houvessem um povoamento mais denso, aí a campina; onde mais lata projecção tivessem os matos e moitas arbustivas, aí as devesas. Parecê-lo-á: mas não era assim. Pois havia florescências mosqueando a campina, outras plantas herbáceas que não as gramínoides prevaleceriam na paisagem: aservas perenes, geralmente características dos domínios atlântico e médio-europeu.

Quais elas fossem parece lícito pensa-lo, atenta a composição actual da mata viva, na Costa do Sacramento, de S. Antão e da Ervedeira. (cf. TALHÕES II.X e XXIV.)

Parecerá supérfluo o relato circunstanciado dêstes sucessos. Atentando bem, - e à parte o sabor vernáculo de prosa tão castiça, por nós resumida brevemente, - algo de útil nos subministra, à reconstituição fisiognómica do Bosque santo.

Espécies múltiplas, de várias famílias, aí teriam representação. Quicá, das Compostas sobressaem os capítulos dourados da Cama-reira, do Cardo corimboso, da Macela áurea e das Margaritas (1) nas Escrofulariáceas avanta-se a longa campanula vinosa dos Aneleiros tão cubiçada das Abelhas, (2) dos Gerânios, a flor róseo -porpúrea da Herva de S. Roberto (3) das Labiadas, as corolas esverdeadas na Salva; rosadas nos Clinopódios, roxas no anilado e cheiroso Rosmaninho (4); de grupo diferente, amarelas as pétalas do Hipericão, e as da Roscoidea Tormentila (5); das Borragens, as pétalas azuis, raramente lilazes, da Herva das sete sangrias; (6). Dentre os Lírios, o tom lilás das Abrótegas, o porpurino da Espadana (7)...

É toda uma gama cromática de variadíssimos tons, a quebrar, vi-toriosa, a coloração uniforme das Gramíneas - verdejante ao influxo da Primavera; loira ou fulva, semelhante trigais, no rigor das canículas; pardacenta, marscecível, quando o sufocante vento levantino lhes res-tringe o labor vegetativo a uma simples roseta aparente de folhas basi-lares.

- (1) Respectivamente: "Andryala integrifolia"; "Carlina corymbosa"; "Anthemis arvensis".
- (2) "Digitalis porpurea".
- (3) "Geranium Robertianum".
- (4) "Teucrium Scorodoni"; "Satureja Clinopodium e S. Calamintha"; "Lavandula Stoechas".
- (5) "Hypericum perforatum"; "Potentilla erecta".
- (6) "Lithospermum difusum".
- (7) "Asphodelus albus"; "Gladyolus illyricus".

Reportêmo-nos agora ao outro quadro da paisagem: as devesas ve-
tidas de verdes plantas, que o Cronista distingue das mata~~s~~ e da cam-
na. Descontando, embora, quanto haja de obscuro na linguagem poe-
ta, duas acepções diferentemente latas ressaltam claramente no texto
da Crónica: a 1ª. - uma acepção ~~fisiognômica~~ agrícola, agrícola; a
-uma acepção puramente jurídica.

Antes de mais, analisemos os conceitos do vocábulo.

Segundo BLUTEAU "deriva do castelhano Dehesa, como quem dissera Defesa, por ser defendida & guardada até certo tempo, que he permitido ao gado entrar e pastar nella."

"...segundo alguns, Devesa entre nós vem a ser o mes-
mo que campo de hervagem, donde se apascenta o gado.

"Neste sentido se lhe poderá chamar em Latim Pascuum. O plural Pascuorum he mais usado."

"Parece que tambem ha devesas compostas de arvores, porque na pg.374 o Author da Hist. dos Loyos diz-

-Devezas compostas de Cast^{as}. e Carv^{as}.- E Na Cho-
rografia Port. Tomo 1 pg. 228: -Na Deveza dos Car-
valhos ha huma sepultura...-"

"P. porem no seu Thesouro da Lingoa
Castelhana pg. 498 diz COBARRUVIAS:

-Los camps que non crian otra cosa que yerba llhama-
mos DEHESAS, que vale tanto como Pasto de yerve

Compilando o DICIONÁRIO CASTELHANO da Aca-

DEMI A encontra-se a etimologia, do Lat. "defensa" querendo dizer

-defendida, protegida, coutada:

"Parte ó porción de tierra acotada, destinada regular-
mente para pasto de ganados."

Também Váldez, Autor do Diccionario Español-Portu-

guez define Dehesa: devesa, pastagem, pasto, pascigo;

Terreno sem cultivo destinado geralmente para o gado pastar.

Pascuorum: Devesa. Terreno arborizado e cercado."

Dehesar: fazer devesas das terras cummuns; reduzir a deve-

sas."

MORAIS (Diccion. da Lingua Port.) define Devesa - lugar cercado. Vê-se como as duas acepções, que nós a princípio enunciámos, implicitamente se contêm nêstes depolimentos.

Mais desenvolvido o tema, encontra-se no correspondente artigo da Espasa, subordinado ao aspecto agrícola:

"Dehesa (agr.) - Extension de tierra, cubierta de plantas silvestres y espontáneas, destinadas al pasto de los ganados y en la que existe también arbolado, del que, en ocasiones, se aprovechan leñas y maderas, ademas de los pastos, que se consideran en este caso como productos secundarios."

"La dehesa con arbolado se classifica atendiendo a la naturaleza y modo de reproducir-seeeê mismo, y entrando forzosamente el monte en una de las categorías dasonómicas á saber: monte alto, médio ó bajo."

"En las buenas dehesas del SO de España hay invernaderos; agosteros, montaneras, e carboneras (1), y en las que el arbolado es alto se pratican cortas..

Finalmente, o fito-geógrafo WILLKOMM, monografando geobotanicamente a Península Ibérica no 1.^a vol. da série monumental editada por ENGLER & DRUDE - "Die Vegetation der Erde" -, nos termos seguintes a define: - "São as devesas termo de transição dos massiços em povoamento claro para os de bastidão mediana: em Espanha constituídas de matos com algumas árvores dispersas: ou, na

-
- (1) Invernadero = invernadouro; = ...paragem destinada para pastio dos gados durante a referida estação.
Agostadero = resteva; sitio onde pastam os gados depois de cortado os trigos. "Pascua oestiva".
Carbonera = lugar assignalado nos montes onde se faz o carvão.
Montanera = montanheira, landeira, montado; bosque d'arvores que dão bolota onde pastam porcos para engordar.
"Quercetum, 1": - pasto; ceva de bolota que o gado suino tem nos montados.
"Glandium pascua": - tempo que dura a ceva ou pasto do gado suino. (VALDEZ. loc. cit.)

maior parte, formando pastagens." (1)

Com êstes elementos por base, propomos esta nossa definição: Devesa: reserva de terra de dono servindo ao pascigo.

Modalidades : 1ª. - êste uso exclusivo ("pascua-orum") que permanente - pastagens naturais; quer transitório - hervagens.

2ª. - arvoredos glandíferos ("quercetum") em povoamento claro ou pouco denso.

Nesta hipótese concede três gêneros d'utilidades: pecuária suína, que aproveita os frutos pendentes; pecuária bovina e pastorícia armentária, usufruindo a mata viva; fornecimento de madeira e lenhas pelos côrtes e a desrama.

Na 1ª. espécie de devesas, o clima é o regulador principal de suas variantes; Assim, em Espanha distinguem-se: as devesas permanentes, na orla oceânica da Galiza, das Astúrias e da Cantábria (2); as devesas de verão, no andar subalpino das agrestes montanhas de Leão, ou as inóspitas serranias de Sória e Guadarrama; e as devesas d'inverno, na afro-climática Andalusia, ou na Extremadura de regime iberiano excessivo.

COLMEIRO, botânico do país vizinho, pincela esquemática e

- (1) Texto original: "Einen Vebergang von den offenen Geholzen zu den Mittelwaldern bilden die "Dehesas"; worunter in Spanien mit Gebusch und einzeln Baumen bestreute oder grossenteils bedeckte Weidtriften verstanden werden." (1890: 86)
- (2) Cantábria serve-nos a designar duas províncias bascas - e a vedro-castelhana de Santandér.

Sugestivamente o rigor estuante do verão andaluz, que entre nós se repercute nos plainos adustos do Baixo Alentejo. Diz assim:

"...La perpetua primavera de este país delácioso se retira entonces à las viñas, à los olivares y a huertas, à las playas y a algunos otros sitios en que reina una humedad continua."
"Las mismas llanuras que pocas semanas antes se vían cubiertas de flores, já no presentan más que aridez y muerte..." (ant.cit.1885.transcr.em Bol. Soc.Brot.1ª.série IX.1891.)

Ao Buçaco fóra-muros não são extranhas, aliás, tão bruscas mutações de cenário.

Podémos constata-lo na Primavera e Verão de 1932 por exemplo, na ravina de Fojo, na aba sudestina voltada à Pendurada: -em Maio, "Pteridium Aquilinum" vestia de penumbra com suas frondes viridentes o talvegue dos valeiros, protegendo o florir dos Gladiolos, dos Iris e das Violetas; ao abrigo da alfomboa turgesciam soerguidas as Abrótegas; e a Dedaleira, em colónias compactas semelhante esquadrões, levantava erécta seus eixos florais de campânulas purpúreas.

Um mez após volvemos lá, para documentar fotograficamente quadro tão belo:- encontrámos perdida a viridência dos Fetos; sêca de negrume a Digitalis; mirradas emmurchecidas as Liliáceas; quási extinto o caudal da ravina...

Assim exemplificado o rigor da estiagem na parte desarborizada da Serra, é evidente não se aproximar o clima às devesas pascuais: pois nem tolera as pastagens permanentes, nem tão pouco garante que as transitórias hervagens sejam úteis, por serem em extremo pluviosas as invernias. (1)

(1)

Buçaco, após a Estrela e o Gerês apresenta conforme tabelas nossas, o mais elevado teor de pluviometria -1387,8 mm, distribuí-

E a Primavera ter-vimo-lo já-fátlica duração.

As devesas de Buçaco eram pois da última classe: Quercetosas ou glandíferas

Em abono desta dedução há a composição, ainda hoje patente, da floresta climática, onde os Carvalhos do Norte se avantaçam por dominantes.

Tais devesas seriam um equivalente dos Bustos ou Bustelos, com frequência gravados na toponímia da Beira -Serra e do Além-Douro Cismontano. VITERBO refere-se a êles pelo seguinte teor:

Busto I. "Cural de bois ou Vaccaas."

Busto II. "Nas Asturias, Galliza e na prov. d'Entre Douro e Minho, desde o VIII seculo até o XII se tomou busto por tapada ou bouça."

"...Bouças. são fazendas de monte, fechadas sobre si, e unicamente destinadas para criação de gados, estrumes e lenhas. E porque as manadas dos bois e vaccaas alli se encerravam, se disseram bustos, pois faziam, e hoje mesmo fazem o officio de curraes."

Em uma doação de D.Bernardo III de 1031 se diz:

-cum totis suis bustariis - dando a bustarios o mesmo significado que a bustos."

"Em outros documentos daquella idade se acham branca, e braneas (que nos hoje dizemos branhas) no mesmo sentido de busto; mas depois foram substituidas pelas palavras p r a t a e p a s c u a, que agora n'aquellas terras se dizem prados e panascos; mas com alguma differença das bouças, que tendo hervagens, abundam igualmente de mattas; sendo os panascos unicamente de hervas, e não devendo estar sempre,

dos assim: Inv. - 468.8; Prim. - 415.5; Verão - 113.6; Out. 6 - 389.9. A pluviosidade estival (não póde, nem de longe, competir com a do Gerês occidental (cf. relat. de tirocínio, pg. 51 e 52.) onde foi de 165,0 mm em 1865-69, e de 202,2 em 1907-12, sendo importante acrescentar: - num posto sit. a 550 m, portanto em plena zona agrária, e exposição nascente - não aberta ao Oceano. À altura da zona subalpina mais copiosas as chuvas devem ser: aí fica a terra dos prados e lameiros. (cif. relat. de tirocínio.)

como as bouças, fóra dos povoados e nos montes."

Finalmente, o sábio erudito ALBERTO SAMPAIO refere-se aos ditos sinónimos pelo modo seguinte:

"Fustelo e Bauças eram parcelas destinadas à produção de matto, semeado ou espontâneo, tanto para pastagem como para cama dos animais."

"As bouças e bravios não denotam um retrocesso agrícola, mas antes existiram sempre..."

"A sua vegetação espontânea era uma riqueza natural a que recorreram os fundadores, destinando-a ora à pastagem e preparação de estrume, ora ao fornecimento de madeira e lenha para as construções e usos domésticos (1)

Eram essas, como vimos, as utilidades que se usufruíam na Devesa de Buçaco.

Hoje quasi todo o recinto é densamente povoado de arvoredos indígenas. Devêmo-lo à protecção dos Monges dispensada à Natureza.

Vedado o acesso aos profanadores do Bosque santo, medravam progressivamente os arvoredos mais avantajados - Carvalho do Norte e Cerquinho é.

Cada dendróbio, de árvore incipiente exposta às inclemências do tempo e escravizada às mil contingências do Meio biótico, se porventura lograva vencer ultrapassando as companheiras, expandia os braços alargando a copa; ou, quando afrontada se via, o fuste, como seta, demandava o céu. E as frondes lhe progrediam, cobrindo de penumbra os estratos inferiores da vegetação.

Então, a manta viva era a primeira a succumbir.

As Lauríneas de subosque resistiam por serem umbrófilas.

(1) aut. cit. - 1923:97,98.

As Lianas - como a Hera e a Salsaparrilha- em seu favorito elemento, engrinaldavam os arvoredos principais.

Musgos e Lquens progrediam à sombra, e não raro, lentamente aos colossos da floresta subtraíam o vigor.

E assim um novo "habitat" constituíam a si próprios os dendóbios crescendo em massaço: -enriquecendo o substracto pela humificação progressiva; higrométricamente, saturando a atmosfera; diluindo mais e mais as oscilações térmicas; acalmando localmente as fortes correntes aéreas; restringindo o espaço aos dendróbios comensais.

Porém, quando um substracto fisiologicamente sêco à superfície não deixasse progredir a árvore sacra de Júpiter ou a consagrada a Apolo, nem por tal se não operava o revestimento a.ífúcula; então, a "climax" mediterrânica lhe dispensava fiadores: o nodoso Sobreiro; o rústico Ervedeiro; o frugalíssimo Aderno.

Aos pios anacoretas de S. Cruz do Buçaco gratos devemos estar: êles não conservaram apenas a obra da Natureza: lograram acrescenta-la. Ao protegê-la, fizeram que a evolução se operasse, liberta de funestas acções antropogénicas. E para tanto não hesitaram em recorrer a meios extremos, eficazes em absoluto. A lápide marmórea das Portas de Coimbra é um moimento que aos Florestais merece culto.

Os humildes Irmãos do Carmelo não eram silvicultores: porém sentiam a beleza da Mata virgem.

Os tempos evocadores do Paganismo nimbados de harmonia incomparável, iam distantes: mas o Bosque do Carmelo não deixou de ser santo: o Roble continuou sendo ara divina. Eis um fragmento da Crónica

Portas de Coimbra

Ex. de "Fraxinus angustifolia, Vahl".



JAZ, -

DUR-

O- ar.

a

oja)
le-
ena-
s ou-

ndo

crea-
uma
1- plãtas,
em
ar-lhe

numero,

3 ão al-

eram ao

nterpre-

rdena-
bano;

nica onde perpassa uma aragem de poético misticismo (1): diz assim:

"Quantas vezes testemunhavam as árvores, presenciavam as flores, & percebiam as aves o que no intimo de seu coração passava?... Hum dia o achavam enlevado ao pé de hum freixo, outra hora absorto ao pé de hum carvalho; porque de qualque tronco levantava hum Altar para offerecer à Magestade Divina como viva hostia do seu amor."
(pg.465.)

Fundado o Carmelo, um muro se levantou a vedar a clausura.

A antiga Devesa da Mitra de Coimbra nunca pôrém fôra, dos povos visinhos, respeitada como tal: antes a usufruíam como se fôra maninho.

"de suas mattas se aproveitava só o fogo dos circunvizinhos, & elles das madeiras como Senhores.

Por isso, "De seus principios se descontentou muyta gente da assistencia da nossa naquele monte; considerãdo-se privada da utilidade das mattas, que julgavam commuas...

E posto agora murado fosse, nem por isso as depredações deixavam de dar-se:

"Por espaço de 47 annos relevou a sofrida paciencia dos Ermitaens muytos e graves côrtes..."

até lhes pôr cobro a sentença d'excumunhão de que apresentamos o seguinte traslado principal:

URBANO PAPA VIII

"Querendo nós ...benignamente attentar á conservação, & retençam das arvores da Caza chamada de Santa Cruz do Bussaco, dos Religiosos da Ordem dos Carmelitas Descalços, chamados tambem do Deserto de Coimbra..."

"Inclinados nós aos rogoê q̃. àcerca disto em seu nomedos ditos Religiosos...nos fizeram; pelo teor das presentes prohibimos authoritatae Apos

(1) Não sabemos de quem fala: apenas diz que sua alma voara a Deus, em Maio de 1634: os Irmãos de Carmelo no mundo eram ninguém.

tolica sob pena de excumunhão hipso facto in
currenda, sem mais outra declaração, que da-
qui em diante nenhuma pessoa de qualquer au-
thoridade q̄ goze, cõ qualquer pretexto, caus-
razam ou occasiam ouze sem licença expressa
Prior da Caza...ou presume entrar em a claus-
ra da dita Caza, para o effeyto de cortar ar-
vores de qualquer genero, ou especie que se-
jam, ou para effeyto de fazer qualquer outro
danno..."

Dada em Roma...aos 28 de Março de 1643..."
(Crón. pg. 93,94.)

Assim vedado eficazmente o acesso aos lenhadores furtivos das
circunvisinhanças, poderam os Monges dedicar-se à conservação e en-
grandecimento do Bosque Santo, consoante a letra de suas mesmas Cons-
tituições:

"Para que o sitio do Deserto seja sempre apra-
zível e apto para a oração, será obrigado o
prior a pôr de nove cada anno arvores silves-
tres.

...E para que o fervor não se entibie com o
demasiado cuidado da agricultura mandamos que
tão sómente se cultive aquelle espaço de terra
que possam cultivar um ou dois operarios."(1)

No Agiologio Lusitano, ^{George Cardoso} FR. BERNARDO DE BRITO nos legou notícia
dum Carmelita silvicultor, FR. JOÃO BAPTISTA natural de Silves, o
qual, durante treze anos, é fama haver plantado em Buçaco basta cópia
de arvoredo. (op.cit.t.1.pg.520.)

Da riqueza em plantas silvícolas que então Buçaco possuía,
nos dá fé o Cronista da Ordem, pela seguinte maneira.

"Mas quem poderá decifrar em numero, ou numerar
em especies, não já os individuos mas ainda
as especies d'arvores q̄ o Author da natureza
clausurou no recinto do Bussaco?"

Passa o gongorismo desta presuposição excessiva: o elenco de

(1) Primeira Parte das Constituições dos Carmelitas Descalços da Con-
gregação de Portugal, pg. 288 (cit. por SIM. DE CASTRO. 1883 :
21-22.)

espécies posto abundante, não era ilimitado; certo, a raridade de algumas causava admiração a quem as via: e tal inculca perdido fosse já das redondezas a antiga floresta climática.

Um indício nos oferece a poetisa D. BERNARDA FERREIRA DE LA CERDA: de quem os bosquedos medievais das coutadas de Lervão já não existiam:

"Esta de arboles desierta"
"Esta Sierra por la parte"
"Que baxa al Sur, porque peñas"
"Solamente la poblassen."

"La del Norte da lugar"
"A que las plantas abracen"
"Los peñascos, y corenen"
"Sus cabezas desiguales." (1)

Outra passagem sua, respeito à abanordestina da Serra, vizinha do Convento:

"En aquel sacro desierto"
"Al Oriante del monte"
"Sobre la fuente de Sula"
"Que se despeña hacia el Norte"
"Por entre brenhales densos," (2)
"y peñascos desconformes"
"La sabia Naturaleza"
"Largas cavernas esconde."
(ibid. pg. 96.)

Era nelas o canto das feras, pois ao tempo ainda havia as que a escritora nomeia, por lh'os haverem dito os caçadores das visinhanças:

"De la multitud de las fieras son buenos testi-

-
- (1) Soledades de Bugaco. (1643 : 10 e 10-v.)
(2) O Dicionário etimológico de VALDEZ assim define o vocábulo castelhano: Breñali; Brenhali; sitio ou lugar de brenhas; Dumetum, Vegetum, i. Breña: Brenha; terra quebrada entre penhas e povoada de tojos e silvados; Proerupta montium, dumetis aut vegetis consita: -precipício.

gos los cazadores que de las vecinas aldeas
sabiã hãtta aora a dar los assaltos, offendido
del daño que les hacian ya en los ganados va en
tas miesses..." (op. cit.)

Quais fossem, vamos sabê-lo:

"Por entre las peñas duras"

"Que se cuelgan los cerros"

"Ay milconcavas cavernas"

"De labirintos perfectos"

"Habitam muchas especies"

"De animales dentro dellos."

"El cardoso javali,"

"El pardo, ligero cãrrvo"

"Que corre los montes altos"

"Mas veloz que el mismo viento."

"Tambien el cobarde corço"

"Anda per alli sin medo,"

"El toxon, y la gineta"

"La zorra, y el lobo fiero."

(ibid. pg. 19-v, 20.)

Fechemos a interrupção, prosseguindo na relação florística que
o Cronista nos dá:

"Alem das plantas conhecidamente vulgares, se
desentranha o terreno na produção de Lentiscos
Azereyros, Azevinhos, Adernos, Espinheiros,
Cedros, Platanos, & Cinamomos (1); & com tal
fôracidade, ã a mais vasta noticia desta fron-
dosa republica o não poderá notar de mesquinho
na esterilidade de algũa." (Crón. pg. 80.)

E por encarecer a valia do Bosque santo um caso típico relata:

"Discorria em certa occasiam o sitio o Rev. P.
Frey Jeronymo de Saldanha, D. Abade Geral da
Ordem de S. Bernardo, acompanhado do Prior ac-
tual da Casa Frey Paulo de Espirito Santo;
& notando a fecundidade da natureza na procrã-
ção de tão bastos arvoredos, a censurava de
não produzir alli o Teyxo: arvore de mais gala

(1) Apresentamos os símbolos convencionais das espécies correspon-
dentes a estes nomes vulgares; ei-los quais são: (p^x). (p₄).
(i). (p^v). (c). (C). (a₂). (m^v).

que serventia...

"Calava-se o Prior à ~~queixosa~~ censura do Geral; mas chegando à fonte que chamam Fria, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie que buscav
"Vendo a satisfação do queyxume, & o desvaneciment da opinião, de que era singularidade de Alcobaca produzir a tal planta, teve de confessar a Bussac por hum mapa do arvoredo do mundo."
(loc. cit. pg. 81.)

Este depoimento serve-nos a constatar divergências, poucas, entre a flora dentão e a espontânea actual: O Teixo, por natural, não se conta hoje em Buçaco; nem tão pouco o Lentisco ("Pistacia lentiscus") e o Cinamomo ("Melia Azedarach").

Em complemento, referem-se ainda as espécies preponderantes na mata viva, citando a propósito a autoridade de Grisley:

"Das hervas cheirosas, como legação, madre silva, trevo real, betonica (1), e tantas outras que na penna não cabem, se ornã os estrados, e tecem alcatifas dos montes e valles, onde por ostentação da pompa, ou vaidade do caduco de suas verduras se senta e descança a primavera quasi todo o anno..."
"GRISLEY, insigne herbolario italiano, affirma que havendo peregrinado a maior parte da Europa, encontrara na serra de Bussaco quasi todas as hervas, que descreve LAGUNA sobre DIOSCORIDES;..."
"...E, quando não canta victoria, pôde Bussaco jactar-se de competir com os célebres parques ou jardins de Pavia e Veneza..." (ibid.)

Vê-se então como ao tempo que os arvoredos exóticos na Europa eram poucos, porquanto mal se divulgara ainda a flora do Novo-Mundo, já o Buçaco, no teor de espécies indígenas, sobressaía entre Arboretos principais.

GABRIEL GRISLEY fôra autor da primeira enumeração feita de plantas portuguezas, em 1661 publicava em seu "Viridarium lusitanicum".

(1) respectivamente: "Smilax aspera", "Lonicera Periclymenum", e "Stachys officinals".

Eis um fragmento da obra sua, que traduzimos assim:

"...Jardim da Europa é com razão chamado (Portugal) de suas ennumeradas progénies vegetais... Durante quasi seis lustros o percorri, desde o austro Sacro promontório à região Interamnense, do extremo Setentrão: em florística diversidade tão diferentes, que nos parece ver aqui os Alpes Suissos, e Creta acolá."

"Nem a transição desses extremos nos falta: aí sobre sai o nóbil Buçaco, visinho de Coimbra, sacro ermo dos Padres descalços da Ordem do Monte Carmelo - novo Líbano pela feraz vegetação e seus próceros cedros (1)

Nesta remota assimilação do Cipreste lusitânico ao Cedro do Líbano se filiara porventura esse erro tão corrente. A nobre essência que a Buçaco tanto acrescentou a fama, nêle se viu, a 1ª. vez, plantada por 1644. Testemunho nos dá o autor da "Benedictina" -publicada em 1651- por certo contemporânea do facto: ao descrever a Ermida de S. José nos diz assim:

"...& tem seus passeyos a roda... & muitas arvores, & entre ellas os primeyros cedros que neste Reyno se virão plantados..." (pg. 283.)

Corroborar a notícia o Freire Cronista da Ordem (1721): ao falar do mesmo sítio:

"Defende-lhe as costas outra praça ... Cõtem os primeyros cedros, que por industria do Fundador, vieram das Ilhas dos Açores a Portugal; progenito-

(1) Damos o texto original:

"Lusitania...merito hortus Europae nuncupetur...innumerae stirpium varietates..."

"Hunc sex ferme lustra totum peragravi ab austrini sacri promontorii scopulis dimensus, ad Interamnensem regionem borealem extimam usque: quae a se mutuo tantum in plantarum varietate divertunt, ut hic Helvetiorum Alpes, ibi Cretam inspicere liceat; nec intercapedo hujus diversitatis effecta, in qua antecellit nobile Bu s a c, parum a Conimbricensibus dissitum, sacri Patrum Discalceatorum montis Carmeli ordinis eremus stirpium feracitate, et cedrorum proceritate alter Libanus." (op. cit. pg. XV, XVI.)

res de quãtos goza hoje o mesmo Reyno."
(pg.109-110.)

Aparte GRISLEY, outro Botânica seiscentista -dos mais célebres-
PYTON DE TOURNEFORT, correndo Portugal de Norte a Sul foi-se em 1689
ao Buçaco, onde arrolou muitas de suas espécies.

Das herborizações entre nós feitas publicou as "Institutiones
rei herbarii", onde enumera as plantas, sem referir localidades.

Esta importante lacuna pôde ser preenchida, graças aos valiosos
manuscritos existentes no Instituto Botânico de Coimbra, para onde
foram de França devido ao esforço de JÚLIO HENRIQUES.

Aí se vê o 1^a ordenamento sistemático da flora do Carmelo, su-
bordinada ao título: "Denombrement des Plantes que iay trouvé en
Portugal en 1689" com o subtítulo: "a la serra de Bussaco dans le
Parc des religieux"

O cipreste lusitanico aí figura no lugar d'honra, com o nome de
C. lusit. patula, fructu minore. JÚLIO HENRIQUES tentou em vão actua-
lizar toda a nomenclatura inscrita no arrolamento: não o conseguiu,
por lhe faltar o herbário de TOURNEFORT, arquivado no Jardim das Plan-
tas, em Paris: e as desinências dentão serem mui diferentes das actuais.

Para remontar mais de perto à fundação do Carmelo, indagando
o arvoredo que lá havia, ser-nos-há preciso o testemunho de D. BERNAR-
DA DE LACERDA:

"A partes las arboledas"
"Muestran bosques tam cerrados"
"Que no los traspasa Phebo"
"Con sus rutilantes rayos."

Em sítios, portanto, as ramarias interceptavam os raios do sol.

Logo após se descreve a Avenida do Mosteiro:

"Desde la entrada al convento "
"Se camina por debaxo"
"De pavellones de plantas"
"Cuyos ramos forman lazos"

"Alli se mezclan las hojas"
"De los Platanus copados"
"Con los enebros y fresnos"
"Los robles, y alamos altos."

"Alli el funesto cypres"
"Con el vitorioso lauro"
"De las havas, y saucos"
"Estan recibiendo abraços."

"Alli el arbol que galán"
"Se ve primero adornado"
"De las flores que de las hojas"
"Cresce dulce, y cresce amargo".

A rua que despedia da Portaria ao Convento no tempo em que a poetiza o visitou, era orlada de copados Bordos; Zimbros e Freixos; altos Robles e Ulmeiros; o Cipreste cumum e o Louro entremeavam com Sabugueiros e Faixas; variedades de fruto amargo e doce representavam a Amendoeira. (1)

Bastou menos dum século a alterar-lhe por completo a fisionomia: em 1721, o Cronista da Ordem assim os descreve:

"Despede a carreyra toldada de copados cedros que embaraçados huns de outros servem aos passageyros de escudo contra o sol, espelho para a vista." (pg.96.)

Por agora fixemos a divergência: adeante, uma solução apresentamos ao enigma.

A mesma autora, depois, nos descreve as fontes e os arroios, as penhas e as campinas. Flores cultas e silváticas, enumera muitas;

(1) Representados portanto: "Acer pseudo-platanus" "Juniperus communis" "Fraxinus angustifolia", "Quercus Robur (ou "Q. tozza"), "Ulmus glabra", "Sambucus nigra", "Populus alba" (ou "P. tremula"), e "Amygdalus communis".

Avenida dos Cedros.
Ex. antigos de "Cupressus glauca Lam."
(Ciprestes lusitânicos contemporâneos do Carmelo)
D. máx.= 1,20 m.; H. máx. 40 m. apr.

ea-
tas,
lhe
ro,
al-
ao
lian
pre-
a-
;



FORJAZ,

3-

ao nome

natural) OUR-

preo- ar.

poça

ca

3, a

istre

aja)

le-

ena-

em s ou-

tua

ndo

os.

or in-

crea-

uma

cores

plátas,

em

ar-lhe

o que

numero,

nen-

o al-

eram ao

re-

terpre-

- "De flores, y de boninas"(1)
"Todo el suelo está sembrado"
.....
"Aquí floresce el clavel"...
"Allí las violetas blandas"
"Junto des esparragos brauos"(2)
.....
"Clavellinas..." (3)
"Los alhelies variados" (4)
"Y las candidas moschetas" (5)
"Entre los agrestes cardos."(6)
.....
"La...majorama"(7)
"Entre el heno..."(8)
"Los hongos y las hortigas"(9)
"Con maravillas mezclados"(10)
.....
"La clicie por entre abrojoas"(11)
"Venera al planeta caro."(11)
"Ciñen las selvas al lirio"
"Y al Narciso namorado"(12)
.....
"De la graciosa retama"
"Lustra el amarillo claro"(13)
.....
(pg. 17-v,18,18-v.)

Já antes nos descrevera os regatos floridos, de várias fontes alimentadas:

- "Es de inumerables fuentes"
"Todo aquel sitio regado"(14)
.....
"Qual dentre juncos agudes"
.....
"Qual cercado de espadañas"
.....
"Al verde berzo, y poleo" (15)
"Las cabeças va mojando."(16)

-
- (1) "*Bellis perennis*."
(2) "*Dianthus cinthranus*." "*Viola* sp. ("*canina*" ? "*silvatica*" ?)
"*Asparagus haphillus*."
(3) "*Dianthus caryophyllus*"
(4) "*Mathiola incana*"? "*Cheiranthus cheiri*"?
(5) "*Rosa* sp." ("*R. canina*"?).
(6) "*Carlina corymbosa*"? "*Carduus tenuiflorus*"? "*Eryngium campestre*"?
"*Senecio vulgare*"? "*Silybum marianum*"?

Sobretudo nos fere a atenção a divergência entre a enumeração da poetisa e o elenco do Cronista Carmelitano -particularmente o respeitante à Avenida do Mosteiro. Tão minucioso que foi no descritivo do trajecto da Fonte do Salgueiro ao Convento, no tocante ao arvoredado FR. JOÃO diz apenas :

"Despede a carreira toldada de copados cedros, que embaraçados huns de outros servem aos passageiros, de escudo contra o sol, espelho para a vista." (Cron. pg. 96.)

Tal era o arvoredado que, por completo, enchia e toldava a carreira mais nobre da cêrca. Que era então das árvores silvestres e cultas que a poetisa nomeia? -onde os "Plátanos" e os Ciprestes, os Álamos e Falas, os Freixos, Sabugueiros e Zimbros? onde o dendróbio galante de variedade amarga e doce, garrido em sua floração antecipada: que todos formavam pavilhão de seus entrelaçados ramos? Que vicissitudes sobrevieram, entre os primórdios do Carmelo e o tempo da publicação da Crónica?

Não apresentaremos ainda a chave do enigma: continuemos a acentuar

-
- (7) "*Majorana hortensis*".
 - (8) "*Anthoxanthum amarum*".
 - (9) "*Urtica membranacea*".
 - (10) "*Calendula officinalis*".
 - (11) "*Helianthus annuus*", "*Tribulus terrestris*".
 - (12) "*Iris* sp." (*I. biflora*? "*susiana*"?) "*Narcissus Bulbocodium*".
 - (13) "*Retama* sp." ("*R. monosperma*"? "*R. sphaerocarpa*"?)
 - (14) "*Juncus* sp." ("*J. acutiflorus*"? "*capitalus*"? "*effusus*"?)
 - (15) "*Gladiolus illyricus*".
 - (16) "*Cynanchum vincetoxicum*" "*Mentha pulegium*".

ar as divergências.

A poetisa retratando as Portas de Coimbra diz assim:

"Son sus rusticos umbrales"
"De humildes y toscas piedras"
"Que con estrechos abraços"
"Enlaza amorosa yedra".

"Del sol defiende alto roble"
"Con densa rama la puerta"

"Del pende campana tosca"
"Que desde un ramo se cuelga"
"A cuyo son el portero"
"Humilde, y tacito llega".

Um século após, modificada estava a Portaria. Porque dêle já o Cronista não fala, o avantajado Roble decerto já não existia.

Tão pouco nenhum vestígio ficou de Álamos, que havia tantos junto à Fonte de S. Elias:

"Muchos Álamos la cercan"
"Por gozar de espejo claro".

Mas, que agente de extermínio interveio assim na mutação da paisagem? Primeiro oçamos, o Cronista, ao referir as "muytas occasiões, que nas mattas de Russas se ateou o fogo, bayxando do Céu em rayos, ou pegando-se-lhe na terra de desprezadas faiscas." De três

... ele nos vai relatar o mais antigo.
"Em huma (ocasião), naturalmente propria de se abraçar toda a Serra, por ser na força do Estio, em que a materia se achava naturalmente disposta para pabulo do voraz elemento; se levantou (sem saber-se como) hum tamanho incendio, que traga-da formidavelmente a mayor parte da montanha, se avisinha irresistivelmente do Mosteiro..."
"Pegou...hum sacerdote...da Custodia do SS., e acompanhado da Comunidade, se foi com ella em procissam a huma janella da Livraria, que já as labaredas avançavam." (1)

(1) As passagens sublinhadas importam grandemente à compreensão do nosso raciocínio.

"...o fogo suspendeu de improviso a sua actividade, prostrado-se por terra mais morto que vivo; & com mais diligente presteza, que se alguma inundação lhe houvera atalhado os brios, ou cortado os passos." (pg. 144.)

A Crónica não nos diz que ano fosse, mas relata haver sido em pleno Estio; e que as chamas findaram ao pé do Mosteiro, do lado Sul -onde era a Livraria-, pois aí a Comunidade lhe foi ao encontro.

Completemos a notícia pelo relato poetico de de D. BERN. DE LACERDA, subordinado ao título:

"Effectos del rayo espantoso que cayò en Buçaco el año de 1630."

"...Rayo disparando horrible"

"En la cumbre de la sierra"

"Llamas el fuego levanta"

"Que en breve la vuelven Etna."

"...Buñibe el voraz elemento"

"Y tragando quanto encuentra"

"Ardientes naufragios pasan"

"Los arboles, y las selvas."

"Todo en fuego se consume"

"Todo entre fuego se anega"

"Arde la tierra desnuda"

"Arden las frigidias peñas."

"...Y qual Troza esta Buçaco"

"Hecho un Chaos de fuego"

"Y los solitarios se juntan"

"....."

"Algunos de ellos al fuego"

"Por apagarle se acercan..."

"Los vecinos labradores"

"Al mar de fuego se llegan"

"Trabajan todos, y entienden"

"Que el trabajo no aprovecha".

"Dos veces en el Oriente"

"El mas candido planeta"

"Por entre velos oscuros"

"Mostrou su carroza apenas"

"En forma de media luna"
"Baxando la llama horrenda"
"Por los bosques al Convento"
"Bocas haze, lenguas hecha".

"El curso veloce del fuego"
"Al desierto al fin respecta"

"Sin hazerlle daño para."
"En aquellas arboledas"
"Do se vieron largo tiempo"
"De tanto incendio las señas."

Este rimance tão vívido serve de complemento à Crónica.

Os demais sucessos que, afins, nos relata FR. JOÃO DO SACRAMENTO (cf. Crón. Cap. XXVI; pg. 144 e 145.) são de 1664 e após. Em qualquer dêles não se abrazou a Cêrca: pairou sòmente a ameaça.

O 1.^a dos três, só a 1630 pôde referir-se, sendo absurdo que o deixasse no olvido, horrível como foi e perigosíssimo.

Ambos os testemunhos convergem a dizer ter sido no Verão de 1630.

A parte alta do Carmelo fôra lambida pelas chamas: duas luas passaram: e o brazeiro grassava e progredia, correndo em meia lua como se quizera envolver o Mosteiro nas pontas agudas do crescente.

Combatido, o incêndio alfin aí cessou, após destroços que perduraram longamente.

Fixadas estas precedências, principiemos o jogo do nosso raciocínio.

Atentando na sequência dos temas que a poetisa aborda, encontra-se primeiramente em 17 rimances a descrição do Carmelo, tal como ela o encontrou. Só depois, em remate, subordinando-se aliás a novo título, no 18.^o se descrevem os efeitos do temeroso raio, pelo teor que já vimos; e tal inculca haver sido ulterior êste sucesso.

Nem se compreende que, após a destruição havida na parte Sul do Carmelo, a poetisa lá encontrasse o quadro de paisagem que vai ler-se:

"Hacia la parte del Sur"
"Dentro de los toscos muros"
"En sitio mas rigoroso"
"Y mas escondido al uso"
"Hondo valle se descubre"
"Con negras sombras de robles"
"Que allí son grandes, y muchos"
"Llenos de barbas por viejos,"
"Y en las cabeças tan juntos"
"Que no sufren los trespasse"
"El planeta robicundo"
"En lugar de grama siembraã"
"El suelo quijaros duros..."
"No entra allí Primavera"
"Ni el Estio caluroso"
"Solo el flematico Invierno"
"Entre aquellos altos riscos"
"Todo el año está seguro."
"Alli...vierte granizo en las peñas"
"Ycuelga en los Robles rudos"
"De carambanos..."
"Muestra-se el secreto valle"
"Todo horrible, todo brusco"
"Y Antra deserti es el nombre"
"Que su aspereza le puso."

Onde era o vale umbroso aí referido, recoberto por robledos vestustos e tão bastos que os não trespasava o sol? -onde só havia frígidos rochedos: onde todo o ano reinava o inverno, que de granizo vestia as penhas e de gêlo as árvores? O nome "Antra deserti" a poetisa nomeia, e o Cronista nos diz onde ficava: nos páramos onde mais tarde se ergueram as ermidas de S. Miguel e S. João do Deserto, exactamente sitas ao Meio-Dia do Mosteiro: rumo donde

progrediram as chamas em sua temerosa invasão.

A ponta da meia lua que progrediu mais àquém, envolveu o Convento pelo sector de Sudoeste; e, atentando bem que dessa banda despedia a carreira conducente à Portaria -via larga por onde, no dizer do Cronista, cabiam à vontade três carroças apar,(1)- nêsse transe ela serviria de aceiro ao progredimento do incêndio: tanto mais que aí perto havia fontes; e, pela largueza, menos ingratamente os lavradores que acorreram em auxílio lograriam com êxito combatê-lo.

Mas, se a rua era toldada de arvoredos, não seria mister desimpedi-la por atalhar as chamas? não seriam então, por triste necessidade, sacrificadas as árvores marginaes para obstar ao tremendo risco do momento? Recurso diferente, nos parece, não havia -e o processo de certo se usou.

Explicada fica assim a inexistência dos álamos e freixos, amendoeiras e zimbros, faias e sabugueiros, além do funesto Cipreste, -pouco antes de publicada a Crónica, em 1721.

Atente-se ainda noutra circunstância: localizado foi o sector da invasão, frente à Casa da Livraria. Saíram incólumes as visinhanças da portaria do Mosteiro, voltada ao Noroeste: se não fôra assim, tal corresponderia a circundar o Convento por um anel de fogo o que já sabemos se não deu.

Por isso escapou a vetusta Carvalheira do Adro, a cujo abrigo pernoveram os 1^{as}. freires enviados de Coimbra, como referimos atrás:

(1) Crónica -cap. XVII. pg.96.)

carvalheira vetusta e veneranda ainda existente quando PEREIRA FORJAZ, em 1836, se lhe referiu. (1864: 136 -nota.)

Cabalmente resolvido -assim o cremos- o problema que nos preocupava, um outro se nos apresenta agora a solucionar também: a época d'introdução do Cipreste de Buçaco.

O tema sugestionou a mentalidade culta de JÚLIO HENRIQUES, a quem tanto deve a Botânica portuguesa. Vejamos como depõe o illustre cientista no vol. lll do Bol. da Soc. Brot. (1884.)

A pg. 126 nos diz êle ser um tanto incerto o seu advento em Portugal.

Refere depois o testemunho da Benedictina (1651), que situa junto da Ermida de S. José os 1^{as}. "cedros" neste Reino plantados.

Acrescenta-lhe a letra da Crónica (1721), rezando que, por indústria do fundador -o Bispo D. MANUEL DE SALDANHA- vieram dos Açores a Portugal: progenitores de quantos goza o mesmo Reino.

JÚLIO HENRIQUES depõe então:

"Eu não posso aceitar tão facilmente o que as crónicas afirmam."

E fundamenta a sua tese em bases que, uma a uma, iremos comentando.

-12-

O testemunho de D. BERNARDA DE LACERDA, quando no Poema se refere à rua da Portaria ao Convento, onde diz:

"Alli el funesto cypres..."

Ora cypres -diz J. HENR.- é justamente o termo próprio

que corresponde a cupressus, nome genérico do cedro do Bussaco.

Logo acrescenta:

"E não se diga que a poetisa se referiu ao nosso cipreste. Se assim fosse, o celebre naturalista francês TOURNEFORT, visitando o Bussaco em 1689, não deixaria de o mencionar. Mas no catalogo das plantas que aí encontrou figura em 1.^a lugar, naturalmente pelo n.^o e grandeza o Cupressus lusitanica patula fructu minore e não é indicado o C. meta in fastigium convoluta, que hoje mesmo é muito raro no Bussaco."

Comentário

Ninguém contesta a presença do cipreste lusitanico a partir de 1644: e, com efeito, a êle se refere TOURNEFORT, caracterizando-o de microcárpico.

A "Cupressus sempervirens" êle não cita. Avaliemos a importância da omissão.

O elenco florístico de TOURNEFORT respeitante ao Buçaco abrange apenas 42 espécies (cf. Bol. Soc. Brot. 1.^a série, VIII. 1890.)

Examinando a enumeração, se não é fácil -J. HENRQ. o confessa- identificar-lhe as espécies antes de, primeiramente, observar os exemplares do respectivo herbário, existente no Jardim das Plantas, em Paris,

Não obstante, algumas há cuja nomenclatura tournefortiana persuade equivalerem a espécies que, actualmente, no Buçaco se encontram.

No Quadro seg. apresentamos as espécies do herbário de TOURNEFORT: a identificação provável, ou certa, de algumas; a época da respectiva floração; a correspondente simorfia.

Aí se vê que:

1.^a.)-dendrológicas há apenas 5 espécies averiguadas e 1 duvidosa;

2.^a.)-o grupo das plantas herboides é o que maior representação tem;

Flórlula do Bugaco: espécies do herbário de TOURNEFORT

| Sinorfias | Nomenclatura de Tournefort | Nº da Flora de P.C. | Época da floração |
|-----------|--|---------------------|-------------------|
| • | Cupressus lusitanica patula, frustu minore | 725 | Primavera |
| • | H. frut. latif. hirsutum | 1167 | V . VI |
| • | Primula odorata | 1969 | III. V |
| • | Jacea nemorensis | 2310 | IV . VII |
| • | Omphalodes lusitanica glabra | 1690 | IV . IX |
| • | Laurus tinus | 2673 | III. IV |
| • | hieraciū fruticosum | | |
| • | lychnis lusitanica | 1469.1470 | V.VIII..IV.VIII |
| • | hypericiū minus | 1207 | III. IX |
| • | h. linariae folie | 1209 | V . IX |
| • | Anthirrinū triornithophoron | 1406 | IV . IX |
| • | Asphodelus minor | 269.272 | IV.VI..I.V |
| • | polygonatū latifiliū | 1923 | III. VII |
| • | apium macedonicū | | |
| • | frangula math. | 2067 | V . VIII |
| • | verbasculū pratense | | |
| • | adiantū lusitanicū | | |
| • | Serratula math. | | |
| • | acer montanū | 7.9 | IV.V ..IV.V |
| • | Cistus ledon hirsutū | 617 | V . VII |
| • | muscus pulmonarius | | |
| • | Plantago villosa | 2487 | IV . VII |
| • | chamaegenista lusitanica | 768.770 | IV.VI ..IV.VI |
| • | Sedum dasyphyllum | | |
| • | rapuntiiū urens | | |
| • | filix mas | 1656 | V . XI |
| • | f. aculeata | | |
| • | scordiū alterū | | |
| • | Scrophularia scordianae | | |
| • | robur | 2010.2014 | IV . V |
| • | Digitalis purpurea | 819 | IV . IX |
| • | Chamaemelū luteū | | |
| • | Erica brabantica | | |
| • | Tormentilla sylvestris | 1960.1961 | III.V ..V.VIII |
| • | Campanula cymbalariae | 736 | III. X |
| • | astragalus Baeticus | | |
| • | Orobis sylvaticus | | |
| • | Androsacmū maximū | | |
| • | Tuberaria major | 1144 | III. VII |
| • | ruscus | 620 | III. VII |
| • | Linaria bellidis folio | | |
| • | robur 5. Clus. | | |

Sinorfias: Esp. dendrológicas
 " herboides
 " criptogâmicas

Esp. sufrutescentes
 " bolbosas e rizomatosas

3^a.)-a própria Divisão das Criptogâmicas representada está por 3 ou 4 exemplares.

Donde nós inferimos que, ao visitar o Buçaco, não houve em TOURNEFORT o intuito de lhe inventariar de preferência as espécies dendrológicas, mas tão somente colher exemplares para herbário de plantas portuguesas. E como para tanto só lhe interessavam exemplares completos, colheu apenas os que viu na época da floração.

Com efeito, todas as espécies do quadro tendo correspondência fácil na Flora de D. ANT^o. PER. COUT^o., florescem em Abril ou Maio.

Revelamos êste facto significativo, que denuncia fosse então a visita do insigne botânico provençal.

Assim se explicam as omissões havidas de essências notáveis, pois não é crível que as não visse.

Assim, no arrolamento não vemos inscrito o Pinh^o. manso, havendo em Buçaco, desta essência, exemplares gigantescos -"verbi gratia" em Caifaz e na Costa do Sacramento-.

Tão pouco, o Sobreiro nodoso e o Aderne seu companheiro, hoje frequentíssimos nas vizinhanças das Portas de Coimbra.

E outro-sim vemos a falta do Ervodo, que tanto abunda perto de S. Antão: e tenaz a ponto de, queimado, renascer das próprias cinzas.

Item, presente não está o Azereiro de Portugal, formando bosque cerrado donde veio, segundo cremos, o nome ao vale do Carregal. (1)

(1) É nosso pensar que, por metátese, abrandamento de consoante intervocálica e prótse, do nome originário Azeral adviesse sucessivamente Arezal, Aregal, Carregal.

O próprio Cipreste cumum não faltaria, decerto, na portada do Convento, por ser usada ~~por~~ há imemoráveis tempos: nem tão pouco o Buxo, vedando à moda da época a almuíha conventual. Contudo, posto fossem patentes nas circunvisinhanças do Mosteiro, o celebrado botânico a todas elas omite. Já aventámos porquê.

Das essências principais que êle não cita, algumas havia florindo(1) Talvez que só o preocupasse enriquecer de novas espécies a colectânea já feita noutras partes do País.

PITTON DE TOURNEFORT, reputado precursor de LINEU, veio à Península em missão científica, oficialmente incumbido pelo Ministro de LUIS XIV de lhe estudar a flora.

O capital objectivo seria herborizar -menos interessando os exemplares repetidos que uma colectânea diversificada.

A enumeração ulteriormente publicada intitula-se: "Denombrement des plantes que i'ay trouvé dans mon voyage d'Espagne et de Portugal entrepris dans le mois d'Octobre de l'année 1688 par l'ordre de Monseigneur de Louvois".

Peregrinando em Espanha, atravessou finalmente , em Março de 1689, a fronteira portuguesa, em Aiamonte. Percorreu então as nossas três províncias do Sul, chegando à Beira litoral 1 ou 2 mezes depois.

Quando visitou o Buçaco, decerto já colhera várias das essências que nêle há, então susceptíveis de fornecer exemplares completos: jul-

(1) Nêsse caso contavam-se o Castanheiro (V-VI), o Azereiro (V-VII) o Azevinho (IV-V), o Aderno (I-IV), o Buxo (I-V), e o Espineiro (IV-V).
Fora da época estavam o Cipreste cumum (III), o Pinh^a. manso (III), o Medronheiro (X-III) e a Faisa (II-IV).

gando desnecessário o repetir as colectas.

As omissões das espécies em flor explicam-se assim; e, das que a houveram antecipada, esta mesma circunstância: tal foi a "Cupressus sempervirens".

Nêste raciocínio é ponto capital saber a missão que trouxe TOURNEFORT: coligir plantas destinadas à feitura dum herbário peninsular.

Buçaco foi um mero acidente: uma simples etapa da jornada.

Em abono de sua tese, J. HENRIQUES cita a passagem da Crónica onde se diz que

"são as curtas paredes d'este atrio (da igreja) abertas em alegretes de varias flores; que de frente reparam das tempestades bastos & ordenados cedros & ciprestes, huns do Libano, & os outros emulos dos de Monte Siam." (ll.Cap. XVII. pg.97.)

E outro-sim lhe aproveita a descrição da rua oriental correndo a S.Teresa:

"Sahindo d'elle (o convento) pelo pateo dos creados da casa para o oriente, se entra por huma dilatada rua, murada de cedros, & varias plâtas, que namoradas do sol se levantam da terra em grande altura, enganadas de poderem alcançar-lhe os raios com as guias de seus ramos". (ibid. cap.XIX. pg.103.)

"Havia pois -diz o illustre Botânico- cedros em tão grande numero, que formavam paredes próprias para reparar das tempestades, e tão altos que podiam competir com os do Libano e de Sião e que mereceram ao cronista as poéticas frases que transcrevi."

C o m e n t á r i o

A letra da Crónica, bem analisada, não autoriza que se interprete assim, porém desta maneira:

"...reparavam das tempestades bastos e ordenados cedros & ciprestes: -os 1^{as}., do Libano; os 2^{as}., emulos do Monte Sião-." dos

Atentemos bem na diferenciação: -cedros...do Líbano; ciprestes... do Monte Sião.

Bem sabemos que, a rigor, "Cupressus glauca" é um Cipreste: simplesmente, não era tido como tal. O próprio GRISLEY, em 1661, cognominou o Buçaco "cedrorum proceritate alter Libanus". (loc.cit.)

E a confusão perdurou até há pouco, não obstante, em 1805, HOFFMANNSEGG & LINK haverem disciplinado o conceito científico, pois no texto que precede a "Flore Portugaise" pôde ler-se:

"Ce monastère (Bussaco) est remarquable par un bois majestueux de Cyprès glauques, dits Lusitaniens par TOURNEFORT..."

Certo, nos meios científicos cessou a confusão: tanto que, o illustre viajante PRÍNCIPE DE LICHDWSKY, relatando em 1842 sua visita ao Carmelo, escreveu: "...ritten wir lange unter dem Schatten mehrhundertjährigen Cypressen..." (1)

Já, porém, na descuidada e anónima tradução portuguesa se se caíu no erro inveterado; e, logo após, dizia Castilho:

"Os Cedros, colonia do Líbano, são os principais senhores do Bussaco. Por entre as saudosas arvores da Biblia encontrareis as palmeiras do Ganges, o carvalho da Gália e o do Apennino, o Cipreste de Creta..." (2)

Fixemos bem a distinção aqui repetida: a um lado, os Cedros -colónia do Líbano-; a outro, o Cipreste de Creta. Falámos até aqui do 1.^o: reportêmo-nos agora ao 2.^o.

Pelo testemunho da Crónica, bastos e ordenados Ciprestes competiam

-
- (1) Portugal. Erinnerungen aus dem Jahre 1842.
von Felix Furst von Lichdowsky. Mainz. 1848; pg. 385.
- (2) Mil e um mysterios. cap.XXX. pg.)

com os "Cedros" do Líbano, a reparar das tempestades a frontaria do Mosteiro.

Qual fossem os 1^{as}. não é difícil dizê-lo, porquanto, à parte o lusitânico, um único Cipreste, em Portugal, naturalizado existia - hoje dito "Cupressus sempervirens".

No poema "Soledades de Buçaco" nomeiam-se apenas espécies várias da Flora portuguesa: umas, pertencentes à floresta climática: outras, aí postas pelos Monges do Carmelo, em obediência às regras de suas mesmas constituições.

Na 2^a. categoria contavam-se algumas fruteiras, das quais a poetisa faz menção:

"Allí se mira el cerezo"
.....
"La corona da granada"
"Descubre el pecho sangrado"
"Mil pomos de oro el naranja"
"La toranja entre las cidras"
"Se cuelga de los collados"
"De las rocas los mancanos"
.....
"Y coronam-se los cumbres"
"De los cydonios dorados"
.....
(loc.cit. pg.18-v, 19.)

O arvoredo exótico ainda não poluía o Bosque santo.

Orlando a carreira larga que vinha das Portas de Coimbra, entretecia seus ramos com os doutro arvoredo "el funesto Cypres".

JÚLIO HENRIQUES não dissecou o significado do termo: apoiando-se no mutismo de TOURNEFORT concluiu ser êle o lusitânico. Já, por nós, se anulou o argumento.

Quando a poetisa, tão sugestivamente, qualifica as plantas que enumera por bem próprias adjectivos, fala do "vitorioso lauro": Louro vitorioso: "Laurus nobilis": árvore d'Apolo, de cujos ramos se coroavam os vencedores.

E, porque diz também "el funesto Cypres"? -por recordar a

ideia da Morte: por ser ornamento severo dos túmulos: possivelmente ainda por evocar o martírio do Redentor "Ligna Crucis: Palma, Cedrus, Cupressus, Oliva-".

A pátria dessa árvore tão bela foi o Irão. Depois, a conquista assírio-babilónica a divulgou na Palestina. Daí por todo o Levante e Occidente mediterrânico: em Creta e Jerusalém, Estambul e Atenas, por sobre a alvura do casario prismático faiscando ao sol, destacam-se as silhuetas verde-anegradadas da árvore dos túmulos.

Em Roma, na Via Apia, ela progride em competência com os massiços de "Pinus Pinea", vincando bem, nas planuras da "Campagna" o carácter nostálgico dessa paisagem romana de poentes em fogo.

Nos 1^{as}. tempos do Cristianismo servia de ornamento às basílicas e ermitérios; e ainda é uso encontra-lo no adro das capelinhas rústicas e igreja matriz das aldeias.

Também se usou pô-lo nos portais das quintas solarengas, inculcando nobreza aos seus possuidores

Este costume ainda hoje perdura nas províncias das Beiras e d'Alem-Douro.

Decerto não faltaria na carreira d'entrada da antiga Devesa dos Bispos-Condes, a servir-lhe de padrão: sinal de possuir um fundo inculdo, mas reservado ao usufruto de suas matas espontâneas e hervagens transitórias. Aí o encontrou, já adulto, D. BERNARDA DE LACERDA, entretecendo seus ramos com os de outro arvoredado frutífero -o todo formando docel. Era, pois, arvoredado antigo: pois se não fôra, teria apenas 1 ano de plantado -hâpotese absurda.

Dos tempos de domínio da Mitra de Coimbra, êsse arvoredado frutífero estivera, aliás, ao abandono, retrogrado pouco a pouco ao es-

tado bravo.

A letra da doação o persuade, pois nêle se contém ser a Devesa "esteril & semeada de algumas árvores infrutíferas"-inculcando não serem espontâneas. Também ao visita-la, antes da doação, o Geral da Ordem carmelitana dissera: "...se agora inculto, rude & tosco he o que admiramos, cultivado será hum Paraíso terreal."

Seguindo a tradição, os Padres do Carmelo tê-lo-íam posto no átrio do Convento, após 1629, pois nêsse ano a poetisa não refere que nêsse lugar existisse.

Seu porte esguio sobremodo o apropinquava a servir de anteparo aos ventos do Norte: mais um indício que nos avigora a certeza de que dêle se tratava.

Mais tarde a Crónica (1721) os dá crescendo em competência com os lusitânicos. Haveriam êles então cêrca de 90 anos.

Em 1644 foram postos em S. José os 1^{as}. "cedros" de Portugal.

Os do Adro do Mosteiro seriam plantados a seguir: entre 1645 e 1650. Em 1721 orçavam por 70 anos.

Assim se compreende que os representantes de um e outro estivessem apar. (1)

Existia pois, no dizer da Crónica, o Cipreste do Buçaco ao la-

(1) O crescer destas essências é desigual? Um ex. do 1^a., existente no Arboreto de Coníferas, media em 1931: D=0.24; Alt.=11m; portanto d=0.005 m.e h=0.223 de cresct^a. médio anual. Por seu turno, um representante do 2^a., plantado, como o anterior, em 1883 e em local idêntico, media em 1931 D=0.81 m., Alt.=18; d=0.016; h=0.229.

do do Cipreste mediterrânico, ao invés do que supõe JÚLIO HENRIQUES.

Analizemos agora a 2ª. passagem em que o mesmo Botânico se firma, referente ao arruamento de S. Teresa.

Esse traslado refere apenas ser murada de "cedros": e também várias outras plantas que, namoradas do sol, se levantam da terra em grande altura...enganadas de poderem alcança-lo. Atente-se bem na concordância feminina das palavras sublinhadas: nunca poderiam referir-se aos "cedros".

Tal porém não exclue -embora a Crónica o não diga- serem êles avantajados. Se foram plantados, "verbi gratia", em 1650, ao ser publicada a Crónica teriam já 70 anos aproximados. Ora JÚLIO HENRIQUES aduz não ser admissível que, em 1721, árvores provindas dos 1ªs. "cedros" de S. José, houvessem alcançado um alto porte.

Por nossa parte não o julgamos assim; e para tanto nos baseamos em bastas observações que fizemos "in loco". De facto, na plantação de "Cupressus glauca" fôra-muros, nas visinhanças da Fonte de Sula, feita em 1927-28, nós encontrámos, a 3 de Setª. de 1931, 343 dendróbios de 4 anos distribuídos assim:

| | | |
|---------------------------|------|-----------|
| Indivíduos ainda estéréis | -182 | - 53, 06% |
| - pouco férteis | -108 | - 31, 48% |
| - medianamente férteis | 36 | - 10, 49% |
| - muito férteis | 17 | - 4, 97% |

Portanto, já nessa idade frutificava 46,94% dos indivíduos plantados. E supondo que as arboretas provenientes de regeneração natural fossem postas em seguida no arruamento de S. Teresa,

em 1721 teriam já 66 anos. Pois bem: tendo essa mesma idade e usufruindo um substracto equiparável nos aterros da via, estende-se a cortina marginal de Ciprestes, na estrada do Convento ao Luso, troço acima da volta da Ribeira. (cf. Talhão do Bispo.) Dos 33 pés de tal essência que aí crescem, (à parte mais dois, presumíveis contemporâneos do Carmelo, no sítio onde desemboca a rua do Horto,) os três maiores alcançam $D=0.48, 0.57$ e 0.59 de diâmetro: e altura máxima de cêrca de 20 m. Já estariam, pois, em condição de competir com o restante arvoredo -posto a letra da Crónica o não inculque.

Segundo JÚLIO HENRIQUES, os 1^{as}. "cedros" de S. José seriam anteriores a 1644, pois caso contrário a "Benedictina" lhes não chamaria árvores.

Poderíamos objectar: 1^a) que em vulgar se pode dizer -árvores, em vez de arboretas; 2^a) que é pouco 0.25 m. cresc^a. anual em alt.: essa bitola média varia com o período calculado, e não se aplica aos 1^{as}. anos de crescimento, num substracto eleito e clima tão propício: exemplares de pouca idade alcançam facilmente 0.50, e às vezes 1 m. por ano.

Findamos aqui a argumentação, que já vai longa.

Perdoe-nos a memória de JÚLIO HENRIQUES -a justo título veneranda- esta nossa contestação: é que muito importa disciplinar

(1) cf. por ex., L. DE VILMORIN -La Forêt de Bussaco. (Bol. Soc. Dendrol. de France. 1907. N^o.4)

uma errada noção, até há pouco mantida, falseando a data em que o Cipreste lusitânico se naturalizou em Portugal.

A p ê n d i c e

Nesta reconstituição seiscentista deu-nos precioso auxílio o Poema Soledades do Buçaco.

Todavia as excelencias de tão copioso relato não foram ainda bastante apreciadas.

A autora descreve-nos aí o Buçaco de 1629: diferente do que era no 1.^a quartel de setecentos, quando se publicou a Crónica de FR. JOÃO DO SACRAMENTO:

Era por então sómente a Devesa, diversificando do bosque umbroso que o muro da cêrca e, mais ainda, a bula excomunitória de URBANO VIII preservou das depredações do gado e lenhadores furtivos.

O ano certo que lá foi a poetisa a descrever tão sugestivamente o novo Carmelo; conseguimos inferi-lo da seguinte enumeração cronológica:

11.V. 1628 -doação da Devesa aos Monges Carmelitas Descalços;

7.VIII.28 - lançamento da 1.^a pedra do edifício do Mosteiro;

19.III.29 -comêço da regularidade eremítica, ficando o recinto d'orãvante defeso a Mulheres de toda a condição;

Verão de 1629: -incêndio das matas, na parte alta de Buçaco.

A visita de D. BERNARDA DE LACERDA foi necessariamente anterior a 19.III.1629.

Se fora mister comprova-lo bastaria o relato do incêndio que ela nos dá em apêndice ao Poema, descrevendo este a parte alta da Serra que dentro em pouco seria pasto das chamas.

E como a poetisa nos descreve já o edifício do Convento -concluido em Fev.^a de 1629 -, a visita só poderia ser entre esta data e Março de 1630. Finalmente, para documentar a fé que nos merece a autora das "Soledades" -a quem LOPE DE VEGA chamou décima musa,- transcrevemos a parte essencial de um "Papel que escrivio un Caballero Castellano a Doña Bernarda sobre el desierto de Buçaco":

"He lido con grande gusto y no menor envidia los Romances que vuessasted hizo a Buçaco, ... Pero... me ha de dar licencia para preguntar si las excelencias que vuessasted publica las contiene en si

Buçaco, ó si es exageraciõ, y réalce, privilegios con que los poetas suelen acrescētár estimaciones. Guarde Dios a vuessasted como deseo."

"R e s p u e s t a d e D o ñ a B e r n a r d a"

"Preguntame vuessasted si es encarecimiento lo que que escrivuo del desierto de Buçaco..."

"Começãdo por lo material del yermo no ay en estos Romances verso en que puede notarse exageraciõ ni en lo que toca la fertilidad de la tierra...ni en la variedad de flores, y diversidad de plantas,... como sabõ los que passen aquellos caminos, pues antes de llegar a las faldas de la Sierra comiençan a sentir las fragancias de las flores..."

"En la aspereza y rigor de la sierra he sido auara que si bien es rica de arboledas e fuentes, no es pobre de rocas y peñascos..."

(Soled. de Buçaco. Impressa em Lx.Ano de 1634.)

Em 8 de Junho de 1856, o Capelão-Administrador J.A; MARTINS COUTINHO ocupa definitivamente o seu cargo. A administração do Santuário e Mata do Buçaco integra-se desde então na Administração Geral das Matas do Reino; desde 1847 subordinada ao Ministério da Marinha.

Os papéis referentes à administração transacta, arquivados no Governo Civil d'Aveiro, transitam para o Buçaco.

A 1ª missiva do Capelão inculca falta de policia: relactando o roubo dum tronco, perto do telégrafo, interroga se deve castigar o infractor; porem adverte que " esta gente comette estas leves faltas na ignorancia da policia rigorosa que se vae tomar..." (carta de 10.VI.56.)

Mas breve se convence não poder fazê-lo com a impotente guarda de veteranos: e pede que uma força de doze praças, um cabo e um sargento a vão substituir urgentemente; e explica:

"...elles (os veteranos) não podem fazer cortar os abusos que até aqui se comettiam nesta mata pelos povos desta vizinhança e mesmo de gente de fora que costuma aqui concorrer porque já nem elles lhes podem impor respeito e nem tão pouco resistir aos subornos com que tem sido até aqui vencidos." (carta de 11.VI.56)

Refero-se depois à explorabilidade do arvoredó:-lenhos abatidos mas quasi todos serruptos; árvores sêcas em pé, a aproveitar antes que se deteriorem; destas, fatal é a queda, havendo temporais: e menos prejuízo darão ao arvoredó existente, tombando pelo córte; poderia vender-se a que não fosse necessária às obras urgentes do Convento; que fazer, portanto? - e sugere um alvitre sensato: "eu

quereria antes perder toda aquella madeira que se não podesse tirar
sem prejuizo da matta, do que por tão pouco expor a manchar-lhe a
belleza da sua primitiva". (carta de 20.VI.56).

Depois, traga com vigor a mísera condição da estância:

"O deploravel estado em que actualmente se acha o Bussaco mostra bem o abandono a que o deixaram chegar. As casas do edificio estão arruinadas, muitas das suas capellas quasi destruidas, e as imagens e figuras dos passos estão despedaçadas, de sorte quettudo o que havia de edificação e decoro neste Sanctuario e matta destrui-se completamente."

"Tudo está coberto de grandes silveiras, as ruas obstruidas, os canos das aguas demolidos; em summa a não ser o menos mau estado em que está ainda a matta, de resto tudo o que são obras d'arte precisão grandes reparos...para restituir tudo ao seu antigo estado/ como é da mente do Governo fazer." (loc. cit.)

Nesse mesmo ano principiaram diligentemente as obras de restauro. Reparado o muro da cêrca, franqueadas as Portas do Luzo e da Rainha (cf. TALHÕES DO LUSO E S. ELIAS) vem a preocupação de re-arborizar as clareiras. (cart. de 12.IX. e 1.X.56).

O Capelão descreve o usufrute das glebas contidas na Mata; que, parte, lhe fôra atribuída; e a justiça êle pondera de conceder algumas ao pessoal, visto ser Buçaco lugar êrmo: de aprovisionamento difficil. (id.28.X.56).

Afóra êsses retalhos de lavoura, possui a Mata algumas clareiras, condenadas de antemão pela regeneração natural e as plantações em projecto. No entanto "...ha duas pequenas calvas no cume da serra cujos terrenos mostram a maior esterilidade; não obstante ... se lhe poderá ensaiar a sementeira do nosso pinheiro bravo, mas isto só na estação da primavera...em razão da aridez do terreno." (loc.cit.)

Qual fossem os lugares, julgamos sabê-lo: verosimilmente o

pinhal velho de S. Antão, e outro-sim a faixa cimeira entre a Cruz Alta e a Porta da Serra. (cf. talhões da COSTA DE S. ANTÃO e de S. JOÃO DO DESERTO).

No Buçace principiou, em Agosto, a triangulação geodésica do Reino. Dirigia superiormente a respectiva comissão o general FILIPE FOLQUE. Ergueu-se a pirâmide trigonométrica do planalto, marcando 547 m. de altitude.

Dest'arte reduzida foi a justas proporções a orometria da Serra, que andara exagerada em excesso por notícias fantasiosas da época de setecentos.

Pleno verão: numerosos visitantes que a fama do Buçace impele afluem, para usar as águas medicinais da Fonte Férrea e fruir a paz da amena estância.

As antigas hospedarias do Mosteiro ficam repletas, não obstante a próxima ruína do edifício. Hospedagem gratuita, como também o é o fornecimento de lenhas, superabundantes na Mata.

Passada a época, deixam todos o seu óbulo ao Santuário.

Nessa quadra estival de 1856; demandaram o Buçace 3426 visitantes; as esmolas foram de 57\$560 rs. (id.31.XII.56.)

Desta vida já fora o derradeiro Irmão do Carmelo(id.13.XII.56) mas o Capelão esforçava-se por manter a santidade do lugar: e instava por subsídios que restituíssem Buçace ao místico ambiente d'outro-ra: e esse mesmo propósito animava quem superintendia na Administração Geral das Matas.

Eis um trecho de missiva ao Administrador Geral:

"No Buçace tudo carece de ser reparado e as suas obras ainda estão em começo e por isso V.E. será o melhor intermedio para que o Governo de S.Magistade não desista do intento de o reparar e

tornar ao seu estado primitivo; e então eu irei propondo a V.E. opportunamente o que convem fazer-se depois de concluídas as obras começadas." (id.31.XII.56)

Ao aproximar do Inverno são os 1^{as}. tentâmens de re-arborização. Dos viveiros do Jardim Botânico de Coimbra, tão enriquecido pelo génio de BROTERO, vieram as 1^{as}. sementes e plântulas de arvoredo exótico. (id.4.XI.56): Postas em seminário e plantório, que no terreno das Hortas foram improvisadas (cf.TALHÃO DO CONVENTO), todas as essências, excepto "Pinus nigra.var. austriaca", goraram por completo (id.12.VI.57), à falta de pessoal idóneo que as silvicultasse. (id.1.VII.57).

Entretante inventariavam-se as clareiras, a repôr de arvoredo, sendo principais as dos Laranjais Velho e Novo, com mostras de fruteiras ainda. (cf.T.de VALE DAS LAPAS.)

Nesta data, quasi pode dizer-se, a colecção dendrológica da Mata não fôra enriquecida: ao invés, ela dava provimento a trabalhos de parquicultura, em várias localidades urbanas do País. (id.3.V.57)

Das essências indígenas, o Padre-Capelão enumera as principais:

"Nesta localidade não se cultiva senão o Pinheiro bravo... As arvores que formam o caracter geral desta matta são o Aderneiro, Azereiro, Azevinho, Castanheiro, Carvalho que é a sua maior abundancia, "Cedro" Folhado, Loureiro, Medronheiro e Pinheiro, as quaes todas assim como as demais especies não mencionadas florescem admiravelmente pelas circumstancias especiais que aqui se dão."

E, falando do Sobreiro, êle acrescenta:

"As poucas d'estas arvores que aqui ha, bem como os Carvalhos, frutificação, segundo me consta, só de uns tantos em tantos anos, fora dos quaes não lhes vinga." (id.1.VII.57)

Doutra vez, relativo à administração da Mata, êle expõe os

óbices que o assoberbam: - "deficit" nas contas, por dotações exíguas; guardas insuficientes em qualidade e número, a garantir a inviolabilidade do bosque sacro; falta de um regulamento de polícia, que dê plena autoridade de punir desacatos. (id.8.V.57.)

Em 9 d'Out^o. de 1858 resigna seu cargo o ponderado e diligente administrador do Santuário e Mata do Buçaco; promovido que fôra a capelão do regimento de caçadores 5. Suas atribuições passam interinamente ao encarregado Francisco Caracido.

Entretanto, a Administração Geral das Matas não descursa o restauro e enriquecimento da Mata virgem: e, ponderando o insucesso havido, logo incumbe quem oriente a consecução do desígnio.

O Conselheiro RODRIGO DE MORAIS SOARES, individualidade marcante na Agronomia portuguesa, vai "in loco" dirigir os futuros ensaios de repovoamento.

Então, em Portugal, a Climatologia era incipiente. O papel indicador da floresta climática e da manta viva, entre nós, mal conhecido andava. BARROS GOMES, no domínio prometedor e vasto da Fiteogeografia, seria um pioneiro, não evidenciado ainda. A Geologia essa, andava em laboração plena: cedo aliás para que, no domínio agrológico se tornasse fecunda; E assim, desconhecido quasi o Meio, a floresta-gão devia enfermar de empirismo, tendo de fazer-se um pouco à aventura, até que acertasse.

Em Nov^o. de 1858, MORAIS SOARES expede sementes de Pinheiro de Riga, com indicação prévia do local exacto onde lança-las. (cf. TALLHÃO DO CONVENTO). A sementeira foi em Março: resultado nulo. Em Fev^o. de 1860 fez-se de novo: repetiu-se o insucesso. (carta de 7-1-1861.)

Exemplificado assim é o que dissemos.

"Pinus sylvestris", essência nórdica, de extenso "habitat" médio-europeu, todavia amante de terras altas ou de baixas latitudes: familiarizada com os gelos das estepas nas circunvisinhanças do Báltico: restrita em Portugal aos recessos do Gerês subalpino (1):- como lograria viver e prosperar nas colinas litorais de rebordo da sub-meseta beirão, sem que houvesse de ter particulares cuidados à nascença? Apenas de plantação logrou em Buçaco aclimatar-se: e hoje, com efeito, vive normalmente, sobre tudo na zona do planalto (cf. TALHÃO DO TELÉGRAFO).

Em contraste pleno, 298 exemplares novos de Cipreste lusitânico provenientes de regeneração natural houveram frutuoso emprêgo nos arruamentos, restando 1000 deixados em plantório, a aplicar no ano seguinte.

A êsse tempo havia em Buçaco madeira para obra: de dendróbios que atingiram a explorabilidade física - ou porque as tempestades os derrubassem, ou porque houvessem chegado ao termo da longevidade.-

Há muito acumulados na espessura do arvoredado, pela dificuldade em os extrair e comercializar, por decisão superior seriam, alfim, transportados a Lisboa.

Distante vinha ainda a época de FONTES: aproveitar o Mondego de Coimbra à Figueira era o mais exequível. Mas, Dezembro de 1858 decorrera tormentoso: o rio tornara-se perigoso ao transporte, o que elevou o frete a 14200 reis, cometido à Administração das Matas do Mondego.

Foram remetidos 224 paus de castanho; ficavam ainda alguns para falquejo; e, mais, quasi uma carrada de rolos de madeira de Buxo: "os mais grossos teem 12 a 15 palmos de comprimento e 8 polegadas de diametro na parte mais grossa." (id. 5.XII.1858.)

Q U A D R O - 1 2

| Smb. espec. | Diãa. (m) | Alt. (m) | Volume (m.c.) | Època de venda | Valor venal | |
|-----------------|--------------|-------------|------------------|-------------------|-------------|-------|
| | | | | | Total | /m.c. |
| Q ₁₅ | 0,14 | 8,00 | 1,120 | III.1860 | 1000 | 8892 |
| | 0,23 | 6,40 | 1,475 | IV.60 | 8700 | 8474 |
| | 0,17 | 5,40 | 0,918 | IX.60 | 8600 | 8653 |
| | 0,35 | 4,00 | 1,400 | II.61 | 8400 | 8285 |
| | 0,20 | 10,00 | 2,000 | IV.61 | 18100 | 8550 |
| | 0,25 | 4,50 | 1,125 | VI.61 | 8800 | 8711 |
| | 0,35 | 4,80 | 1,680 | VIII.62 | 18100 | 8654 |
| | 0,25 | 5,30 | 1,325 | " | 8720 | 8544 |
| | 0,20 | 7,50 | 1,500 | IV.62 | 18200 | 8800 |
| | 0,20 | 7,00 | 1,400 | V.62 | 8720 | 8543 |
| | 0,25 | 5,10 | 1,275 | " | 8600 | 8470 |
| | 0,30 | 6,20 | 1,860 | VIII.62 | 18200 | 8645 |
| | 0,18 | 6,20 | 1,116 | X.62 | 8600 | 8537 |
| | 0,20 | 7,50 | 1,500 | XI.63 | 8360 | 8240 |
| | 0,50 | 10,00 | 5,000 | XI.64 | 48800 | 8960 |
| | 0,30 | 2,000 | 0,600 | III.65 | 8700 | 18165 |
| | 0,20 | 3,00 | 0,600 | X.65 | 8500 | 8833 |
| | 0,30 | 2,40 | 0,720 | III.66 | 8400 | 8555 |
| | 0,25 | 3,30 | 0,825 | VII.66 | 83000 | 8363 |
| | 0,25 | 2,40 | 0,600 | III.67 | 8700 | 18165 |
| 0,20 | 3,00 | 0,600 | VI.67 | 8350 | 8583 | |
| | | | | | | 8628 |
| Q ₀ | 0,20 | 1,40 | 0,280 | III.61 | 8200 | 8714 |
| J ₂ | 0,10 | 7,70 | 0,770 | V.67 | 8200 | 8259 |

| Sím. espec. | Diâm. (m) | Alt. (m) | Volume (m.c.) | Época de venda | Valor venal | |
|-----------------|-----------|----------|---------------|----------------|-------------|--------|
| | | | | | Total | /m.c. |
| a ^{vi} | 0,95 | 2,50 | 2,375 | VI.1860 | \$120 | \$055 |
| | 0,17 | 1,15 | 0,195 | VI.62 | \$160 | \$820 |
| | 0,15 | 5,00 | 0,750 | " | \$320 | \$426 |
| | 0,15 | 3,00 | 0,450 | " | \$320 | \$711 |
| | 0,15 | 2,00 | 0,300 | XII.62 | \$120 | \$400 |
| | 0,12 | 2,00 | 0,240 | X.66 | \$200 | \$833 |
| b ⁱ | | | | | | \$540 |
| | 0,10 | 1,00 | 0,100 | IX.61 | \$140 | 1\$400 |
| | 0,15 | 2,00 | 0,300 | X.61 | 1\$400 | \$466 |
| | 0,10 | 0,60 | 0,060 | VI.62 | \$120 | 2\$000 |
| | 0,10 | 1,70 | 0,170 | " | \$300 | 1\$764 |
| | 0,12 | 2,00 | 0,240 | " | \$700 | 2\$916 |
| d ⁱ | 0,17 | 1,10 | 0,187 | II.64 | \$300 | 1\$604 |
| | | | | | | 1\$656 |
| | 0,15 | 2,20 | 0,330 | VI.66 | \$700 | 2\$121 |
| e ⁱ | 0,15 | 1,80 | 0,270 | " | \$500 | 1\$851 |
| | 0,15 | 3,10 | 0,465 | VI.67 | \$200 | \$430 |
| | | | | | | 1\$467 |
| G _s | 0,40 | 11,00 | 4,400 | VI.66 | 9\$000 | 2\$045 |
| | 0,40 | 1,60 | 0,640 | X.66 | 3\$000 | 4\$687 |
| | 0,40 | 2,20 | 0,880 | " | 2\$000 | 2\$272 |
| | 0,34 | 11,40 | 3,876 | XI.66 | 6\$750 | 1\$741 |
| | | | | | | 2\$686 |

Tais medidas são equivalentes a 0,220 m. de diâmetro, em fustes de 2,64 a 3,30 m. (1)

"Rurus sempervirens" cujo "habitat" vai do Mediterrâneo aos sectores ibero-atlântico e armórico-aquitano do domínio euro-occidental, demonstra possuir aqui, relativamente ao seu porte normalmente arbustivo, uma pátria d'eleição.

Em portaria de 15 de Dez^a. do mesmo ano é provido no lugar de Administrador da Mata e Santuário o Presbítero MAURICIO JOSÉ PIMENTA.

Mezes volvidos, o deputado PINTO D'ALMEIDA, na sessão de 4 de Maio, declara saber de fonte fidedigna a má administração que rege o Buçaco, onde se derrubam lenhos seculares para dar lugar a culturas hortícolas: que este escândalo requer imediatas providências.

P. MAURICIO declara porém, sem fundamento a arguição feita. (carta de 10-V-59); e o próprio Ministro das Obras Públicas, na sessão de 7, responde que averiguou, mas não encontra vestígios dessa má administração: antes soube que à testa se encontrava um homem probo e capaz. (Diário do Governo do referido ano).

Fôra grande, no ano transacto, a actividade nos viveiros, estabelecidos no terreno das Mortas e Chão de S. Elias (cf. TALHÕES DO CONVENTO e de S. TERESA.) O mérito cabe ao Agrónomo MORAIS SOARES, de tanto haver enriquecido a colecção dendrológica da Mata. Ele próprio, nas páginas do "Archivo Rural" nos vai descrever as esperanças existências do arvoredo incipiente, no Verão de 1859. Olçamo-lo:

(1) Era então 1 palmo=8 polegadas=0.22 m.

"Residimos toda a temporada na matta do Bussaco, q
é a dama dos nossos pensamentos. Por encareciment
de seus dons, alguns lhe chamam Cintra do Norte,
mas parece-nos que desfazem no pretendem engrande-
cer e louvar..."

"A belleza e amenidade d'êste antigo e sancto retiro
inspira uma doce e mysteriosa melancholia a
quem o contempla; mas não é só por este lado que
nos arrebatá o pensamento..."

"Na matta do Bussaco vegeta a laranjeira e o vido-
eiro...entre os extremos de uma escala formada por
estas duas plantas podem florescer milhares d'ella
e por isso acreditamos que alli se podem fazer ex-
tensos ensaios de aclimação de arvores florestaes
exoticas, com acrescentamento da natural belleza da
cerca, e por conveniencia dos interesses economi-
cos do paiz."

.....
"Vai para quatro annos que o governo incorporou na
administração geral das mattas do reino a matta
do Bussaco. Então havia perto de vinte especies
florestaes indigenas; e hoje muitas exoticas, já
alli radicadas, promettem esperançosos resultados."

"Varias especies de carvalhos e freixos do Mexico,
diversos exemplares do genero acer, betulas, faias,
nogueiras pretas, tilias, catalpas, pawlonias,
choupos, e muitas outras especies indigenas com-
pletam uma consideravel colleção de plantas fo-
lhosas, novamente introduzidas no Bussaco.

"Dois exemplares de casuarina equisetifolia, que
apenas teem dois annos, apresentam um vigor de
vegetação admiravel.

"As coniferas exoticas estão tambem alli represen-
tadas por curiosos individuos das tribus das
cupressineas, das abietineas, das taxineas, das
podocarpeas."

"Os juniperus bermudianos, os da Virginia, e outros
medram no Bussaco a olhos vistos, assim como os
cedros decdara, os do Libano e atlanticos."

"Encanta ver o desenvolvimento rapido de uma aran-
caria Cunninghamii; as brasiliensis...estão muito
vigosas."

"Das taxineas temos lá varias especies; o taxodium
sempervirens avanta-se a todas."

"Encontram o terreno caroavel cinco especies de
abetos; de pectinata e do picea ha para mais de
40 exemplares."

"Os pinheiros elevam-se com ufanía; o sylvestris,
canariensis, nigra, laricio, insignis, desenvolvem-
-se admiravelmente." Dos pinheiros novos do Mexi-
co possui o Bussaco uma colleção de vinte espe-
cies; foram alli sementeados ha pouco mais de um anno
e estão bem dispostos. Do pinus pinsapo ha um

ex. lindissime de tres annes..." (transcr. por SIM. DE CASTRO. 1883: 25-26.)

Seja-nos relevada tão fastidiosa enumeração; porém ela nos dá a saber que espécies em 1859, já havia radicadas, e aspecto mais ou menos viçoso de cada uma.

A nomenclatura contém desinên cias - ora vulgares , ora científicas no estilo da época, faltando actualizar algumas. (1)

Bem merece uma consagração - e nêsse sentido algo nós alvitfamos (cf. T. de S. TEREZA) - quem tanto se devotou à Mata de Bugaco, vendo-a e sentindo-a como silvicultor e como esteta: merito sobrelevado ainda pela modéstia extrema que um seu coevo relata. É LOPES MENDES quem, em-1874, no-lo conta:

"O beneficiador e reformador do Bussaco actual é...RODRIGO DE MORAES SOARES. Consigno com respeito este nome, que não se encontrará talvez escripto em nenhum ponto, dos muitos em que no Bussaco tem pousado sua mão reparadora e reformadora."

"De uma pequena lapide sei eu que, por ter a ousadia de o revelar, foi por elle mandada arrancar da fonte fria, cuja reparação memorava, punindo-a assim de sua indiscrição." (ant.cit.1874)

Pinus pinea="Abies pinea" "Abies Picea="Picea excelsa".

1860-69

Nesta década, a flora do Buçaco será grandemente enriquecida.

A muita cópia de plântulas existentes em viveiro, e cujo viço tão prometedor se antolhava ao entusiasmo de MORAIS SOARES, proveu às 1^{as}. plantações de arvoredo exótico, feitas a partir de 1858.

O Cipreste lusitânico, por naturalizado há muito (cf. III parte deste relatório), desde logo teve a primasia. Colhida semente nos decanos da floresta e levada a seminário, ou aproveitados exemplares, brotando espontâneos, em plantório, breves viveiros do Tanque Grande e Chão de S. Elias regorgitavam desta nobre essência; e se, em Janeiro de 59, sòmente 45 transitaram ao lugar definitivo, já no Dez^o. dêsse mesmo ano houve plantados 1019 a marginar os arruamentos. (cf. Memorial da Administração.) Outro-sim, dispostos foram 31 pés de Vinhático ("Persea indica") nas bordas da almuíña do Convento: 1 Taxódio ("Taxodium distichum") ao pé do Tanque Grande: e um ex. de "Araucaria cunninghami" no quintal dos Limoeiros. (cf. Talhão do Convento.)

De seguida viram-se as existencias de viveiro ainda acrescentadas em número e qualidade, provendo plantações sucessivas.

1859-60

Rib^a. dos Castanheiros: 360 (J₂)
Lago da Fonte Fria: 2 (A'₂) + 2 (C'₃) + 2 (J) + 2 (P) + 8 (T)
Fonte de S. Teresa: 2 (A'₃) + 1 (A'₅) + 2 (A') + 2 (C'₃) + 2 (L)
+ 1 (P₄) + 1 (P₁₇) + 3 (P₁₈) + 2 (P₂₇) + 2 (P₃₇) + 2 (P'₃) + 1 (T)

1860-61

Portas de Coimbra: 7 (f₄)
 Costa do Sol: 98 (P₈)
 Porta do Luso: 36 (P₁₈)
 Laranjal Velho: 142 (P₃₇)
 Pinhal da Eira: 5 (P₂) + 25 (P₁₈) + 31 (P₅₇)
 Quintais das ermidas: (S. José, S. Elias, S. Miguel e
 Conceição): 8 (A₁₃)
 Plantação do olival: cf TALHÃO DA CONCEIÇÃO.

1861-62

Costa do Sol: 36 (P₂₇) + 10 (P)
 Santa Teresa: 6 (P₂₇)
 S. Silvestre: 6 (P₂₇)
 Quintal do Bispo: 3 (A₁₃) + 3 (P₂₇) + 2 (P₁₇)
 Tanque Grande: 1 (m)
 Chão de S. Elias: 34 (b')

1866-67

Entrada do Luso e outros lugares não especificados:

37 (A) + 11 (A'₁) + 365 (C₅) + 2 (C₉) + 79 (C''₁) +
 4 (C''₂) + 7 (C''₃) + 4 (C''₄) + 2 (D) + 57 (J) + 9 (L₁) +
 4 (L) + 10 (P₁₄) + 72 (P₁₇) + 20 (P₁₈) + 39 (P₃₁) + 2 (P₃₉) +
 2 (P''₂) + 3 (S₁) + 7 (T) + 26 (T₅).
 13 (a) + 2 (c₄^v) + 3 (c^v) + 30 (e) + 6 (f) + 12 (j₁) +
 9 (m'₁) + 16 (p''₂) + 72 (q₆) + 27 (Q₆) + 18 (q) + 2 (c^v)!

Neste elenco há três espécies que actualmente o Duque
 não possui: o Pinheiro d'Alena (P₁₁); o Carvalho lusitano
 (q₆); a Alfarrobeira (c^v). Da última, por tão poucos re-
 presentantes, absteve-nos de tirar conclusões. Porém as ou-
 tras duas, uma vez mais demonstraram pronunciada vocação cal-
 cícola.

Paralelamente ao enriquecimento dendrológico, MORAIS SOARES operava, noutros domínios também, o engrandecimento da estância.

Enumeram-se algumas das obras principais:

- reparação no Tanque de S. Teresa (IX.59);
- refôrma da Fonte Fria (1865-67) e construção do lago fundeiro (VIII.59);
- concerto no Tanque grande, que abastecia um dos viveiros(1861);
- restauro do frontespício do templo, sem quebra do antigo estilo: e reparação nas celas do Convento, destinadas a receber veraneantes (1859 e 61);
- abrimento da estrada da Porta do Luso à Fonte Fria (1859), e daqui ao Convento (1865);
- trabalho d'embrêchados nas Portas de Coimbra (IX.66);
- vinda de um perito a restaurar as figuras da Via-Sacra(VI.66);
- obras na fonte de S. Silvestre (X.67);
- remate da estrada da Rainha, entre S. Teresa e o Convento(IX.62).

Também a iniciativa particular operava como adjuvante em restaurar o Buçaco.

F. DE MESQUITA PAIVA PINTO requer licença de reedificar à sua custa a capela do Sepulcro -instituída por seus antepassados-, então em completa ruína (4.XI.63.)

ANTÓNIO MEDEIROS DA CÂMARA, da Ilha de S. Miguel, oferece um donativo para se concluir a estrada da Rainha: no valor de 27.810 rs. (IX.62).

Um grupo anônimo de admiradores de Bugaco resolve quotizar-se de molde a emprender o concerto instante da Fonte do Carregal. (IX.66).

O CONDE DA GRACIOSA oferece um Taxólio e um Castanheiro da Índia -espécies raras ao tempo-, para ornamento do Passo do Sepulcro (1860). E, assim, outros mais.

Não bastavam as verbas oficialmente atribuídas, à ância de renovar a bela estância: era diminuta a contra-partida das receitas.

Por vigorar na Mata a explorabilidade física, rendimento só havia o dos frutos pendentes, a lenha, e a madeira das árvores mortas; e essas mesmo não atingiam frequentemente o seu valor intrínseco.

Frutos pendentes era a noz, a bolota, o medronho e a cortiça.

Em Out^o. de 1863, as Nogueiras da Ribeira dos Castanhêiros renderam apenas 480 rs. Toda a Mata vendeu, no entanto, 3000 rs. a 300 o alqueire.

A bolota fôra vendida em Julho de 1857 a 200 rs. o alqueire.

A produção, todavia, operava-se com intermitência de alguns anos (carta de 1.VII.57.)

Em Nov^o. de 1860 cotou-se a 120. No ano seguinte, seu arrendamento global, em Out^o., deu 9900. Em Set^o. de 1862 venderam-se 30 alqueires a 800, o que prefas 2400. E em Nov^o. de 1863 vendeu a venda global 14400.

O Medronho vendeu-se em Dez^o. dêsse mesmo ano por 4000 rs.

A Cortiça era um rendimento não menos aleatório: quer nas cotações, quer nas disponibilidades de venda. A tiragem dêsse

produto em Nov^a. de 1860 forneceu 6-7 camadas para vender, reservada a melhor às obras do Convento. Fez-se leilão. Foi de 64\$800 o maior lance. (carta de 4.XII.60).

A condução da parte vendida teve de se fazer em carradas de 30 arrobas: a falta de estradas não permitia cargas maiores -o que aumentava o n^o. de fretes.

Tanto a viação difícil como o afastamento dos mercados consumidores, muito desvalorizava os produtos da Mata, acrescendo muitas vezes o gravame de sua difícil extracção.

Reunindo em quadro os troncos d'árvore vendidos no decénio que nos ocupa, verifica-se a caprichosa oscilação do preço / m³.

Para um cálculo meramente aproximado, -e tanto basta ao nosso intento,- calculámos o volume dos troncos em função do diâmetro na base e da altura, como se foram cilindros. O erro cometido não será avultado, por isso que a grande maioria tem poucos metros d'altura, por isso não sendo muito dispares os diâmetros das secções sup. e inf.

No Quadro (2), por nós elaborado, 6 rúbricas específicas e 1 genérica se conteem.

O título "Carvalho" convém indistintamente ao Roble (Q) e ao Cerquinho (Q).

De cada rúbrica extraímos a média aritmética dos valores / m³, e obtivemos a escala inserta no seguinte:

Q U A D R O (2)

| Nomenclatura | Smb. espec. | Nº. de Verbas | VALORES | |
|--------------------|-----------------|---------------|---------|--------|
| | | | médio | maximo |
| Cupressus glauca | C ₅ | 4 | 2\$686 | 4\$687 |
| Buxus sempervirens | b' | 6 | 1\$656 | 2\$916 |
| Prunus lusitanica | P ₄ | 3 | 1\$467 | 2\$121 |
| Quercus Robur | Q | 21 | \$628 | 1\$165 |
| Quercus tozza | Q ₁₅ | 6 | \$540 | \$833 |
| Castanea sativa | c ^v | 1 | \$714 | - |
| Quercus Suber | Q _o | 1 | \$259 | - |
| Juglans regia | J ₂ | | | |

Cabe o 1.^o lugar ao Cipreste do Buçaco. A seguir vem o Buxu, por grnde margem de diferença, seguido de perto pelo Azereiro. O Carvalho e o Castanho ficam sensivelmente àquém.

A madeira do "Cedro" era mais rendosa quando aparelhada. Em 1861 foram remetidas ao Instituto Agrícola, por interferência do agrónomo MORAIS SOARES, as peças seguintes e Cepos. Houve propostas de aproveitamento dos cepos de árvores resinosas, para extrir o pez. Foi permitido fazê-lo imposta a ressalva de não deteriorar o arvoredo em pé. (carta de 12.I.65.)

A lenha superabundava, e nem sempre tinha procura.

Em 1863 venderam-se 55 carradas a \$160, prefazendo 8\$800 ra. Todos êstes rendimentos eram eventuais: razão tinha o P.MAU-

RÍCIO de responder pelo seguinte teor a um inquérito industrial no distrito d'Aveiro:

"Esta matta do Bussaco não se explora em plano industrial; conserva-se em toda a sua integridade como parque florestal monumental, e não se aproveitam como valores venais senão as peças sans que se podem utilizar nos troncos das arvores caducas, que o tempo derriba ou que a renovação das plantações força a abater; bem como as lenhas mortas e fructos das arvores e arbustos que tem applicação na economia domestica e industrial. O rendimento procedente d'estas origens é mui pequeno e vario..."
(carta de 16.IX.63.)

Exemplificando, apresenta o seguinte mapa relativo a 1863.

Q U A D R O (3)

Nota do rendimento de madeiras, lenhas e mais objectos vendidos em 1863:

| | | | |
|----------------------------|----------------------|-----|-----------|
| Peças de madeira | Nº. de toros | 186 | |
| | Valor | | 81\$060 |
| | Nº. de toros e varas | 59 | |
| | Valor | | 4\$350 |
| Peças de cedro aparelhadas | Nº. de peças | 12 | |
| | Valor | | 7\$110 |
| Lenha | Nº. de Carradas | 120 | |
| | Valor | | 25\$600 |
| Medronhos | Venda por junto | | 4\$000 |
| Bolota | idem | | 14\$400 |
| Nozes | idem | | 2\$880 |
| Cavacos de pinho | (por junto) | | 2\$100 |
| Rendimentos das cascas | | | 80\$080 |
| Total | | | 2 21\$580 |

Em Dez^a. de 1859 veio ao Buçaco o feitor do Pinhal de Valverde -mata nacional- como inspector d'ensaios silvícolas. (carta de 12.XI.59.)

Ao outro ano, o mesmo técnico foi incumbido de colleccionar amostras de madeiras creadas na Mata, com destino à próxima exposição de Agosto na cidade do Porto, e à de Londres em Maio seguinte. (Id. 13.VII.61.)

Representa a collecção reunida algumas dezenas d'espécies da flora expontânea local; obtiveram-se serrando um dendróbio representativo de cada uma. O elenco é o seguinte:

Acácia branca (a₀)
Aderno (P^v)
Ameixieira (P₃')
Amieiro (a₁'')
Azereiro cumum (P₃')
" dos danados (P₆')
Azevinho (1)
Bordo (a₃)
Buxo (b')Carvalho branco (Q)
" preto (Q₄₅)
Castanheiro (c^{vi})
Catapereiro (c)
Cerdeira (P₁')
Figueira (f'')
Folhado (v)
Freixo (f₄)
Giesta
Hera (h₁)
Laranjeira (c₄'x)
Lentisco (P₂'y)
Louro cumum (1)
Macieira (P₂'v)
Marmeleiro (c^x)
Medronheiro (aⁱⁱⁱ)
Murta
Nogueira (j₂)
Olaia (c₂)
Oliveira (o)
Pereira (P₄'v)

Sabugueiro (s₁)
Salgueiro (s)
Sanguinho (r¹)
Sobreiro (Q.)
Vidoeiro (b.)
Vinhático (v)
Cipreste do Buçaco (C₅)

Uma colecção semelhante, acrescida de especimes dos lançamentos folheares e florais, e de frutos desenvolvidos, conforme a orientação de BARROS GOMES -o pioneiro da Geobotânica portuguesa- foi levada também, em 1867, à Exposição Universal de Paris. (Id. 8.III.67.)

Desta época é a seguinte missiva do Capelão, onde refere ser difícil aproveitar em viveiro os dendróbios de subosque:

" Na mata, que está povoada de grandes árvores, há bastantes arvores pequenas, como são azevinhos, azereiros, loureiros, aderneiros, que poderão transplantar-se; estando estas embrenhadas nos pequenos intervalos das maiores, a ponto de mal se poder andar pela mata, supponho que não resistirão à mudança, porque a bastidão e a sombra não as deixam criar raizes suficientes para reviverem na transplantação." (Id. 28.I.67.)

O documento denuncia quão basta era a espessura do arvoredó que tanto tempo andara abandonado a si.

Só então fruiríamos o espectáculo da Mata virgem, condenada d'orãvante à florestação jardinada.

1870-79

As arroteias precursoras da rearboração das clareiras principais que ainda havia, fizeram-se nesta década.

Apenas enumera-las nos compete, visto serem descritas ao versar o talhão respectivo. Sigamos a ordem cronológica.

Restaurada a portaria oriental e aberta, logo após, a estrada de Sula (1870): construído o ramal desde aí até à Porta da Serra (1872), e, finalmente, à Cruz Alta, (1873), seguiu-se marginal de arvoredo as novas vias de acesso. (cf. T. DE S. MIGUEL: parcela (2); T. DO BARRO: parcela (1), (2) e (4); T. DO GRÉS: parcela (1).)

Em 1872 ressemeou-se o velho Pinhal de S. Antão (TALHÃO X : parcela (3)) e arroteou-se o Chão de S. Elias (T. XV: parcela (7)).

Em 1873 foi o dessaibramento da faixa marginal do ramal da Cruz Alta. (T. IV: parcela (1)).

Em 1876 roturou-se o terreno a circundar as Hortas do Sul. (T. DO CONVENTO: secção III.)

Pela reforma de 11 de Maio de 1872 -ou melhor o seu regulamento de 22 de Junho- sendo Ministro das Obras Públicas ANT^o. CARDOSO AVELINO, vedou-se o quadro dos serviços florestais aos não diplomados pelo Curso de Silvicultura, ficando d'est'arte as

funções técnicas e as administrativas em domínios diferentes.
(FERREIRA BORGES. 190: 308).

À Mata do Buçaco atribui-se então um regime especial, fóra do quadro das três divisões florestais do Continente, constituindo d'orãvante uma repartição autónoma, regida pelo Capelão-Administrador, sob a imediata superintendência do Administrador Geral.

O pessoal subordinado -o permanente e efectivo- reduzido estava a um criado e um servente.

Em 1874, SILVA MATOS apresenta investido nêste último cargo a um varão humilde, ao qual, não obstante, o Buçaco é devedor.

Descreve-o assim:

"um velho cheio de animação e entusiasmo pelo seu Buçaco..."
"Esse homem é Francisco António, o servente, o sachristão, última reliquia dos tempos monásticos, pois que já serve o Convento desde 1809."
"Francisco Antonio é um desses individuos, de que o mundo se encarrega de esquecer o nome e os serviços..." "Servindo o mosteiro desde sua adolescencia, foi a extinção da comunidade estímulo á sua afeição e zelo. Guardava, rondava e vigiava sem saber para quem, nem de o saber cuidava: o seu fim era que aquellas arvores fossem respeitadas, que ali não se praticasse uma irreverencia, não se comettesse uma profanação." (aut.cit. 1874: 64 - 65.)

Também nós, em êste singelo relatório, lhe arquivamos o nome: -o dum Simplex, que salvaguardou, quanto pôde, a inviolabilidade do Bosque santo.

Pela mesma reforma de 11 de Maio de 1872, cometido foi aos três chefes de divisão florestal empreendessem o inventário dos bal-

dios nacionais, municipais, paroquiais e de mão-morta, a valorizar logo após, pela Silvicultura.

Por carência dos meios coercivos, em este caso imprescindíveis o cometimento gorou por completo. Se tivera execução, de há muito a cêrca do Buçaco estaria acrescida pelo perímetro florestal da Serra: e hoje, sem dúvida, em vez duma florestação incipiente, reconstituída veríamos a perdida floresta climática dos velhos tempos das coutadas de Lorvão.

Desta época, todavia, um escrito de valia nos ficou: a "Memória sobre a administração das Matas em Portugal" contida no Relat. da Administ. Geral das Mattas de 1874. Respeitante ao Buçaco, nêlo respigámos o texto em francês que retrovertemos assim:

"O que presentemente lhe dá foros de notável é o contraste do seu antigo e novo aspecto. A principal essencia é o Carvalho, muito bem representado por várias espécies, em cada uma podendo admirar-se exemplares colossais." É também digno de nota, certas espécies dendrológicas de 2^a. e 3^a. categoria atingirem no Buçaco, um elevado porte. Nêsse caso estão "laurus", "Viburnum", "Phillyrea", "Ilex", "Arbutus", "Cerasus", "Buxus", "Rhamnus" etc. etc. Porém o que verdadeiramente lhe dá fama é o Cedro do Buçaco - denominação antiga e vulgar de tão magnífica essencia. Este "cedro", no entanto, não difere de "Supressus glauca" de Lamark, ou de "Cupressus lusitanica" de Tournefort...". "Seje como for, é uma árvore belíssima e de porte colossal, medindo certos exemplares 40 m. d'altura e 5-6 m. de circunferência à alt. do homem." "Outro-sim, prendem a atenção do silvicultor as recentes plantações no Buçaco feitas, havendo centenas de imponentes exemplares das principais famílias florestais do Globo." (JOÃO MARIA DE MAGALHÃES - loc. cit.)

Pela mesma época, o silvicultor MORAIS SOARES organizou um catálogo das essências no Buçaco expontâneas, expressas na nomen-

clatura de BROTERO. (SILVA MATOS & LOPES MENDES - 1874: 107-108).

É o seguinte:

QUADRO (4)

Essências do antigo povoamento
da Mata do Bussaco

| | | |
|------------------------|---|----------------------|
| "Quercus racemosa" | ' | Carvalho cummun |
| - "robur" | - | roble |
| - "pubescens" | - | parco da Beira |
| - "fruticosa" | - | anão |
| - "suber" | - | sobreiro |
| - "occidentalis" | - | occidental |
| "Fagus castanea" | | Castanheiro |
| "Pinus maritima" | | Pinheiro bravo |
| - "pinus" | - | manso |
| - "fragilis" | - | - molar |
| "Cupressus lusitanica" | | Cedro do Bussaco |
| "Ilex aquifolium" | | Azevinho |
| "Phillyrea latifolia" | | Aderço |
| "Prunus lusitanica" | | Azereiro |
| "Laurus nobilis" | | Loureiro |
| "Viburnum tinus" | | Folhado |
| "Fraxinus excelsior" | | Freixo |
| "Acer pseudo-platanus" | | Platano bastardo |
| "Persea indica" | | Vinhatico do Bussaco |
| "Coryllus avellana" | | Avelleira |
| "Salix nigra" | | Salgueiro preto |
| "Arbutus unedo" | | Medronheiro |
| "Buxus sempervirens" | ' | Buxo arboreo |

Alguns reparos o traslado nos sugere. Primeiramente a latitude em que se toma a designação "carvalho": a seis espécies distintas conviria o nome genérico; porém se nos reportarmos ao sistema usado pelo Mestre insigne D. ANT^o PER. COUT^o, reduzidas serão a quatro, visto não terem categoria de espécie a última e a primeira.

Consoante a monografia do género "Quercus" devida a este mesmo Botânico (1), a equivalência dos dois sistemas assim se opera:

(1) PEREIRA COUTINHO : Os Quercus de Portugal (em Bol. Soc. Brot. t. VI. 1888).

"Quercus pedunculata"

- A. vulgaris.....Q. racemosa
- B. longipedunculata.....Q. robur

"Q. toza" Boss. ;.....Q. pubescens

"Q. humilis, Lam.".....

- . genuina.....Q. fruticosa

"Q. Suber, L."

- . brevisquama.....Q. suber

Relativamente a "Q. occidentalis", D. ANT^o PER. COUT^o impugna-lhe a individualidade específica: e para tanto se fundamenta nos caracteres flutuantes do Sobreiro em Portugal -ora persistindo as folhas por 2 e 3 anos como na esp. lineana: ora restringindo-se apenas ao ciclo de 1 ano, como na suposta esp. "Q. occidentalis".(ibid.)

Nas restantes espécies do catálogo de MORAIS SOARES, ao Castanheiro deve-se actualizar a designação científica: "Castanea sativa, Mill."

Há porém uma singularidade a respeito do Freixo. BROTERO, na "Flora Lusitânica" (1807), identificou-o com "Fraxinus excelsior, L."; WILLKOMM, em seu "Prodromus Florae Hispanicae" (1870-1880), também lhe aponta habitação em Portugal; Mestre PER. COUT^o, no entanto, definiu-lhe mais tarde o seu verdadeiro lugar na Sistemática, assimilando o nosso Freixo a "Fraxinus angustifolia, Vahl." (1).

(1) Subsídios p^a o conhect^o da flora portuguesa, em Bol.Soc.Brot. t. XII. 1895.

Em meados d'este decénio, a colecção dendrológica da Mata do Buçaco fôra acrescentada de 128 espécies exóticas, não entrando na enumeração uma dezena representativa do gén. "Quercus" -espécies bôreo-americanas e médio-europeias-(1). (cf. parte final dêste relatório.)

Em 1878, entre os espécimes de madeiras remetidas desta estância à Exposição de Paris, já iam representadas "Abies excelsa" (2) e "Cedrus deodara" -indicando serem por então, presumivelmente, das advenas as mais desenvolvidas. (carta de 30.VII.77.)

Em 1871, LOPES MENDES, recémchegado da Índia portuguesa, onde fizera o levantamento topográfico das florestas de Satary, visitou em Buçaco MORAIS SOARES: e tanto enlevo achou na mística estância que de todo se lhe devotou, levantando-lhe a planta e desenhando-lhe os sítios mais notáveis -trabalho concluído no ano seguinte-.

Todavia, a 1.^a medição não foi essa: D. JOSÉ D'ALARCÃO em Dez.^a de 1867 a executara, dando cumprimento à circular de 10 d'Abril do ano antecedente.

Levantada porém agora em todos os detalhes, aparece publicada na escala de 1/10.000, a valorizar a publicação de 1874, de que foi colabrador. Atribuimos-lhe um valor inestimável, atento o auxílio que nos presta em reconstituir o Buçaco antigo.

Ao começar esta década ergueu-se o padrão comemorativo do gran-

(1) SILVA MATOS, op. cit. pg. 113-117

(2) "Picea excelsa" em nomenclatura actual.

de prélio de 27 d'Agosto, É um obelisco talhado num monolito em fôrma piramidal. Vê-se fóra-muros, na esplanada entre a Porta de Sula e a da Rainha.

Perto desta, restaurada foi, em 1870, a capela das Almas -hospital de sangue na batalha memoranda. Pouco abaixo, a "cova das balas" fica; é um desatêrro que foi depósito de pólvora. Ao retirar, mandou-a explodir o general inglês, -com grave dano do muro da cêrca e do arvoredô próximo, na parte mais alta da Costa do Sol. (cf. Memorial de FR. JOSÉ DE S. SILVESTRE.)

Um dos raros produtos certos em que a Mata superabundava era a lenha. Interêsse havia na sua extracção, mesmo gratuita, por medida de protecção à regeneração natural.

Nas vendas, a princípio feitas por arrematação, os carreiros ao extraf-la faziam gravame nos sítios por onde passavam -nem sempre de evitar-.

Reconhecido, breve, que a receita era àquém do prejuízo, limitou-se então à concessão gratuita, em 2 dias por semana,, de pequenos molhos de levar à cabeça. (carta de 18.XI.79.)

Com respeito à venda de madeira, o Capelão encarecia as vantagens de regulamentá-la. Por sujeita andar a Mata à explorabilidade física, as disponibilidades de venda eram fortuitas.

Sempre, no entanto, não só a utilidade financeira como os riscos de conservar "in loco" as árvores contaminadas de moléstias pe-

gadiças, impunham remove-las sem detença.

Lenhos disponíveis, muitos havia se os temporais com frequência os derrubavam: poucos ou nenhuns o ano corria bonançoso.

Não menos ocasional era a procura, condicionada pela urgência de seu emprêgo.

A madeira de que a Mata mais frequentemente dispunha era de carvalho e, não tanta; de "cedro". O pinho utilizava-se d'ordinário em reparo das edificações entre-muros. Alguma também havia de azereiro, medronheiro, aderno, sobe e azevinho, procuradas por serem úteis em curiosidades de marcenaria e torno.

P. MAURÍCIO propõe que as vendas se façam a preços tabelados segundo dimensões e qualidade; e, ou as madeiras se entregam em bruto no lugar em que estão: ou previamente aparelhadas conforme indicações do comprador, mediante o prévio adiantamento do custo.
(1d.12.XII.79.)

Para rematar apresentamos um quadro de grandezas e valores de toros de carvalho, vendidos para as obras de construção do túnel do Salgueiral, na linha da Beira Alta. (1)

É o seguinte:

(1) carta de 27.XII.78.

Q U A D R O (4)

| Comprtas. (m) | Diâmetros (m) | Superfície das peças | Valores (reais) |
|------------------|------------------|-------------------------|--------------------|
| 3,70 | 0,45 | 1,665 | 2,000 |
| 4,50 | 0,35 | 1,575 | 1,800 |
| 4,50 | 0,30 | 1,550 | 1,800 |
| 3,50 | 0,35 | 1,225 (a) | 1,800 |
| 3,50 | 0,30 | 1,050 | 1,600 |
| 4,00 | 0,25 | 1,000 | 1,600 |
| 3,00 | 0,30 | 0,900 | 1,000 |
| 2,80 | 0,32 | 0,896 | 1,800 |
| 3,00 | 0,25 | 0,750 | 1,500 |
| 1,80 | 0,36 | 0,648 | 1,000 |
| 3,00 | 0,20 | 0,600 | 1,500 |
| 2,40 | 0,18 | 0,432 | 1,500 |
| 2,00 | 0,20 | 0,400 (a) | 1,300 |
| 1,20 | 0,35 | 0,380 | 1,500 |
| 1,10 | 0,30 | 0,330 | 1,600 |
| 1,10 | 0,15 | 0,255 | 1,160 |
| 1,40 | 0,15 | 0,210 | 1,150 |

(a): peças defeituosas.

1880-89

Nêste novo período é ininterrupta a re-arborização das clareiras, havendo cuidado em registrar de ano a ano o local das plantações, a natureza e quantitativas das essências. E êsses registros são preciosos no subsídio que prestam à determinação dos valores etários de cada dendróbio. Por via dêles calculámos, em função de tais valores, a média anual de crescimento em copiosos exemplares representativos de várias essências, permitindo apreciar-lhes em confronto -havendo identidade de Meio- o grau respectivo de aclimação. Para tanto elaborámos o grande Quadro sintético das plantações, pelo teor já exposto no relatório de tirocínio.

O novo Administrador Sr. ERNESTO DE LACERDA, imprime um novo ritmo ao progredimento da estância, que de ano para ano se valoriza.

Em 1880 é consignada a verba de 600\$000 rs. a constituir um Arboreto de Coníferas, instalado em terreno devoluto do antigo Laranjal.

Hoje ostenta, em povoamento equiânmo uma valiosa colecção de padrões específicos, prestando-se a um utilíssimo confronto ecológico. (cf. TALHÃO XXI).

Para comodidade dos amadores de Botânica florestal, cada exemplar levou a etiqueta do nome específico pelo sistema de CARRIÈRE.

Hoje é mister acrescentá-lo nos moldes que propomos adiante, servindo não apenas a representação das Coníferas, mas também a das essências planifólias. (cf. TALHÕES XXVI e XXVII).

A organização dum Museu Florestal, atribuiu-se pela mesma época, a quantia de 100\$000 rs. Ficou instalado em duas salas do Convento. Nêle se arquivaram, pacientemente reunidos, exemplares da fauna e da flora; um herbário florestal e outro de plantas herbáceas organizados por Marques Loureiro, rodellas de troncos e prancha de madeira, cortados nos melhores exemplares de cada essência; ramos infectados de parasitas; peças de madeira aparelhada nas bitolas de uso comerciável; pranchas de cortiça; instrumentos usados nos trabalhos de silvicultura; finalmente produtos de indústrias rurais, sobre tudo provenientes da sub-região gandraesa.

Ainda hoje o museu não possui instalações próprias. Adeante se apresenta um novo alvitre de o instalar num edificio de traça carmelitana, a construir no recinto da antiga capela do Bispo, servindo também de gabinete de Ecologia. (cf. TALHÃO XVII).

No mesmo ano mandou-se levantar, na escala de 1/1000, a planta topográfica da Mata -trabalho orçamentado em 154\$000 rs.

Neja ficaram representados os contornos das clareiras existentes, assinaladas por monogramas.

Seu rigor nem empre satisfaz. Adoptámo-la para matriz da nossa Carta Dendrológica, mas rectificada nas partes em que era mister.

Dest'arte o nosso levantamento veio preencher uma lacuna.

Em 1883, serviu ela de base ao inventário das clareiras principais, a saber:

- Nº 1 - Cruz Alta. 675 m²
Nº 2 - Fonte de S. Miguel. 3.500 m²
Nº 3 - Porta de Sula. 625 m²
Nº 4 - 5 e 6 - Covão de S. Elias. 450 m²
Nº 7 - Costa do Sacramento. 2.700 m²
Nº 8 - Laranjal Novo. 1.350 m²
Nº 9 e 10 - Jordão. 700 m²
Nº 11 - Gruta de S. Pedro. 1.600 m²

As replantações, logo feitas, serão versadas nos Talhões correspondentes.

Na Costa do Sol já se efectivara o repovoamento mais extenso. Não foi um preenchimento, antes uma conversão: numa extensão de 7912,5 m² praticou-se um corte raso "querquetum" indígena, apenas ficando de pé alguns sementões (cf. TALHÃO XX).

O chão assim devoluto semeou-se de penisco. Tal devia obedecer ao intuito de converter parte da Mata numa exploração ordenada.

Felizmente, o mal avisado plano ficou por aí. No relat. do ano econ. de 1886-87, o Administrador Sr. ERNESTO DE LACERDA pugnavia pela florestação jatinada, como se não houvera, nêsse teor, unidade de vistas:

"Querendo conservar o pitoresco do Bussaco que tão apreciado é por quantos o conhecem, não é possível sujeitar a Mata a uma exploração regular que em pouco tempo destruiria toda a sua natural beleza.

"Sou por isso de opinião que devemos continuar usando os meios de conservação adoptados, pondo de parte qualquer ideia de exploração."

Felicitêmo-nos por ainda existir êsse inestimável padrão da nossa floresta climática.

Se prevalecera a acanhada ideia que se nos antolha -de uma exploração ordenada- hoje o poeta, o esteta e o naturalista teriam a deplorar um atentado irreparável, de lesa-natureza: a destruição duma reserva florestal sem par em parte alguma da Europa, no dizer de LICHTENOWSKY.

Nesta década, a flora espontânea do Buçaco chamou a atenção dos herborizadores e sistematistas do Jardim Botânico de Coimbra, onde JÚLIO HENRIQUES pontificava.

O mais assíduo colector foi MARQUES LOUREIRO, -a quem se devem os dois herbários existentes na Administração do Buçaco, -auxiliado por ANT^o DE CARVALHO, A. MOLLER e J. DE MARIZ.

Copioso material florístico foi enriquecer as famosas colecções da Universidade. JÚLIO HENRIQUES af lhes fez as respectivas diagnoses botânicas, publicando em 1884, no Bolt. da Soc. Brotariana, o estudo intitulado "A vegetação espontânea do Bussaco".

Seu autor, diz, referindo-se ao elenco sistemático: "Algumas destas especies foram de certo alli introduzidas por sucessivos possuidores. Estão porem hoje por tal forma estabelecidas que mal podem ser consideradas como hospedes." (op. cit.: 110)/

Por 1865, os membros da Comissão dos Serviços Geológicos estudavam porfiadamente a formação cretácica. O empreendimento às vezes não era fácil, visto a ausência de fósseis indicadores impedir avaliar-lhe com segurança a cronologia.

As supostas manchas cretácicas, na 1ª edição da Carta Geológica (1876), estão imperfeitamente deliniadas. Tal sucedeu ao depósito notável conhecido por "Grés do Buçaco".

Estes depósitos veem-se na Serra interrompidos, reaparecendo àquém do Mondego, onde já em tempo LINK os descortinara, entre Fós-d'Arouce e Ponte da Mucela.

Em 1853, DANIEL SHARPE representou essas nódoas salpicando o dorso da Serra, no esboço geológica de sua autoria (op. cit. : 136).

Em 1867, CARLOS RIBEIRO, levado por sugestão dos trabalhos de VERNEIL, em Espanha, incluiu-as no Terciário.

Em 1881, VASCONCELOS PEREIRA CAERAL achou três fósseis na pedreira fôra-muros da Porta de Sula. O Marquês de SAVORIA, que os classificou, atribuiu-lhes a idade cretácica, denominando-os assim:

"Sphenopteris angustiloba, Hr."

"Phyllotaenia costulata, Sap."

"Magnolia paleocretacica, Sap."

- a 1ª, Felicínea; a 2ª, Monocotiledónia; Dicotiledónia a 3ª.

Finalmente, PAULO CHOFFAT, após investigar detidamente os confusos depósitos da Orla Mesozoica, publicava em 1886 a obra monumental que se intitula "Colecção de monografias estratigráficas do Sistema Cretácico de Portugal".

sobretudo enriquecida pela brilhante colaboração do pàleo-fitologista Marquês de SAPORTA.

O empreendimento causou justificado sucesso nos meios científicos. Trabalho duplamente meritório -preenchendo importantes lacunas da nossa Carta Geológica, e levando à descoberta famosa, no jazigo do Cercal, das mais antigas Dicotiledónias europeias.

A sub-região gandraesa pertencem os depósitos fitalianos de Buarcos (62 espécies), Vila Verde de Tentúgal, Berba (Mira), Arada (Quintãs), Esgueira, Portomar, Casal dos Bernardos, -descritos na obra cit.

A análise comparada das flóruas desses depósitos, em concomitância com o exame estratigráfico, levaria, talvez, à exacta classificação geológica dos "Grés de Buçaco". Muitos desses fósseis não estão, porém, classificados além do género -o que, necessariamente, é pouco.

E, após locubrações, CHOFFAT conclue: "...o exame das flóruas cretácicas portuguesas reserva-nos sureprezas; seu estudo abre perspectivas de alcance, por enquanto, difícil de prever".

A classificação do "Grés de Buçaco" continúa por fazer. Na edição mais recente da carta geológica de NERY DELGADO, com data de 1927 mas ainda não publicada, figuram eles ainda na rubrica do Senoniano (C).

Nêste decénio, o âmbito murado do antigo Carmelo viu-se acrescentado pelos domínios confinantes da banda Norte.

Foi primeiro a Mata do Marquês da Graciosa, adquirida em 1887-88 por 5.000\$000 rs. (cf. TALHÃO XXIX). Depois, várias glebas contíguas à estrada moderna de Penacôva, a circundar pelo Setentrão e o Poente aquêl'outro domínio.(1) (cf. TALHÕES XXVII e XXVIII).

A par do aumento em território, obras de aformoseamento valorizavam na Mata agradáveis perspectivas: - foi uma o Lago do Laranjal e seu arruamento do Vale dos Fetos (1887-88); outra, a tão aprasível Cascata de S. Teresa (1886-87); e, finalmente, o Jardim Novo, ocupando o chão da antiga almuíña do Convento (1886-87). (cf. TALHÕES XXVI, XV e XVI).

Por êsse tempo, uma portaria de 4.XI.88 enviava o Administrador do Bugaco em comissão aos viveiros de Paris, Gand e Angers; nêles adq^uiriu uma valiosa colecção de sementes e plantas ornamentais, destinadas ao embelezamento dos sobreditos locais, destacando-se entre todas 10 exemplares de "Salantium antarcticum", alguns de 2,60 m. de altura, comprados a 277\$500 rs. (carta de 24.XI.88).

Destarte, a colecção botânica de espécies exóticas viu-se grandemente enriquecida.

(1) - Carta de 21.IV.88

Vinha de longe o projecto -elaborado em 1874 por MARIANO DE CARVALHO- de dilatar ao planalto da Serra o arvoredo da Mata. Começou o plano, em 1885-86, a realizar-se, fazendo-se os primeiros tentâmens a título de ensaio, no planalto do Telégrafo. (cf. TABELÃO I).

No lugar próprio far-se-á a crítica da execução do plano.

Penorama geral tirado do Calvario



1890-1920

A construção do Albergue monumental é o sucesso em torno do qual gravita a actividade dêste período.

A ideia brotou, modesta a princípio, logo após a visita que, em Agosto de 1877, aí fez D. MARIA PIA e os Infantes, demorando quinze dias.

Relata CAROLINA MICHAELIS -também por essa época aí fôra-
quão elevada a Rainha se sentiu pela mística beleza da estân-
cia, saindo com desejos de voltar.

As duas salas onde já então se congregavam as 1^{as} peças dum museu incipiente, à falta de melhor serviu a albergar os régios hóspedes. Logo principiaram transformações nos edificios para torná-los dignos de visitantes de tão alta categoria. Só, porém, em 1888 o Ministro das Obras Públicas EMÍDIO NAVARRO, numa rasgada visão de homem empreendedor, pôs a concurso o plano de novos edificios que substituíssem os acanhados anexos do Convento. Aprovado foi o decenógrafo e architecto italiano LUIGI MANTINI, mandado logo executar por despacho ministerial de 18.VII.88, ficando a superintendência dos trabalhos a cargo do Administrador da Mata, ERNESTO DE LACERDA.

O corpo do edificio principal na ala Norte, a Casa românica fazendo-lhe seguimento e a chamada Casa do Museu, começaram a edificar-se em Nov^a seguinte.

O projecto inicial abrangeneramente as linhas gerais dos edificios. O plano complementar, também cometido a elle, serviu brilhantemente os detalhes de execução.

O Administrador LACERDA, executor da Obra, não regateia louvores ao Artista de "élite" que tão bem soube enquadrar o monumental edificio na verde moldura da paisagem.

Às vezes, um plano de detalhe que trouxera esboçado, totalmente o modificava "in loco", após cuidadoso exame das perspectivas. (carta de 24.IX.1890).

Em carta ao Conselheiro Director Geral de Agricultura, o Superintendente escreve assim:

"A importância da remuneração dada a MANINI é a 4.ª parte de que por esse trabalho levaria um dos artistas que em Lisboa se occupam de trabalhos de decoração, e que aliás não teria a sciencia e a harmonia do estilo de MANINI.

Atrevo-me a afirma-lo com a plena certeza de que V.Ex. assim o julgará também quando se dignar visitar esta Mata e o edificio em construção, que ficará sendo um verdadeiro monumento nacional." (idem)

Outros documentos dão testemunho do zêlo com que o Administrador LACERDA, não sacrificando as obras, acautelava os interesses do Estado. O relatório do ano económico de 1889-90 reza assim:

"Com a verba autorizada para a reconstrução dos anexos do Convento continuei os trabalhos já começados... Diz-me a consciência que fiz por construir o mais economicamente possível, não receando que em igualdade de circumstancias se possa fazer trabalho nem mais solido nem mais barato.

"...o aparelho de cada m³ de cantaria, entrando molduras e torcidos, custa apenas 4\$440 rs."

"A cantaria das pedreiras d'Ançã, que se comprava posta no Bussaco a 14\$500 rs. o m³, custa-nos hoje junto à obra 6\$600 rs...." "tiramos este resultado explorando a pedreira por Administração e conseguindo a redução nas tarifas do cam^o de ferro da Beira Alta."

"Fude substituir com vantagem a areia de Cadangos, que se calculou ficar pronta na obra a 1\$176 rs. o m³, pelo saibro explorado dentro da Mata, que depois de lavado e substitue com vantagem e custa apenas 800 rs. o m³."

"Outro material em que se fez grande economia foi o teijolo, que vindo da Pampilhosa importava em 10\$000 rs. o milheiro, e que fabricado no Bussaco não custa mais de 5\$500."

Nêste teórprosseguiam as obras sob a orientação do zeloso funcionário que as superintendia: fiel executor do faustoso projecto -MANINI. Entretanto não eram descuidados assuntos complementares, "verbigratia" o abastecimento de água ao monumental edificio. Comprou-se um veio dela ao povo de Cerquedo, nos vales do Leite e da Moura; um outro se captou nos baldios de Pencôva. (carta de 22.XII.92) relat. do ano econ. de 1891-92).

Para receber-lhes o caudal fez-se um tanque à ilharga Sul do edificio em construção: canalizações até ôle: e, próximo, uma estufa, destinada a primores do Reino Vegetal.

O 1º orçamento votado a realização do projecto -MANINI foi no valor de 130.245\$000 rs: bastante, se os trabalhos decorativos em pedra não aumentasse ao triplo quando ulteriormente detalhados: se não houvesse importantes decorações a óleo e azulejo: se, ainda; à edificação principal não se houvera acrescentado outras mais, a saber: - a casa dos Cedros, obra do architecto NICOLIA BIGAGLIA; a Casa da Administração da Mata e a dos Correios e Telégrafos, projectadas por MANINI; a galeria da ala Sul, ideada por J. ALEXANDRE SOARES.

As decorações a óleo foram entregues a alguns consagrados pintores nacionais, como JOÃO VAZ, ANTº RAMALHO e, principalmente CONDEIXA: as figuras alegóricas do tecto da Sala dos almoços, são um primôr de idealidade. Dos painéis de azulejo encarregou-se o Mestre sumo JORGE COLAÇO.

O todo da obra, assim acrescentada, importou em 190.872\$950 rs.

Acêrca dêsse Monumento, -cujo corpo principal ostenta os requintes da tão portuguesas arte manuelina, -há quem deplore encontrá-lo onde está; preferindo-lhe o terreiro de Sula ou as Portas de Coimbra.

Convimos que tal munificência melhor quadrava ao Parque de Sintra. Mas talvez se fôra assim, -e no Buçaco houvera apenas humildes tugúrios carmelitanos ou (peor seria) modestas construções de gosto banal, - de certeza não tanto se haveria dilatado, hoje em dia, a fama do Buçaco. Visitam-no emperantes e rajás: aryistas e intellectuais da Europa culta; mas, se tão apregoado é, em muito o deve aos requintes de confôrto e luxo, que o "grande mundo" não dispensa.

A elegante silhueta do "Palace" a recostar-se na exuberante moldura da paisagem, é, no estrangeiro, o seu melhor cartaz de propaganda.

Tê-lo feito às Portas de Coimbra seria profanar êsse terreiro augusto onde como que palpita ainda o místico ambiente de outrora. No terreiro de Sula? -talvês; mas aí por completo lhe faltava a moldura de maravilha que tanto faz realçar essa joia architectónica. Achamos bem o que está e onde está.

Até acrescentaremos ser conveniente valorizar ainda as cercanias do "Palace", construindo no recinto das hortas um lago de 100 m. de comprimento e 50 de largura máxima, com bancos de recreio, também servindo de piscina de natação.

A topografia local presta-se, maravilhosa, ao intento, bastando prolongar-lhe o atêrro já feito, de modo a encerra-lo pelo ângulo NE.

Água que baste a mantê-lo em corrente branda servirá a da vizinha fonte de S. Tessa, possivelmente acrescentando-lhe a da Cascata. Hoje, que o Albergue monumental se acha abastecido pelas copiosas e puríssimas nascentes de Luso, poder-se-á dispôr dêsses outros caudais, sem inconveniente.

O próprio lago, funcionando de reservatório, servirá à irrigação das parcelas subjacentes.

O novo recinto, emoldurado de pérgolas floridas, servirá para diversões ao ar livre, contribuindo certamente para reter o viajante.

O character mundano restringir-se-á, porém, ao nesso Talhão do CONVENTO (cf. TALHÕES XV e XVI). Uma absoluta separação de domínios solução é que se nos antolha possível e não difícil: tal a que propomos.

Quão distante vai já a época de 70!... CAROLINA MICHAËLIS, em 1906, lembrava com saudade o Buçaco de 1877, onde "a vida dos hóspedes decorria amena e suave, quasi idyllica," em paz suave..."

A fisionomia do antigo Mosteiro não é já possível reconstituf-la: nem isso lhe quadrava bem na floresta jardinada a servir de envoltório, povoada de exóticas essências.

Tão pouco se pense em destruir tão valiosa moldura dendrológica, de inestimável interêsse para o naturalista.

Porém defese nos não parece repôr na primitiva as parce-

Albergue Monumental (fachada nordestina)
- Galeria; torre; Casa Românica.
Ex. de "Arancaria bidwilli", plant. em 1861.
D= 0,90 m. d= 0,012 m.



las da Mata que menos transformadas se encontrem ou possuam unicamente arvoredos estranhos de menor valia. Suspendamos porém o assunto: retomá-lo-emos adiante.

Na leve crónica e nótulas críticas dos principais sucessos respeitantes ao Buçaco, não se pôde olvidar o notabilíssimo trabalho científico de NERY DELGADO, referente ao Sistema Silúrico de Portugal (1908).

Digno sucessor do grande Mestre CARLOS RIBEIRO, na direcção da Comissão Geológica de Portugal impõe-no a obra feita no decurso dum tempo longo: -copiosa no quantitativo de espécies bibliográficas, e profunda no rigôr da análise empreendida.

A par da Colecção de monografias estratigráficas do Cretácico Português de CHOFFAT e da clássica Flora Fóssil autorizada com o nome de SAPORTA (1885), o Sistema Silúrico de DELGADO é um monumento erguido em honra da Geologia portuguesa.

Em côrtes da Serra, o autor descreve minuciosamente a composição litológica e paleontológica das assentadas, a possança e inclinação dos estratos silúricos, rematando por uma reconstrução orotectónica.

Individualiza nove camadas no Ordoviciano (S^1), e vê representadas, no Buçaco, duas do Gothlandiano (S^2).

Dá relêvo à presença de retalhos dum manto diabásico (D), e tira partido da discordância nos pontos de contacto com as formações câmbria (Cb_1), Arcaica (Z) e antracólítica (H^2).

Em remate, publica uma planta geológica de escala 1/50.000, onde se encontra minuciosamente representado e enxadreado característico da Serra.

O exemplar cartográfico é belo de colorido, perfeito de execução e minúcia, com a localização exacta dos perfis.

Infelizmente não ficou completa em vida do autor. Por sorte a completou, ultimamente, seu antigo ajudante ROMÃO DE SOUSA.

A zona siluriana do antigo Carmelo e bem assim da mór parte do planalto contido no Perímetro actual da Serra, subordina-se à rubrica quartzites de "Scolithus" (S¹_{III}).

Exceptua-se apenas, entre-muros, a Costa do Sacramento e Penedo das Lapas: e, fóra dêles, a aba da Serra voltada ao Cerqueado, onde dominam as quartzites com Bilobites (S¹_{III}).

Aquella outra assentada pertencem, dentro da Mata, no todo ou na máxima parte, os nossos Talhões de S. José do Deserto, Calvário, Via Sacra, S. José, Costa de S. Antão, Vale dos Fetos e Valé das Lapas.

A extrema fundeira, junto à formação antracólítica, só poderá fixar-se por sondagens prévias. De facto, ocupando as quartzites tôdas as eminências sobranceiras ao vale de S. Silvestre, os blocos que do alto se despenham por ocasiões de tormenta foram pouco a pouco sepultando a zona dos conglomerados: daí o ser-nos "in loco" revelada = apenas a geologia superficial.

Por obsequiosa deferência do actual Director dos Serviços Geológicos, possuímos uma cópia dessa planta, completa e actualizada.

Em remate apresentamos uma série de cubagens feitas em madeiras de várias essências e seu respectivo valor em escudos. O Gráfico complementar exprime, em confronto, os respectivos valores por m³.

QUADRO (5)

Mapa da madeira vendida na Mata do Buçaco, no período de 1912 - 17.

| Ano econ. | Espécie | Cubagem (m ³) | Valores | |
|-----------|-------------------------|---------------------------|-----------|-----------------|
| | | | total | /m ³ |
| 1912-13 | "Quercus Robur" | 40,835 | 102\$11 | 2\$50 |
| 13-14 | "Quercus toza" | 80,475 | 281\$87 | 3\$50 |
| 14-15 | | 51,504 | 180\$41 | 3\$50 |
| 15-16 | (carvalho) | 88,525 | 310\$03 | 3\$50 |
| 16-17 | | 64,675 | 258\$83 | 4\$00 |
| | | | | <hr/> 3\$40 |
| 12-13 | "Cupressus glauca" | 2,000 | 40\$00 | 10\$00 |
| 14-15 | | 30,834 | 314\$71 | 10\$20 |
| 15-16 | ("cedro") | 85,773 | 1.749\$25 | 20\$39 |
| 16-17 | | 31,942 | 594\$56 | 18\$61 |
| | | | | <hr/> 16\$00 |
| 13-14 | "Juglans nigra" | 0,057 | 1\$44 | 25\$26 |
| 15-16 | | 0,145 | 3\$66 | 25\$24 |
| 15-16 | "Castanea sativa" | 1,688 | 16\$88 | 10\$00 |
| 16-17 | | 1,210 | 28\$27 | 23\$36 |
| | | | | <hr/> 16\$68 |
| 15-16 | "Cryptomeria japonica" | 0,091 | 1\$55 | 17\$03 |
| 16-17 | "Platanus orientalis" | 0,326 | 9\$79 | 30\$03 |
| 16-17 | "Fraxinus angustifolia" | 1,423 | 34\$38 | 24\$05 |
| 16-17 | "Acacia Melanoxylon" | 0,729 | 17\$63 | 24\$18 |
| 16-17 | "Cedrus atlantica" | 0,432 | 10\$81 | 25\$02 |
| 16-17 | "Acer pseudo-platanus" | 3,872 | 54\$24 | 14\$00 |

Os registos oficiais que aproveitámos aqui dão notícia de "Fraxinus excelsior" (f.5) em lugar do Freixo angustifólio (f.4) denominado acima. Ora, sabido é que houve o errado juízo de identificar o 1.^o com o nesse Freixo cumum.

O Mestre PEREIRA COUFINHO, todavia, definiu a êste seu lugar na sistemática.

"Fraxinus excelsior" é espécie exótica, embora existente em Espanha. Dela, no Buçaco, não conhecemos exemplares avantajados.

Que ainda vigêrava nêsses registos a nomenclatura de BROTEIRO, comprova-o a desinência "Castanea vesca" que aí se dá ao Cas-tanheiro.



Arredondo das terras e da Corte de S. Francisco
"P. H. V. S. T. U. M. a. S. A. S. T. U. M."
No 13. Junho de Vinte e Nove.

1920 - 29

Nesta última década, o sucesso de mais importância é a inclusão de parte da Serra no regime florestal.

De longa data vinha o projecto de alargar a cêrca monástica e promover a florestação dos espaços circundantes: MARIANO DE CARVALHO o apresentou às Câmaras, em 16 de Janeiro de 1874.

O Administrador LACERDA o poz em execução a 1.^a vez, por 1885-86. (cf. TALHÃO DO TELÉGRAFO.)

É porém agora que o empreendimento se leva até final, graças à iniciativa do seu Administrador actual. O plano sobreleva outras mais preocupações. No orçamento para o ano econ. de 1922-23, insiste-se na urgência de captar novos caudais, visto os existentes não comportarem os gastos do Albergue monumental, nem tão pouco as necessidades das novas plantações; e também se diz da "enorme vantagem de continuar a arborização do planalto."

Após ter sido propagandista da florestação da Serra, com bom acolhimento junto das Câmaras interessadas, o dito funcionário expôs o seu louvável desígnio ao então Director Geral dos Serv. Florestais e Aquícolas, PEDRO ROBERTO DA CUNHA E SILVA, que o aprovou em princípio.

Logo se fez o necessário reconhecimento dos baldios, em Junho de 1922, desenhando-se um esboço cartográfico na escala de 1/12.500; a que serviu de matriz a Folha da Carta Corográfica na esc. 1/100.000.

Nêle marcou-se a linha aproximada de circumvalação do perímetro, compreendendo 298,75 hectares pertencentes à câmara de Penacôva; 86,87 hect. da Mealhada; 15,31 de Mòrtágua .

Decretou-se então a inclusão do perímetro no regime florestal, em 4 de Nov^o. de 1922.

A letra do diploma em parte reza assim:

"Atendendo a que, sob o ponto de vista do turismo e estética, é de toda a conveniência, num local tão visitado por estrangeiros, fazer desaparecer aquela mancha de terreno escalvado, que, sita na cumeada, mais sobressai e dá lugar a apreciações menos lisonjeiras àcerca da administração pública;. Hei por bem ordenar a inclusão por utilidade pública, no regime florestal, de um perímetro de arborização constituído pelos baldios ali sitos...que se denominará da Serra do Bucaco, na superfície de 400,93 hect., elaborando-se em seguida o respectivo plano de arborização, e procedendo-se ao inquérito local...a-fim-de decretar...a sua submissão ao regime florestal parcial."

Em Março e Abril de 1923 feito o inquérito junto das Câmaras interessadas, verificou-se não haver incompatibilidade do usufruto dos baldios com a florestação projectada: simplesmente a regulamentar aos povos esse domínio útil.

Por direito consuetudinário, partilhavam os baldios da metade Norte da Serra: -na vertente nordestina, os povos de Sula, (frèg. de Trezoi, conc. de Mortágua), e os de Cerquedo, Pendurada e S. António do Cântaro (frèg. do Carvalho, conc. de Penacôva). Na vertente oposta, Cássemes e Palheiros (frèg. de Sazes, conc. de Penacôva); e, finalmente Louredo (frèg. de Luso, conc. de Mealhada).

Os usos cuja manutenção solicitavam eram os seguintes: -apanhar lenha sêca; roçar mato; extrair saibro nos depósitos de grés; explorar pedreiras em locais designados; apascentar gado sem prejuizo das novas plantações; conservação do caudal da Fonte de Sula; garantia de comunicações entre as duas abas da Serra, nomeadamente entre Palheiros e S. António do Cântaro; posse dos moinhos de vento. Mais pediam

a concessão dos produtos das 1^{as}. limpezas dos futuros povoamentos.

Em 21 de Janeiro de 1925 começou a preparar-se o terreno da 1^a. sementeira, ao pé da Fonte de Sula.

Houve então protestos de quem dizia o terreno pertencer-lhe.

Suspendeu-se o serviço; e afixaram-se editais citando no prazo de 15 dias quem algo tivesse a alegar: -ninguém o fez.

Não obstante, a Direcção Geral manteve a suspensão dos serviços até ser publicado o Decreto de submissão ao regime florestal parcial, em 18 de Dez^a. de 1926.

Nêsse lapso de tempo empreendeu o Administrador do Buçaco uma hábil política de atracção dos povos vizinhos das aldeias de Pena-côva, angariando simpatias a opôr à hostilidade do povo de Sula.

Para tanto lhes foi ao encontro das aspirações, propondo e obtendo que a Direcção Geral dos Serviços Florestais mandasse prosseguir a construção do ramal d'estrada vinda de S. António do Cântaro até à Pendurada e ao Cerquedo. Faltava o troço desta povoação à portaria de Sula -logo feito.

Ao interêsse dos povos acrescia a utilidade futura de servir à extracção e condução dos futuros produtos da floresta, visto que a estrada percorre, e em grande parte delimita por Nordeste, o novo perímetro da Serra.

Finalmente lavrou-se em 25 de Maio de 1925 um auto autenticado pelas três Câmaras, acordando na delimitação dos respectivos baldios, àcerca da qual tinha havido divergências.

A florestação do Perímetro começa desde então, conforme o plano elaborado pelo Administrador Sr. MELO DE FIGUEIREDO. Ei-lo em suas linhas principais:

-nas encostas frescas e abrigadas do Norte plantar um massiço de "Cedrus atlantica" (C₁), "Cedrus deodara" (C₂) e "Chamaecyparis lawsoniana" (C₃);

-nas encostas d'exposição setentrional, "Acacia Melanoxylon" (a);

-extender os povoamentos de "Cupressus glauca" (C₅) às ravinas fundas e frescas; o Carvalho acompanha-lo-ia;

-constituir um massiço de "Pseudotsuga-Douglasii" (P^{'''}): essência de rápido crescimento e valiosa madeira;

-das essências indígenas, apenas o Carvalho e o Freixo (f.);

-o Pinheiro bravo ocuparia os lugares mais áridos e secos;

-no intuito de favorecer o pitoresco da paisagem e dificultar a propagação dos morbos, constituir um mosaico de manchas compactas de povoamentos puros da mesma essência.

O plano, a executar num decénio, levou apenas um lustro -de 1927-28 a 1932-33- na parte essencial:

-sementeira geral de Pinh^o. bravo;

-plantação dum massiço de Cipreste lusitano (C₇) entre a Fonte de Sula e o Vale da Moura; manchas puras e contíguas de "Cedrus" e "Chamaecyparis;" entre o Vale do Leite e o povoamento anterior;

-povoamento de "Pseudo-Tsuga" abaixo da volta grande da estrada da Serra, na vertente voltada ao Moínho do Quelhas;

-povoamento de "Cedrus" e "Chamaecyparis" na vertente sudoestina, contígua ao Pinhal do Telégrafo;

-Folhosas variadas no Vale da Covada, Barroca da Hereira, Carvalho d'Alonga e Barroca das Traves.

No propósito de completar a arborização, no troço meridional da Serra, o mesmo funcionário fez propaganda da ideia que viu aceite pela Câmara de Penacôva, reunida em sessão de 24 de Janeiro de 1933.

Na planta do perímetro da Serra, desenhada por nós reduzida à escala de 1/10.000, localizámos as plantações feitas; assinalámos as sementeiras realizadas; marcámos o contorno aproximado das manchas geológicas, e os pontos notáveis com a respectiva toponímia; representámos finalmente as relíquias existentes de pinheiral antigo e bem assim os núcleos onde se opera a regeneração natural do Carvalho negral (Q15).

As directrizes que, em nosso aviso, devem presidir a um plano de florestação, desenvolvê-las-emos na parte final dêste relatório.

De momento reatamos a breve crónica e nótulas críticas, perto já do remate.

Em 1925 foi a inauguração da nova estrada da Serra, levando da capela das Almas - fóra-muros da Porta da Rainha- à Cruz Alta, com um percurso de 5.418 m.



"Quercus" do Vale da Ervedeira

Poste de "Quercus Toza"

Reservado lhe está um papel turístico de nomeada, quando a florestação inciplênte ensombrar a Serra de frondes verdejantes.

A zona do planalto onde se ergue a pirâmide trigonométrica e pela via é circundada, uma vez posta em foco, merece preocupações quanto ao aspecto futuro.

Pretensão já houve de ser aí um campo de aviação. (carta de 8.I.1929.) Se perdura o intento ignoramo-lo. De facto, em 1931, os grandes blocos quartzitosos aí existentes foram laboriosamente quebrados a dinamite e transportados do local.

A localização do campo afigura-se-nos de somenos utilidade visto não servir nenhum centro importante, e ficar a poucas léguas de Coimbra.

Mais digno de aplauso vemos o projecto do Administrador Sr. MELO DE FIGUEIREDO: plantar aí um massiço de Cipreste do Bucaco.

Sabemos problemático o exito do empreendimento. Dificilmente essa espécie resistirá aos golpes do vento Léste, furibundos na quadra invernososa; havendo porém, dessa banda, o anteparo duma cortina d'abrigo -feita, por ex., com o Pinheiro bravo- o sucesso, na faixa ocidental, estaria quiçá assegurado. Pois não vegeta "Cupressus glauca" (C5) normalmente a essa mesma altitude, na Mata do Telégrafo (cf. TALHÃO I), ao abrigo da Cêrca vizinha ?

Teríamos assim revestida, pelo menos, a faixa ao Poente -a mais importante turísticamente , pois se divisa da linha férrea do Norte, e das movimentadas estradas da Bairrada.

Demais, a funda mobilização do solo que a espedrega implicou, beneficiou certamente as condições do substracto. Por tudo é nosso

voto que o tentâmen se faça.

O problema das águas, ante o consumo crescente do Albergue Monumental, tornara-se algo inquietante; nos mezes de verão, o precioso líquido captado nas proximidades do Cerquedo não era bastante. Por seu turno, as necessidades do viveiro e a rega das plantações, exageravam a falta.

Felizmente, desde 1930 mudaram as circunstâncias. Os viveiros, que havia instalados nas proximidades do Albergue, foram transferidos para as glebas fôra-muros da Porta das Lapas que possui caudais independentes.

O consumo do Palácio, êsse ficou assegurado pelas copiosas nascentes do Luso (carta de 4.X.1930.)

Já porém, anteriormente, no ano económico de 1925-1926 e 26-27, se obtiveram, por compra de terrenos adjacentes ao caminho florestal do Cerquedo, pouco abaixo da Fonte de Sula, a captação dalguas nascentes, na linha de junção entre as formações silúrica e antracólítica.

Êsses caudais são hoje sobreceletes, devendo aproveitar-se na irrigação da Mata e aprovisionamento de todas as suas fontes, que sêcas estão algumas delas.

Um plano detalhado, por enquanto, não é possível: falta-nos saber qual a vazão mínima das nascentes e fontes, e outro-sim as cotas de nível de todos os pontos da Mata principais.

As medições de LOPES MENDES com um barómetro de altitudes, feitas em 1872, carecem de suficiente rigor: por tal será mister realizar, quanto antes, o levantamento altimétrico da Mata do

Buçaco.

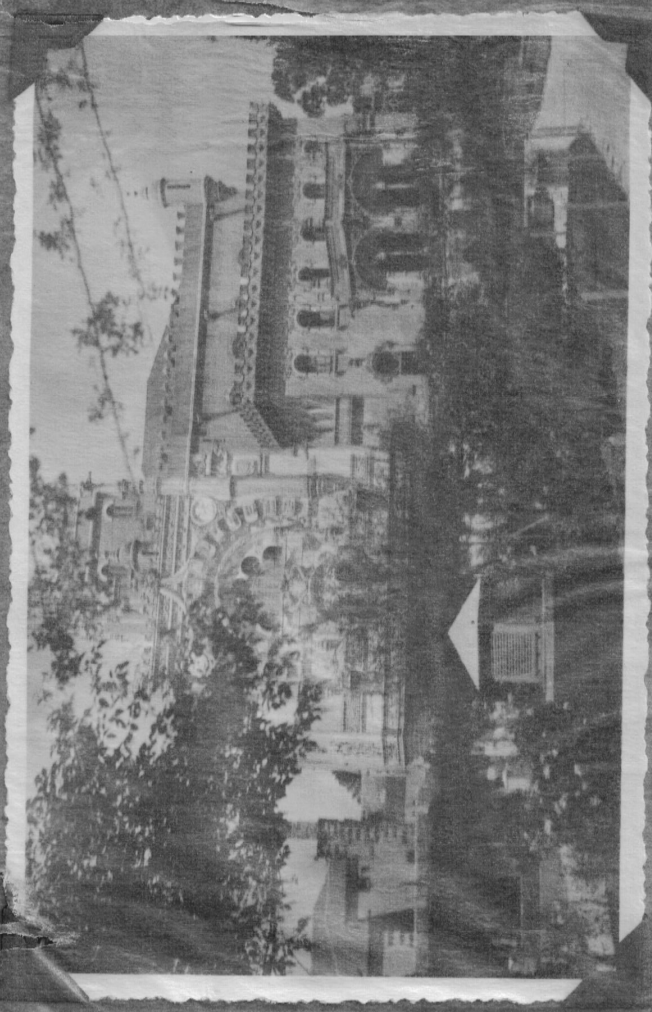
Aparentemente afigura-se o propósito quasi insuperável, nos talhões de mais compacto arvoredo. É possível, no entanto, o tornar a dificuldade:

Execute-se primeiramente a altimetria no leito dos arruamentos e ao longo do muro da cerca, ligando-a com a triangulação regional; e só depois, todas as vezes que o particularismo orográfico no-lo imponha, se complete com perfis transversais, sobretudo na Costa do Sol, Costa do Sacramento, Costa de S. Antão, Pinhal do Marquês e Talhão de S. João do Deserto. Excepto na Costa do Sol, onde a bastidão quasi impenetrável do arvoredo laboriosamente compele a um nivelamento composto: os demais sítios de vegetação rala e arbustiva, são os que melhor permitem mirar a distância facilitando o problema.

Na falta de tão úteis elementos, algo no entanto podemos adiantar. Com efeito, as nascentes que há no caminho do Cerqueado ficam ao nível superior à Portaria de Sula, "ipso facto" garantindo o acesso à estufa em projecto de S. Miguel, e a irrigação duma zona cujo limite superior correrá "grosso modo" ao fundo do Talhão do Saibreiro; e entre o passo da Verónica e a Porta Judiciária, até Herodes ou S. Antão; de sorte, que, excepto os talhões III, IV, V, e VI, todos os mais ficariam, no todo ou máxima parte, com irrigação assegurada.

Por isso nada obsta a que uma distribuição conveniente se faça, distribuindo a água por todos os locais onde seja precisa.

Na carta geral da escala 1/10.000 esquematizámos a distribui-



Albergue Lomura del (fachada sucoestina)
Cast. des Brades; Floreira.
No 14 plano: Jardim e Torre Climatológico.

ção que nos parece mais eficiente: Por alto, embora, vejamos em complemento a disponibilidade em caudais.

Primeiramente observemos que uma das nascentes captada a NE e pouco abaixo da Fonte Sula, em Agosto de 1925 vazava 340 litros/hora - o que não é muito -: mas após um percurso de 100 metros feito a descoberto e num leito sujeito a infiltrações. Captada na origem e levada num conduto, sua vazão acrescia. (carta de 22. VIII. 25.)

Adquiridas por compra três faixas de terreno superjacentes, lugar havia de perfurar o terreno em galeria e captar maior veio: afóra outros que, não distantes, se presumia haver. (ibidem).

A compra do terreno efectivou-se: e, na planta do Perimetro que em 1925 se levantou, figuram cinco nascentes: duas, a 430 metros, no Vale da Moura; e três de 430-460 metros, abaixo da Fonte de Sula.

Admitindo que nenhum dos restantes caudais ultrapassa o mencionado, e reservando um deles à irrigação das hortas locais — concedidas em usufruto aos guardas da Mata (carta de 22.VII. 22.0, — ficará disponível uma vazão de $4 \times 340 = 1020$ l/hora ou 22,6 l/minuto.

Esta quantidade é todavia, possível aumentá-la, encanando a água à nascente e obtemperando assim às perdas de infiltração e evaporação.

Ficando a cerca de 400 metros a Portaria de Sula, os aquedutos das 3 nascentes mais próximas irão cortar o muro da cerca na encosta mais acima, convergindo as águas num reservatório em S. Miguel, destinado ao aprovisionamento da estufa.

As duas nascentes mais distantes, do Vale da Moura (430 metros), tomarão o rumo da Costa do Sol, garantindo a perenidade da Fonte Nova, e a irrigação do futuro Arboreto da Cova da Raposa (cf. TALHÕES XIX e XXVI):

Assim removidos os obstáculos principais, o nosso plano será exequível: as nascentes de entre-muros jorrariam outra vez em todas as fontes, dando vida aos tanques e canteiros das ermidas: respondo, em suma, a fisionomia d'outrora, nos recessos evocadores da era carmelitana.

Da proveniência da espécie

"Cupressus glauca"

É este um problema científico, por enquanto envolto na capa do mistério. Quanto se há escrito vale só por tentativas goradas de lhe achar a precisa solução.

Em 1884 JÚLIO HENRIQUES versou o tema com o interesse correspondente à sua curiosidade de analista.

Pondo em foco a asserção do Cronista, ao apontar-lhe os Açores como lugar de proveniência, o ilustre botânico conimbricense categoricamente refuta a asserção, e para tanto se baseia no testemunho insofismável dos naturais do Arquipélago. Seja-nos lícito dizer as ponderosas razões em que êle se baseia.

GASPAR FRUTUOSO, descrevendo a vegetação da Ilha de S. Miguel no ciclo das Descobertas, nas "Saudades da Terra" diz assim: "...e desembarcando entre duas frescas ribeiras, de claras, doces e frias aguas, entre rochas e terras altas, todas cobertas de alto e espesso arvoredo, de cedros, louros, ginjas, faias e outras arvores diversas...".

A palavra sublinhada não se refere a um Cipreste, mas tão somente a "*Juniperus oxycedrus* L., var. *brevifolia* HOCHSTETTER.

SEUBERT, na Flora Azorica assim descreve esta essência:

--"Frutex ramosissimus interdum arborescens, incolis, - cedrus - dictus".

Esta espécie de Zimbro que hoje apresenta um porte mediano, revestiu outrora proporções mais avultadas, como se constata em alguns troncos soterrados, possivelmente por alguma convulsão vulcânica.

JÚLIO HENRIQUES ajuntou várias amostras de madeira proveniente desta espécie verificando pertencerm todas à espécie "Juniperus oxycedrus". Depoimento corroborante êle igualmente obteve dum lavrador Açoreano - E; DO CANTO -, o qual lhe escreveu dizendo:

"Do C. glauca, o exemplar mais antigo que conheço é um que tem 80 a 90 anos, existente na quinta de Santa Rosa, (Faja)..."

"Por 1844 veio do Bussaco uma porção de semente.. e deles se plantaram algumas matinhas. Tenho ainda algumas destas arvores; mas o rocío ou vento do mar prejudica muito o seu rápido crescimento, matando-lhes os rebentos novos e obstando completamente ao seu crescimento vertical."

Esta razão é por demais concludente, e invalidar ao Cipreste lusitânico a proveniência macronésica.

Outra proveniência ou mesmo Cipreste foi atribuída, considerado por alguns originário de Goa: outros, do Himalaia.

A primeira origem foi contestada por LOPES MENDES, como se vê em carta endereçada ao Visconde de S;JANUÁRIO:

"Não me parece que as sementes dos cedros do Bussaco fossem importadas da nossa Índia porque tendo percorrido todo o território de Goa em desempenho duma comissão florestal... não encontrei

em parte alguma certos iguais ao *C. lusitanica*."

Não se contentando com este único testemunho, J. HENRIQUES ao Botânico inglês HOOKER consultou a esse respeito, pedindo-lhe verificasse nas famosos herbários do Jardim Botânico de Kew havia exemplares de "*Cupressus glauca*" provenientes da Índia.

O sistematista britânico auxiliado do Prof. OLIVER, desempenhou-se do encargo, concluindo serem "*Cupressus glauca*" e "*Cupressus torulosa*" espécies idênticas: e não alterou sua persuasão ao examinar exemplares do 12, remetidos de Portugal.

JÚLIO HENRIQUES concluiu então que, por ser o *Cipreste lusitanico* apenas uma variedade de "*Cupressus torulosa*", e este oriundo da zona mesotérmica do Himalaia - onde foi encontrado por WALLICH entre 4500 e 8500 pés de altitude (1350 - 2550 m.)

Em zonas adjacentes encontrado foi também: por WEBB em Bhotania, e por HOOKER e THOMPSON em Simla. (cf. Bolt. Soc. Brot. III. 1884).

Havia pois de rectificar a descrição que está inserta na Flora.

Outro Prof. inglês MAXWELL T. MASTERS, empreendeu encontrar a chave do enigma. Ele nos chama a atenção para o mistério que, por então, occultava, de tal essência, a origem remota; e transcrevendo as asserções de JÚLIO HENRIQUES - por nós, categoricamente rebatidas (1), - respeitantes à introdução em

(1) Cf. CAP. III.

em Portugal, êle acrescenta o relato de observações pessoais no Museu de Kew. Diz-nos ter lá encontrado uma amostra de madeira, de 21 polegadas de diâmetro, com o rótulo: "Cupressus Sempervirens glauca" de S. Miguel, Açores, indicando fôra encontrada a 100 metros abaixo do solo.

E, por sabe-la ofertada pelo Prof; GOESE, então conservador do Jardim Botânico de Greifswald, pediu-lhe e obteve os informes seguintes:

- 1ª - que viera a 1ª vez a Portugal em 1866, incumbido da direcção do Jardim Botânico de Coimbra;
- 2ª - que as autoridades da Universidade lhe cometeram o encargo de herborizar em S. Miguel dos Açores os exemplares notáveis que lá houvesse;
- 3ª - que vira pedaços de madeira de coníferas, encontradas, conforme o testemunho do lavrador ANTONIO BORGES DA CÂMARA, a 100 metros de profundidade;
- 4ª - que tal amostra, logo adquirida, fôra por êle enviada ao Museu de Kew, para lhe ser feita a diagnose botânica.

Àcerca da proveniência açoreana diz assim:

"Nestas Ilhas tem havido por vezes erupções vulcânicas e não é fora de razão....que esta espécie "Cupressus glauca" fôra em tempo planta

indígena dos Açores, mas destruída em seculos passados pelas forças vulcânicas."

"Esta hipótese, baseada, não o nego, em bem poucos fundamentos, parece enfim quasi tão impossível como a que admitisse que o "Juniperus brevifolia" endêmico tivesse produzido arvores gigantescas".

"Pelo que respeita à origem do cedro de Goa, opinião de.... HOOKER e OLIVER de que o "Cupressus glauca" não é mais do que uma variedade do "Cupressus torulosa"... do N. da Índia, segundo o afirma o prof; WILLKONN no "WIENER ILLUSTRIRTE ZEITUNG" (1890), pode resolver-se a questão sobre a proveniência de Goa."

"Os jesuitas, quando de Portugal foram para Goa, aí introduziram por meio de sementes o "Cupressus sempervirens", muito comum no Sul da Europa e que de aí, conforme observei durante a minha longa permanência nesta região, grande número de variações.

"Estabelecido na Índia, poderia dar variações mais notáveis e poderia ser reproduzido mais tarde em Portugal como espécie nova. Em conclusão, penso que as amostras de madeira dos Açores pertencem ao "Cupressus glauca".

Eis um novo rumo que nos parece já lançar uma tênue luz nas trevas que envolvem o problema;

A mutação operada sob determinantes mesológicas não é caso impossível, e algo de importante nos permite afirmá-lo, que reservamos ao final deste capítulo.

Entretanto continuemos a crónica dos debates em volta do problema das origens do Cipreste lusitano.

O Prof. MAXWELL examinou a celebrada amostra de Kew e constatou não só a sua perfeita identidade com a do actual "cedro" dos Açores - "Juniperus communis, var. brevifolia", como ainda com a madeira proveniente dos troncos serrados dos Açores.

A hipótese de uma origem açoreana caducou, pois, inteiramente.

O mesmo autor acrescenta ser inútil procurar novos informes a respeito do "Cedro de Goa", porquanto os sucessivos escritores copiaram dos antecedentes.

Simplesmente se constata ser usada tal rúbrica a respeito do "Cupressus lusitanica" de MILL. ou "Cupressus glauca" de LAM. E conclue ser extemporâneo atribuir-lhe uma proveniência oriental.

A afinidade entre as essências "C. glauca", "C. torulosa" e "C. sempervirens" não exclue sejam tidas por boas espécies sistemáticas.

Não obstante a variedade da última, nenhuma variação deu ainda que a tornasse confundível com o Cipreste lusitânico - acentua o Prof. MAXWELL - (ibid.); embora lhe seja afim, "Cupressus torulosa" explicará facilmente, por variação ou mutação, o aparacimento de "C. glauca" - escreve JÚLIO HENRIQUES. (1911 : 178).

Pode-se dizer, em suma, que nenhum indício apreceu da presuposta filiação oriental ou macronésica, do Cipreste português.

Todavia, de molde a resolver o problema, novo e suspcioso rumo se nos apresenta:

CARRIÈRE, no seu Tratado das Coníferas, apresenta como variedades de "Cupressus lusitanica" as seguintes: - "C. Benthami"; "C. Udeana", "C. Lindleyi". O exame atento de exemplares diversos mostra que a diferença entre a planta portuguesa e "C. Benthami" é de pequeníssimo valor. (J. HENRIQUES, loc. cit.)

Finalmente, os abalizados autores da obra monumental "The Trees of Great Britain" -ELVES e A. HENRY - dão por comprovada a origem mexicana do nosso Cipreste, considerando a forma típica "C. lusitânica, Mill." com três variedades: - "v. Benthami, Carrière" (1867); "v. Shinnari, Carrière (1855); "v. glauca, Elwes et Henry (1910).

As três primeiras formas vegetam espontâneas no México, sem o menor indício de precederem de cultura.

Destarte, J.HENRIQUES deu alfin por averiguada a origem americana do Cipreste lusitano.

Em remate digamos o que se nos afigura verosimil.

Não pomos em dúvida a asserção do Cronista carmelitano: os 12s "ceéros" vieram dos Açores, -como ponto de escala.

No ciclo das Navegações hispano-portuguesas, os Açores serviam d'escala na rota das Indias Orientais e Ocidentais: Hindustão e Novo Mundo. Até aqui, subsiste a dúvida quanto à proveniência remota.

A tradição oriental teria a seu favor a afinidade do nosso Cipreste com o himalaiano "Cupressus torulosa" - a admitir uma possível mutação desta espécie, quando transportada ao Ocidente -.

Desde o séc. XVI devassaram a flora do nosso Império luso-indiano os 12s Botânicos portugueses:

TOMÉ PIRES, que foi em 1511 à Índia como feitor das drogarias, donde passou à China, a investigar-lhe a flora medicinal.

GARCIA DA ORTA, que viveu em Goa desde 1534, publicando escritos de subido valor, vulgarizados mais tarde por CLUSIUS.

CRISTÓVÃO DA COSTA - que mais contribuiu para o conhecimento das plantas da Índia - desembarcou em Goa em 1568, peregrinando pelo Oriente como herborizador.

Simultaneamente, naturalistas de Espanha faziam pesquisas na flora do Novo Mundo.

NICOLAU MONARDES, médico e botânico, publicou em 1565 uma "Hist. medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias occidentales."

FRANCISCO HERNÁNDEZ, médico de Felipe II, escreveu os "Quatros libros de la naturaleza y virtudes de las plantas y animales que estan recibidas en el uso de la medicina de Nueva España" publicada no México em 1615; depois acrescentou-lhe uma "Historia plantarum Novae Hispania", que só em 1790 foi publicada em Madrid.

Como se vê, Portugueses e Espanhois porfiaram na investigação da flora de suas possessões longínquas.

No período felipino, por certo os galeões de Espanha vin-



Planta des de ronda Montaña de...
de "Lapices de pizarra" presentat amb una de espais.